



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



PEDRITA REIS VARGAS PAULINO

**MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO E O PAPEL DA RELIGIÃO NA
PREVENÇÃO DE RECAÍDA NO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM
EGRESSOS DE COMUNIDADE TERAPÊUTICA.**

Dissertação de Mestrado

Juiz de Fora

2014

PEDRITA REIS VARGAS PAULINO

**MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO E O PAPEL DA RELIGIÃO NA
PREVENÇÃO DE RECAÍDA NO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM
EGRESSOS DE COMUNIDADE TERAPÊUTICA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de concentração: Processos Psicossociais em Saúde, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia por Pedrita Reis Vargas Paulino.

Orientadora: Prof.^a Cláudia Helena Cerqueira Marmora

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Paulino, Pedrita Reis Vargas.

MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO E O PAPEL DA RELIGIÃO NA PREVENÇÃO DE RECAÍDA NO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM EGRESSOS DE COMUNIDADE TERAPÊUTICA / Pedrita Reis Vargas Paulino. -- 2014.

163 f.

Orientadora: Cláudia Helena Cerqueira Mármora

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2014.

1. RELIGIOSIDADE. 2. ESPIRITUALIDADE. 3. COMUNIDADES TERAPÊUTICAS. 4. ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. 5. DEPENDÊNCIA QUÍMICA. I. Mármora, Cláudia Helena Cerqueira, orient. II. Título.

PEDRITA REIS VARGAS PAULINO

Mecanismos de enfrentamento e o papel da religião na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas em egressos de Comunidade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de concentração: Processos Psicossociais em Saúde, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia por Pedrita Reis Vargas Paulino.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Cláudia Helena Cerqueira Mármora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Avaliador 1: Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná

Avaliador 2: Rodrigo Hohl
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2014

Dedico este trabalho

*Ao meu esposo, Alexander, pelo amor, pela paciência, pela
compreensão e mais ainda pelo suporte nos momentos em que
achei que não daria conta.*

*Aos meus pais, responsáveis por me fazer sonhar e acreditar e
aos meus irmãos pelo apoio incondicional.*

*Ao João Pedro, meu grão, meu pé de feijão, que me fez acelerar
os passos e que no finalzinho do mestrado estava sempre a me
chutar meio que dizendo “acabe logo com isso mamãe, não
aguento mais você sentada”.*

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A professora Cláudia Mármora, por acreditar em mim desde o início, possibilitando meu aprimoramento pessoal e acadêmico, pela paciência e atenção sempre presentes durante esse processo.

Ao professor Alexander Moreira, pelas contribuições e apontamentos realizados. Agradeço por permitir minha participação no NUPES, trazendo para mim enorme crescimento pessoal e acadêmico.

Aos professores Telmo Ronzani e Laisa Sartes pelas contribuições em sala e fora de sala. Pelo crescimento proporcionado durante o envolvimento no CREPEIA.

Aos colegas do mestrado que ajudaram de muitas maneiras.

Aos amigos do CES-JF, por me inspirarem e motivarem a ir atrás da pesquisa. Especial agradecimento às professoras Esther Ireno e Fabiane Rossi.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal estudar os mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas em egressos de uma comunidade terapêutica na cidade de Juiz de Fora. Na atualidade a dependência de álcool e outras drogas é um assunto amplamente divulgado e discutido, sendo um grave problema social e de saúde pública. Apesar de muitos estudiosos entenderem a etiologia da dependência química como multidimensional, sendo os fatores sociais os elementos mais determinantes neste processo, Comunidades Terapêuticas tendem a entender a etiologia como unidimensional, seguindo o modelo de doença. Assim como tem sido feito com os fatores de risco, há hoje uma crescente preocupação em se estudar os fatores de prevenção e proteção contra o abuso de álcool e outras drogas, fatores esses encontrados no campo individual, familiar e social do indivíduo. As comunidades terapêuticas, modelos de tratamento informais para pessoas com dependência de álcool e outras drogas, surgiram no Brasil antes mesmo que houvesse qualquer política pública sobre álcool e outras drogas e são, habitualmente, baseados no Modelo Minnesota, em preceitos religiosos ou em uma combinação de ambos. Participaram da pesquisa nove egressos de uma comunidade terapêutica. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram: entrevista semiestruturada, no qual foi feita a análise de conteúdo; questionário socioeconômico e teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas, no qual foi feita análise quantitativa a partir da estatística descritiva para caracterização da amostra. Os resultados apontam a busca religiosa/espiritual como o principal dos três grupos de ferramentas apreendidas durante o tratamento na comunidade terapêutica, seguido da importância dos novos vínculos criados/suporte do novo grupo de apoio e do suporte psicológico recebido durante a internação. A religiosidade/espiritualidade está presente entre as estratégias e é endossada como muito importante pela maioria dos entrevistados. Há influência da religiosidade/espiritualidade durante o tratamento, sendo percebida por todos os participantes como foco principal do mesmo. Essa influência interferiu na religiosidade/espiritualidade da maioria destes egressos, trazendo uma “conversão”, mudança na doutrina anterior ao tratamento e maior envolvimento, busca de relacionamento com Deus após o tratamento. Quanto à representação da comunidade terapêutica para esses egressos, todos concordam com a importância dessa modalidade de tratamento, e referenciam o lugar como excelente, local de aprendizagem, refúgio e abrigo.

Os mesmos elogiam o tratamento recebido, através do amor e carinho percebidos na execução do trabalho dos psicólogos e monitores.

Palavras-chaves: Álcool, drogas, Comunidade Terapêutica, Mecanismos de enfrentamento, Religiosidade/Espiritualidade.

ABSTRACT

This research aimed to study the mechanisms of coping in relapse prevention in alcohol and other drugs in a therapeutic community graduates in the city of Juiz de Fora. Currently dependence on alcohol and other drugs is concern widely disseminated and discussed, being a serious social and public health. The etiology of addiction is multidimensional, but social factors are the most crucial in this process. As has been done with the risk factors, there is now a growing concern in studying the factors of prevention and protection against abuse of alcohol and other drugs, these factors are found in the individual, familiar and social fields. Therapeutic communities, informal treatment models for people with alcohol and other drugs' problems, emerged in Brazil even before there was any public policy on alcohol and other drugs and are usually based on the Minnesota Model in religious precepts or a combination both. This research counted with Nine participants. The instruments used in data collection were semi-structured interview; socioeconomic questionnaire and screening test for the involvement with tobacco, alcohol and other drugs. Quantitative analysis from descriptive statistics to characterize sample. The results show the religious/spiritual search as the main of the groups of tools seized during treatment in the therapeutic community, followed by the importance of the new groups/support established and psychological support received during treatment. The religiosity/spirituality is present between the strategies and is endorsed as very important by most subjects. There is influence of religiosity/spirituality during treatment, being perceived by all participants as the main focus of it. This influence interfered in religiosity/spirituality of the majority of these participants, bringing a change in doctrine after treatment and greater involvement, seeking relationship with God after treatment. Regarding the representation of the therapeutic community for these graduates, all agree on the

importance of this treatment modality, and refer the place as excellent learning place, refuge and shelter. They rave about the treatment received by the love and affection in the perceived performance of the work of psychologists and monitors.

Keywords: Alcohol, Drugs, Therapeutic Community, Coping mechanisms, Religiosity/Spirituality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dispositivos de tratamento para pessoas com dependência de álcool e outras drogas.....	10
Tabela 2. Fatores de risco e proteção para o uso de drogas	12
Tabela 3. Relatório de contato com os egressos	23
Tabela 4. Dados Sócio demográficos	26
Tabela 5. Dados sobre drogas	27
Tabela 6. Dados sobre o tratamento	32
Tabela 7. Resultados ASSIST.....	35
Tabela 8. Dados sobre religiosidade/espiritualidade	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA - Alcoólicos Anônimos

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CAPSad – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

CONAD - Conselho Nacional Antidrogas

CONFEN - Conselho Federal de Entorpecentes

CRE – *Coping* Religioso/Espiritual

CREPEIA - Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas

CT - Comunidade Terapêutica

CTs - Comunidades Terapêuticas

FUNCAB - Fundo de Prevenção e de Combate às Drogas de abuso

OBID - Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas

OMID – Observatório Mineiro de Informações sobre Drogas

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNAD - Política Nacional Antidrogas

R/E – Religiosidade/Espiritualidade

SENAD - Secretaria Nacional Antidrogas

SISNAD - Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas

SNC - Sistema Nervoso Central

SUS - Sistema Único de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
<i>ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS</i>	<i>303</i>
<i>POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE DROGAS.....</i>	<i>505</i>
Modelos de tratamento.....	08
Comunidades terapêuticas	08
<i>FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO NO USO DE DROGAS.....</i>	<i>1111</i>
Religião	13
A religião e a psicologia	14
Religiosidade/Espiritualidade e saúde	16
2. MÉTODO E PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS.....	19
<i>OBJETIVO</i>	<i>21</i>
Objetivos específicos	21
<i>HIPÓTESE.....</i>	<i>21</i>
<i>ASPECTOS ÉTICOS.....</i>	<i>21</i>
<i>PARTICIPANTES</i>	<i>22</i>
<i>LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO</i>	<i>22</i>
<i>AMOSTRA.....</i>	<i>23</i>
<i>INSTRUMENTOS</i>	<i>24</i>
<i>PROCEDIMENTOS.....</i>	<i>24</i>
<i>ANÁLISE DOS DADOS</i>	<i>25</i>
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
<i>CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....</i>	<i>26</i>
<i>HISTÓRICO DO CONSUMO DE DROGAS.....</i>	<i>27</i>
<i>O TRATAMENTO</i>	<i>32</i>
<i>RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE (R/E)</i>	<i>45</i>
Suporte social:.....	56
<i>MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO.....</i>	<i>60</i>
<i>FATOR DE PROTEÇÃO</i>	<i>66</i>
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
5. REFERÊNCIAS.....	73
6. APÊNDICES E ANEXOS.....	84
6.1 Apêndice A – Entrevista semiestruturada	84

6.2 Apêndice B – Carta de apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	88
6.3 Apêndice C – Transcrição das entrevistas.....	90
6.4 Anexo A – Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas (ASSIST).....	145
6.5 Anexo B – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	147
6.6 Anexo C – Submissão artigo	149

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade a dependência de álcool e/ou drogas é um assunto amplamente divulgado e discutido, sendo um grave problema social e de saúde pública. O uso de álcool e outras drogas representa, no entanto, uma prática milenar e universal que vem sendo realizada através dos tempos por diversos grupos sociais, com finalidades diversas (Linden, 2011; Pratta & Santos, 2006; Toscano Jr., 2000).

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 10% das populações urbanas de todo o mundo tem consumido álcool e/ou drogas de forma abusiva. Aponta-se uma tendência mundial para que esse abuso aconteça de forma cada vez mais precoce e, também, mais intensa (Brasil, 2004).

A dependência de álcool e/ou drogas é decorrente de uma gama de fatores incluídos na dimensão familiar, social e individual, bem como das rápidas e consistentes mudanças no modo de organização das sociedades (Pratta & Santos, 2006). É o que a OMS tem chamado de epidemia social, ressaltando os três fatores fundamentais: o agente (droga), o hospedeiro (usuário) e o ambiente favorável (família, grupos de convívio) (Lopes, 2005). A etiologia da dependência química é multidimensional, porém os fatores sociais são os elementos mais importantes (Washton, 2009).

Assim como tem sido feito com os fatores de risco, há hoje uma crescente preocupação em se estudar os fatores de prevenção e proteção contra o abuso de álcool e/ou drogas, fatores esses encontrados no campo individual, familiar e social do indivíduo. Neste trabalho, busca-se a compreensão dos mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas, em egressos de uma comunidade terapêutica (CT) na cidade de Juiz de Fora.

As comunidades terapêuticas (CTs) são “unidades que têm por função a oferta de um ambiente protegido, técnica e eticamente orientados, que forneça suporte e tratamento aos usuários abusivos e/ou dependentes de substâncias psicoativas, durante período estabelecido de acordo com o programa terapêutico adaptado às necessidades de cada caso (Brasil, 2001). Os modelos terapêuticos utilizados dentro das CTs no Brasil são, habitualmente, baseados no Modelo Minnesota – adaptação do AA para instituições, em preceitos religiosos ou em uma combinação de ambos (Araújo, 2003).

Poucos são os estudos sobre essa modalidade terapêutica no Brasil, muita é a resistência e, mais ainda, a preocupação de que, com o apoio e a verba governamental, seja um retorno aos modelos manicomiais. Mas, para o usuário dessa modalidade, o que ela representou em sua recuperação e quais foram os ensinamentos para a prevenção de recaída? Essa é ainda uma lacuna em nossa literatura e precisa ser mais explorada.

Estudos têm demonstrado que a religiosidade/espiritualidade tem sido associada ao menor consumo de drogas e aos melhores índices de recuperação, não atuando apenas como facilitadora na recuperação do dependente de álcool e/ou drogas, mas também diminuindo os índices de recaída (Sanchez & Nappo, 2008; Stroppa & Moreira-Almeida, 2008; Panzini, Rocha, Bandeira & Fleck, 2007).

Diante do exposto, as questões a serem desenvolvidas durante a execução do trabalho são: quais são as estratégias e mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas presentes nos discursos de egressos de CTs? A religiosidade/espiritualidade surge/está presente entre as estratégias? Essa religiosidade/espiritualidade é endossada como importante? A religiosidade/espiritualidade da CT interferiu na religiosidade/espiritualidade desse egresso? Como as comunidades terapêuticas (CTs) são percebidas por eles? O que as CTs representam para eles?

ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Qualquer substância não produzida pelo organismo, mas que possa atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações no seu funcionamento, mudança nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional pode ser considerada uma droga (Carlini, Galduróz, Noto, & Nappo, 2002). Para a medicina, droga é “qualquer substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento”(Cebrid, 2011, p.9).

As drogas, foco desta pesquisa, são as psicoativas, aquelas que atuam no sistema nervoso central (SNC) e são “agentes farmacológicos que alteram quimicamente a função do cérebro de maneira suficiente para causar mudanças no humor, percepção e/ou consciência de um indivíduo” (Washton, 2009, p.71).

De acordo com informações encontradas no site da OMS¹ o uso nocivo de álcool tem resultado 2,5 milhões de mortes a cada ano. Entre os jovens – 15 a 29 anos, são 320 mil mortes relacionadas ao álcool, resultando em 9% dos óbitos nessa faixa etária. Estima-se que, pelo menos, 15,3 milhões de pessoas apresentam transtornos por uso de drogas. Ainda de acordo com a OMS², em 2008 3,5% a 5,7% da população mundial, entre 15 e 64

¹ “[...] The harmful use of alcohol results in 2.5 million deaths each year. 320,000 young people between the age of 15 and 29 die from alcohol-related causes, resulting in 9% of all deaths in that age group. At least 15.3 million persons have drug use disorders.”

² “Recent estimates are that in 2008, 155 to 250 million people, or 3.5% to 5.7% of the world's population aged 15-64, used other psychoactive substances, such as cannabis, amphetamines, cocaine, opioids, and non-prescribed psychoactive prescription medication. [...] The use of psychoactive substances causes significant health and social problems for the

anos, usou substâncias ilícitas ou sem prescrição médica. O uso de substâncias psicoativas provoca significativos problemas à saúde – estima-se que 0,7% da carga global das doenças em 2004 foram devido ao consumo de cocaína e opiáceos, bem como problemas sociais, não só para o usuário, mas para os seus familiares e comunidades (WHO, [s.d.]).

O World Drug Report, da Unodc, traz a estimativa de que entre 149 e 272 milhões de pessoas (entre 3,3% e 6,1%) da população entre 15 e 64 anos fez o uso de substâncias ilícitas pelo menos uma vez no ano anterior e que metade desse número usou drogas ilícitas ao menos uma vez durante o mês anterior à pesquisa. Apesar disso, o uso de substâncias psicoativas ilícitas continua a ser substancialmente menor do que a utilização de substâncias psicoativas legais, como o tabaco. Cerca de 25% da população adulta (maior de 15 anos) são tabagistas atuais, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (UNODC, 2011).

Apesar do número global de usuários de drogas aparentemente ter aumentado durante a última década, de 180 para cerca de 210 milhões de pessoas, em termos de taxa de prevalência, a proporção de usuários de drogas entre a população com idade entre 15 e 64 anos, no entanto, manteve-se praticamente inalterada nos últimos cinco anos; em torno de 5% (intervalo de 3,4% - 6,6%) (UNODC, 2011).

Considerando os consumidores problemáticos de droga, o consumo se mantém relativamente estável, com as estimativas variando entre 15 e 39 milhões de pessoas, o equivalente a 0,3% - 0,9% da população entre os 15-64 anos. Embora não haja definição estabelecida de consumidores problemáticos de droga, eles são normalmente definidos por países como aqueles que utilizam regularmente substâncias ilícitas e podem ser considerados

people who use them, and also for others in their families and communities. WHO estimated that 0.7% of the global burden of disease in 2004 was due to cocaine and opioid use, with the social cost of illicit substance use being in the region of 2% of GDP in those countries which have measured it.”

como dependentes, e aqueles que usam drogas injetáveis. Aproximadamente um em cada 100 mortes entre adultos é atribuída ao uso de drogas ilícitas (UNODC, 2011).

POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE DROGAS

Foi com o objetivo de controlar o uso e o comércio de drogas, bem como de preservar a segurança e a saúde pública, que no início do século XX ocorreram as primeiras intervenções do governo brasileiro na área de álcool e outras drogas. Ainda não havia indícios de que o consumo de drogas chegaria a ameaçar a saúde pública, portanto a atenção era destinada “ao controle do consumo de drogas ilícitas” e usuários e traficantes eram penalizado através da exclusão social em prisões, sanatórios e hospitais psiquiátricos (Machado & Miranda, 2007).

O dependente passou a ser identificado como doente, a partir da década de 1970, sob influência da medicina, e em 1976, com a aprovação da Lei nº 6.368 – que fazia disposição sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências – além da troca do termo ‘viciado’ por ‘dependente de drogas’, vieram outras modificações como “a proposição de criação de estabelecimentos especializados para tratamento de dependentes de drogas na rede pública de saúde; a proposição de tratamento em regime hospitalar e extra-hospitalar e a proposição do tratamento – e não mais da internação – como medida compulsória” (Machado & Miranda, 2007, p.805).

A partir da lei supracitada houve a criação dos centros de tratamento, do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes e do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN). Ao Confen cabia, de acordo com seu artigo quatro, “propor a política nacional de entorpecentes, elaborar planos, exercer orientação normativa,

coordenação geral, supervisão, controle e fiscalização das atividades relacionadas com o tráfico e uso de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica...” (Brasil, 1992, p.19).

Ainda em 1986, foi criado o Fundo de Prevenção e de Combate às Drogas de abuso (FUNCAB), pela Lei nº 7.560, de 19/12/1986 – que cria o Fundo de Prevenção, Recuperação e de Combate às Drogas de Abuso, dispõe sobre os bens apreendidos e adquiridos com produtos de tráfico ilícito de drogas ou atividades correlatas, e dá outras providências. Para alterar alguns artigos desta lei, em 1993, criou-se a Secretaria Nacional de Entorpecentes, a partir da Lei nº 8.764, de 20 de dezembro de 1993.

A partir de 1998, o Brasil dá início à construção de uma política nacional específica sobre o tema da redução da demanda e da redução da oferta de drogas. A partir de sua adesão na XX Assembleia Geral Especial das Nações Unidas, na qual foram discutidos os princípios diretivos para a redução da demanda de drogas, que as primeiras medidas foram tomadas (Senad, 2013).

Ainda em 1998, o então CONFEN foi transformado no Conselho Nacional Antidrogas (CONAD) e foi criada a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), com a missão de coordenar a Política Nacional Antidrogas, por meio da articulação e integração entre governo e sociedade, mobilizando os diversos atores envolvidos com o tema para a criação da política brasileira (Senad, 2013).

Diante do crescente número de instituições voltadas para o atendimento a usuários de álcool e outras drogas, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define regras para funcionamento dessas clínicas e comunidades terapêuticas, Resolução nº 101, 30 de maio de 2001 (Brasil, 2001). Em agosto de 2001, a medida provisória nº 2.216-37, altera a denominação do FUNCAB para FUNAD, tendo sua gestão transferida do Ministério da Justiça para a SENAD.

Em 2002, por meio de Decreto Presidencial nº 4.345 de 26 de agosto de 2002, foi instituída a primeira Política Nacional Antidrogas (PNAD) do país e em 2003 foi apontada, pelo Presidente da República, a necessidade de construção de uma nova Agenda Nacional para a redução da demanda e da oferta de drogas no país, que viesse a contemplar três eixos: a integração das políticas públicas setoriais com a Política Nacional Antidrogas; a descentralização das ações em nível municipal, permitindo a condução local das atividades da redução da demanda, devidamente adaptadas à realidade de cada município; e o estreitamento das relações com a sociedade e com a comunidade científica (Senad, 2013).

Em 2004, através de um Seminário Internacional de Políticas Públicas sobre Drogas, seis fóruns regionais e um Fórum Nacional sobre Drogas, foi efetuado o processo de realinhamento e atualização da política. Como resposta a esse realinhamento, em outubro de 2005, temos a aprovação da Política Nacional Sobre drogas (Brasil, 2010).

O Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD) é instituído em 2006 (Lei nº 11.343, 23/09/2006), e, de acordo com seu artigo primeiro, “prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes”. É essa a lei que traz distinção entre ser usuário e/ou dependente do traficante de drogas (Brasil, 2010).

As ações emanadas dos eixos acima citados, desenvolvidas em parceria com diversos atores do governo e da sociedade, permitem a realização de um diagnóstico situacional, sobre o consumo de drogas, seu impacto nos diversos domínios da vida da população e as alternativas existentes; a capacitação dos atores sociais que trabalham diretamente com o tema drogas, e também de multiplicadores de informações de prevenção, tratamento e reinserção social; e a implantação de projetos estratégicos de alcance nacional que ampliam o

acesso da população às informações, ao conhecimento e aos recursos existentes na comunidade.

Modelos de tratamento

Os modelos de tratamento para pessoas com dependência de álcool e outras drogas estão categorizados entre formais e os informais. São considerados modelos formais de tratamento, aqueles que foram estruturados com base em pesquisas científicas. São eles a farmacoterapia e a psicoterapia. Os “tratamentos informais não se baseiam em métodos científicos para avaliação de seus resultados. Entretanto, isto não significa que são ineficazes; apenas não foram testados cientificamente”. São eles os Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, Terapia Comunitária e Comunidades Terapêuticas (Senad, 2011b).

Comunidades terapêuticas

Fundado na segunda década do século XX, o grupo de Oxford buscava “um retorno à pureza e à inocência dos primórdios da Igreja cristã” e “embora não constituíssem o foco principal, os transtornos mentais e o alcoolismo, na qualidade de erosão espiritual, segundo a visão do grupo de Oxford, eram contemplados pelas preocupações do movimento” (Senad, 2011b, p.261).

A relação entre o grupo de Oxford e a Irmandade de Alcoólicos anônimos se dá a partir da conversa de Bill W., um corretor da Bolsa de Valores de Nova Iorque, e o Dr. Bob S., um cirurgião de Akron, ambos alcoólicos que tinham contato com o grupo de Oxford mas que não se conheciam. Bill, mantinha sua sobriedade a partir da influência espiritual e ajuda de um amigo, porém Bob, apesar de membro do grupo de Oxford, não havia alcançado a sobriedade ainda. Foi no encontro entre os dois que o Dr. Bob, convencido pelas ideias de Bill sobre o alcoolismo ser uma doença da mente, das emoções e do corpo, conseguiu

alcançar a sobriedade. Com a conversa e a experiência de troca mútua, descobriram a missão de ajudar outros alcoolistas e assim foi o movimento fundador do AA. “Os Doze Passos e as Doze Tradições de AA são os princípios que guiam o indivíduo no processo de recuperação” e eles enfatizam “a perda de controle da pessoa com relação à substância e a entrega a um ‘poder superior’” (Senad, 2011b, p. 262).

Herdando a influência do grupo de Oxford, quanto aos elementos morais e espirituais, e do AA, com parte dos 12 princípios e das 12 tradições, em setembro de 1958 surge a primeira comunidade terapêutica, que ainda integrava em seus elementos influências sociais, psicológicas e filosóficas. Foi com um grupo de alcoolistas em recuperação decidindo viver juntos para se preservarem na abstinência e buscar um estilo de vida alternativo. Era um grupo despretensioso com características de autoajuda. Possuía a premissa da interrupção do uso para participação do programa e usava da aprendizagem social, a vida comunitária, para alcançar metas complexas. Esse foi o modelo que deu origem a outras CTs.

No Brasil, seu surgimento e instalação estão relacionados ao “vazio de possibilidades para a reabilitação das pessoas com dependência ao álcool ou a outras drogas” (Brasil, 2004, p.37). Não possuem uma orientação teórica única, mas pautam-se principalmente na disciplina, trabalho e espiritualidade. Embora presente no Brasil desde a década de 70, foi a partir da Resolução 101 da ANVISA, de 30 de maio de 2001, que a nomenclatura Comunidade Terapêutica tornou-se oficial, quando de sua presença no título da resolução. Segundo o artigo 1º, Comunidade terapêutica é um serviço de atenção a pessoas com problemas decorrentes do uso ou abuso de substâncias psicoativas, segundo modelo psicossocial (Brasil, 2001; Senad, 2013).

De acordo com o Mapeamento das instituições governamentais e não governamentais de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no Brasil, realizado pelo SENAD nos anos de 2006 e 2007, das 1.256 (100%) instituições que realizam atividades

de tratamento, 389 (31%) são governamentais e 850 (67,7%) não governamentais. Entre as instituições governamentais, há uma maior proporção de CAPSad, 33,7% e nas instituições não-governamentais prevalecem as comunidades terapêuticas, 55,2% (Senad, 2007).

Hoje, de acordo com informações no site do Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID), 667 instituições cadastradas em todo o Brasil. Destas 16% estão no estado de Minas Gerais. Na cidade de Juiz de Fora existem cinco comunidades terapêuticas cadastradas, todas elas administradas por instituições religiosas. Os modelos de tratamento para pessoas com dependência de álcool e outras drogas em Minas Gerais e em Juiz de Fora, disponíveis para acesso no site do OBID estão expostos, em números, na tabela 1 (OBID, [s.d.]).

Tabela 1:

Dispositivos de tratamento para pessoas com dependência de álcool e outras drogas.

Modelos de tratamento	Minas Gerais	Juiz de Fora
Clinica particular	16	5
Hospital psiquiátrico	9	2
Hospital geral	4	0
Hospital dia	2	0
Comunidades Terapêuticas	108	5
Centro de Atenção Psicossocial - CAPS	93	2
Núcleo de Atenção Psicossocial - NAPS	6	0
Residência terapêutica	5	0
Grupo de Autoajuda	1014	34
Outros	9	0

A SENAD possui sete cursos de capacitação com informações dispostas em seu site. Desses cursos, um está voltado diretamente à capacitação do profissional que atua em Comunidades Terapêuticas, outro à capacitação do profissional em instituições religiosas e afins, e um terceiro com capacitação para lideranças, conselheiros comunitários, reconhecendo assim o importante papel desempenhado por essa modalidade de tratamento em nossa sociedade.

Apesar de representativa no cenário de tratamento para pessoas com dependência de álcool e outras drogas, e reconhecida como modalidade de tratamento, a presença das CTs não é de todo bem vinda no meio técnico-científico e a partir da Resolução 101 da ANVISA, reacendeu-se novas discussões quanto a essa proposta terapêutica. São diversas as críticas: quanto ao caráter religioso, quanto ao caráter de internação, quanto aos profissionais atuantes nessa modalidade de tratamento. A questão é que muito se fala e pouco se sabe sobre as CTs. Poucos são os estudos sobre o que de fato é essa modalidade terapêutica no Brasil, muita é a resistência e, mais ainda, a preocupação de que, com a verba governamental, seja um retorno aos modelos manicomiais (Bezerra Jr., 2011; Pitta, 2011; Vasconcelos, 2010). Mas, para o usuário dessa modalidade, o que ela representou em sua recuperação e quais foram, se houve, os ensinamentos para a prevenção de recaída?

FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO NO USO DE DROGAS

Cada indivíduo desenvolve um padrão particular de consumo de substâncias, padrão esse que é constantemente influenciado por uma série de fatores de proteção e risco de natureza biológica, psicológica e social. As ações destes fatores se influenciam mutuamente, podendo um fator de risco comprometer vários campos da vida ao ser potencializado por outros fatores desfavoráveis ou causar nenhum ou pouco dano, ao ser neutralizado por fatores de proteção (Marques & Ribeiro, 2006).

Os fatores de risco são aqueles que favorecem o consumo de drogas e podem apontar para circunstâncias socioambientais, bem como para circunstâncias relacionais individuais. Em contrapartida, os fatores de proteção são aqueles que diminuem a chance de alguém iniciar (ou reiniciar) o consumo de drogas. Eles moderam ou mesmo anulam os efeitos de exposição ao risco e por isso sua importância na prevenção, partindo da ideia de que

“algumas condições ou características diminuem os efeitos da exposição ao risco, reduzindo assim a vulnerabilidade e reforçando a resiliência dos que se encontram em risco” (Queiroz, 2010, p.1001; Senad, 2011b).

A tabela 2 apresenta alguns dos fatores de risco e de proteção mais comumente presentes na literatura. O peso ou importância de cada um desses na decisão de usar ou não usar drogas é que tem sido o alvo das discussões atuais (Hawkins, Catalano, & Miller, 1992; Queiroz, 2010; Tavares, Béria, & Lima, 2004).

Tabela 2.

Fatores de risco e proteção para o uso de drogas

Área	Fatores protetores do uso de drogas	Fatores de risco do uso de drogas
Pessoal	Elevada autoestima; Religiosidade; Crenças nas regras sociais;	Baixa autoestima; Isolamento social; Curiosidade; Não aceitação de regras ; Pouca informação; Comportamento agressivo; Fatores genéticos;
Familiar	Bom relacionamento familiar; Pais e/ou familiares presentes e participativos; Monitoramento das atividades dos jovens; Pais e/ou familiares que transmitem regras claras;	Falta de envolvimento afetivo; Ambiente familiar problemático; Educação familiar frágil; Consumo de drogas pelos pais ou outros familiares;
Social	Comprometimento com a escola; Amigos não usuários de drogas ou não envolvidos em atividades ilícitas; Baixa disponibilidade ou oferta da droga; Forte vínculo com instituições (escola, igreja); Oportunidade para trabalho e divertimento;	Baixo envolvimento com os estudos; Envolvimento em atividades ilícitas; Amigos usuários de drogas ou com comportamento inadequado; Propaganda de incentivo ao consumo; Pressão social para o consumo; Falta de oportunidade de trabalho e divertimento.

O estudo dos fatores de proteção é mais recente do que o dos fatores de risco. Podendo estar presente em uma dessas três áreas descritas na tabela 2, bem como permeando-as, podemos encontrar a religiosidade. Diversos estudos tem demonstrado que a religiosidade

desempenha papel protetor no uso de drogas, auxiliando quem deseja parar, bem como influenciando na decisão de experimentar. Porém, são muitos os fatores que podem influenciar o uso ou não de drogas e nenhum desses fatores deve ser considerado isolado aos demais (Senad, 2011b).

Religião

A religião se apresenta com significados diferentes para cada pessoa e talvez por isso seja tão difícil falar dela. Para Pargament (1997) a religião pode ser definida a partir de duas principais perspectivas: a perspectiva de que é o sagrado que traz distinção para a religião, onde a preocupação central é exclusivamente Deus, deuses, seres sobrenaturais, forças transcendentes, e o que estiver associado a estes poderes superiores; e a perspectiva de que a religião é distinguida pela sua função especial na vida, considerada especialmente preocupada com a forma como as pessoas chegam a um acordo com as questões últimas da vida.

Voltando-se para o sagrado, James (1902) define a religião por sentimentos, atos e experiências individuais do homem, em sua solidão, na medida em que se relacionam com tudo o que pode considerar o divino. Para Argyle e Beith-Hallahmi (1975) e Spiro (1966) a religião é um sistema de crenças em um poder divino ou sobre-humano e práticas de culto ou outros rituais direcionados para tal poder, uma instituição que consiste na interação culturalmente modelada com seres sobre-humanos culturalmente postulados.

As definições funcionais da religião relacionam-se com o que nós, como indivíduos, fazemos para enfrentar pessoalmente as questões que nos confrontam, e principalmente as questões da vida e da morte. É um conjunto de formas simbólicas e atos que se relacionam com o homem para as condições finais da sua existência, um sistema de crenças e práticas por meio das quais as pessoas enfrentam os problemas fundamentais da vida humana (Batson, 1993; Bellah, 1991; Yinger, 1970).

A religião, então, pode ser definida como uma parte importante da cultura que desempenha papel importante na vida de milhares de pessoas. São princípios e valores utilizados para dar forma ao julgamento e ao processamento de informações, dão orientação moral. As crenças, doutrinas e as práticas espirituais e religiosas baseiam-se fortemente em buscas pessoais para compreender o significado da vida, o relacionamento com o sagrado e o transcendente. Toda religião oferece meios de lidar com a tragédia, sofrimento e os mais significantes processos da vida (Pargament, 1997; Wilkinson, 2011).

Para que a religião, no entanto, participe no processo de enfrentamento de determinadas circunstâncias, é necessário que ela faça parte do sistema orientador da pessoa. Assim, a religião, juntamente com outros recursos disponíveis do indivíduo, irá compor as alternativas que poderão ser utilizadas ou não no enfrentamento das adversidades (Pargament, 1997).

A religião e a psicologia

[...] it is not the nature of the belief, but the nature of the believing that requires our study. (Yinger, 1970, p.11)

Para a psicologia o que importa não é o estudo da religião propriamente dita, mas sim o estudo da pessoa no seu relacionamento com a religião. O que importa é a identidade psicológica, identidade essa que se constrói em relação aos conteúdos da religião e ao seu modo particular de integrar-se na cultura ambiente.

Revisitando alguns autores da história da Psicologia, que abordaram essa temática, temos Willian James (2007), que define religião como sentimentos, atos e experiências dos indivíduos em sua solidão, na medida em que estes experimentam estar em relação com seja o que for por eles considerado divino. Ele propôs a observação empírica da experiência religiosa de forma a compreender sua relevância para a vida. A religiosidade seria a maior

das forças psicológicas do homem e a religião é uma experiência de contato profundo com o divino. Porém, James compreendia os dois lados da religião: o positivo, como os sentimentos de alegria e exaltação, e o negativo, como os sentimentos de medo e culpa. Sua preocupação, contudo, não era discutir a existência de Deus, mas sim a crença nessa existência e sua repercussão no comportamento humano.

Jung é outro autor da psicologia que não discute a existência de Deus. Para ele a forma arquetípica de Deus faz parte da psique humana e produz efeitos sobre o homem. Para ele a religião é intrínseca ao homem, é um processo constante e em evolução no desenvolvimento psíquico. Jung considera que a religião é necessária ao desenvolvimento, exercendo papel ativo no processo de individuação e que toda tentativa de negá-la resulta numa perda do equilíbrio psíquico, podendo resultar em neurose (Jung, 1991).

Para Adler (2011), a religião pode ser usada para o bem ou para o mal, tendo em vista que pode ajudar a elevar uma pessoa ou, ao contrário, levá-la à ruína, dependendo unicamente da interpretação e aplicação da religião na vida pessoal. Deus não é um Ser, mas algo localizado no plano das ideias e por isso sua existência não pode ser comprovada cientificamente, mas pode ser aceita como uma expressão de fé. Conceber Deus dessa forma direciona as pessoas a buscar viver na caridade, ajuda mútua, amor ao próximo, e por isso exerce um importante papel na vida e na sociedade.

A religiosidade surge como uma decisão pessoal para Frankl. Ela não tem caráter inato, não se desenvolve da mesma forma para todas as pessoas, não segue um percurso preestabelecido. É desencadeada pelas experiências, como decisão. Frankl vê a religiosidade como algo que influencia o sentido da vida e as escolhas individuais, mesmo para os indivíduos que se declaram descrentes o autor afirma que a religiosidade inconsciente tem efeitos sobre as escolhas pessoais, graças ao nosso desenvolvimento ocorrer em um ambiente

religioso-cultural, em que a convivência com os pais e a sociedade influencia a religiosidade inconsciente (Frankl, 2001).

Durante o século XX foi atribuído à religiosidade um efeito negativo para o funcionamento psicológico. A medicina ocidental, bem como a psicologia, tinha duas principais posturas em relação à religiosidade/espiritualidade (R/E) que eram a negligência e a oposição. Atualmente, porém, a maioria dos estudos tem apontado que maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente aos indicadores de bem-estar psicológico, como satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral elevado, melhor saúde física e mental (Stroppa & Moreira-Almeida, 2008).

Crenças religiosas influenciam o modo como pessoas lidam com situações de estresse, sofrimento e problemas vitais. Dependendo do tipo e uso elas podem gerar culpa, dúvida, ansiedade e depressão por aumento da autocrítica. Por outro lado, a religiosidade pode proporcionar à pessoa maior aceitação, firmeza e adaptação a situações difíceis de vida, gerando paz, autoconfiança e perdão, e uma imagem positiva de si mesmo. “A religião oferece uma variedade de métodos ou estratégias de *coping*, que, contrariando o estereótipo de que seriam meramente defensivos, passivos, focados na emoção ou formas de negação, se mostram cobrindo toda uma série de comportamentos, emoções, cognições e relações.” (Stroppa & Moreira-Almeida, 2008).

Religiosidade/Espiritualidade e saúde

Essencial para qualquer pesquisa é a definição dos termos empregados, porém a discussão sobre as definições de religiosidade e espiritualidade tem sido considerada a mais controversa área em todo o tema da religião, espiritualidade e saúde. Não há um consenso ao tratar do conceito de religiosidade e espiritualidade, muito menos quanto à sua divisibilidade. Stroppa e Moreira-Almeida (2008) descrevem a espiritualidade como “algo invisível e

intangível que é a essência da pessoa”. A religião seria “o aspecto institucional da espiritualidade”, seriam as organizações criadas “em torno da ideia de espírito”. Para esses mesmos autores a religiosidade reflete o envolvimento religioso e a influência do mesmo no dia a dia de cada indivíduo.

Para Koenig, McCullough e Larson (2001), a espiritualidade é “relação com o sagrado ou o transcendente”. Para Hufford (2005), a espiritualidade diz respeito à essência da pessoa. Para esses mesmos autores, a religiosidade é apresentada como a instituição da espiritualidade, sistema desenvolvido para facilitar a proximidade com o sagrado (Hufford, 2005; Koenig, McCullough, & Larson, 2001).

Essa religiosidade pode ser intrínseca, onde as pessoas têm na religião seu bem maior e as demais necessidades são vistas como de menor importância, e, na medida do possível, são colocadas em harmonia com sua orientação e crença religiosa. E a religiosidade extrínseca, onde a religião é um meio utilizado para obter outros fins ou interesses, para proporcionar segurança e consolo, sociabilidade e distração, status e auto absolvição. Nesse caso, abraçar uma crença é uma forma de apoio ou obtenção de necessidades mais primárias. A orientação intrínseca está habitualmente associada à personalidade e estado mental saudáveis (Moreira-Almeida & Stroppa, 2009; Stroppa & Moreira-Almeida, 2008).

O conceito de saúde também não tem a mesma representação para todas as pessoas. Ele varia conforme o contexto social, cultura, político e econômico. Então, ao se tratar da saúde, é necessário enxergar além na definição da OMS, “saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”. A saúde dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas.

A Constituição Federal de 1988, artigo 196, evita discutir o conceito de saúde, mas diz que: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal

e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação”. Este é o princípio que norteia nosso Sistema Único de Saúde (SUS).

Um sistema de saúde é, segundo a autora Silvia Takeda (2004, p. 78), “um conjunto articulado de recursos e conhecimentos, organizado para responder às necessidades de saúde da população” e esse sistema deve ser conformado em redes interligadas, articuladas e integradas de equipamentos e ações, para gestão e resultados mais efetivos.

Em uma revisão de artigos de pesquisa sobre religião/espiritualidade e saúde, no Medline e PsychINF, entre os anos de 1965-2009, Koenig (2011) encontrou cerca de três mil estudos quantitativos. A maioria desses estudos, entre 70% e 75%, tem foco na saúde mental. Foram identificados 278 estudos que examinaram as relações entre R/E e uso/abuso de álcool, 86% desses estudos encontraram menor uso ou abuso de álcool entre os mais religiosos/espirituais. Dos 145 estudos de melhor desenho, 90% relataram relações inversas entre uso/abuso de álcool com R/E. Pelo menos 185 estudos examinaram as relações entre R/E e abuso de drogas, 84% dos quais encontraram menor abuso de drogas entre aqueles que eram mais religiosos/espirituais. Dos 38 estudos prospectivos, ensaios clínicos ou estudos experimentais, 36 (95%) relacionam a R/E com menor uso de drogas, bem como relacionam a R/E com a redução do uso de drogas. Assim, há evidências indicando que R/E está associada mais a emoções positivas do que a emoções negativas, distúrbios emocionais e problemas de uso de substâncias (Koenig, 2011).

Estudos desenvolvidos no Brasil têm encontrado resultados semelhantes, embora ainda em menor proporção. Há estudos sobre o impacto da espiritualidade na saúde física (Guimarães & Avezum, 2007), espiritualidade em pacientes em diálise (Lucchetti, Almeida, & Granero, 2010), religiosidade e espiritualidade no transtorno de humor bipolar (Stroppa & Moreira-Almeida, 2009), sobre qualidade de vida e espiritualidade (Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007), sobre a importância da integração da espiritualidade e da

religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos (Peres, Arantes, Lessa, & Caous, 2007). A religiosidade/espiritualidade e sua associação ao menor consumo de drogas, aos melhores índices de recuperação e diminuição dos índices de recaída também tem sido alvo de diversos estudos (Dalgalarondo, Soldera, Corrêa Filho, & Silva, 2004; Z. V. der M. Sanchez, Oliveira, & Nappo, 2004; Z. V. der M. Sanchez, 2004; Z. van der M. Sanchez & Nappo, 2008; Silva, Ronzani, Furtado, Aliane, & Moreira-Almeida, 2010).

Os mecanismos pelos quais a R/E pode influenciar a saúde não são bem conhecidos, os mais comumente propostos são: hábitos de saúde (dieta, menor envolvimento em situações de risco), suporte social, estratégias cognitivas, psiconeuroimunoendocrinologia e *coping* religioso (Moreira-Almeida, 2009). Cabe, então, maiores investigações na busca e validações desses mecanismos.

2. MÉTODO E PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (Lakatos & Marconi, 2003)

O método é um conjunto de regras ou critérios que servem de referência no processo de busca da explicação ou da elaboração de previsões, em relação a questões ou problemas específicos. É o conjunto de processos empregados em uma investigação, que depende do objeto da pesquisa. A opção pelo método de pesquisa orienta-se pela formulação do problema de pesquisa, objetivos e hipóteses.

A presente pesquisa foi realizada através de um estudo de corte transversal, de metodologia principalmente qualitativa, onde utilizamos a análise de conteúdo. De acordo com Minayo (2008), a análise de conteúdo tem sido bastante empregada no tratamento do material transcrito das entrevistas. Pode ser utilizado, também, em pesquisas que tenham como material de análise qualquer tipo de documentos, jornais, revistas digitais ou impressas. Visa obter indicadores tanto quantitativos quanto qualitativos de emissores identificáveis e foca a mensagem para buscar os significados necessários ordenando-os com o objetivo de torná-los acessíveis e manejáveis (Moraes, 1999).

A amostra foi composta por pacientes que utilizaram dos serviços de tratamento para o uso de álcool e outras drogas, de uma comunidade terapêutica da cidade de Juiz de Fora – MG. A escolha da comunidade terapêutica deu-se a partir da busca por instituições cadastradas no Observatório Mineiro de Informações sobre Drogas (OMID). As cinco CTs conveniadas ao OMID diferem quanto ao tempo de tratamento e, portanto, optou-se por desenvolver a pesquisa em uma comunidade terapêutica apenas.

Para a seleção dessa única CT, buscou-se uma que estivesse também cadastrada na Federação Brasileira de comunidades terapêuticas, porém não havia nenhum registro para a cidade de Juiz de Fora/MG. Então, foi realizada uma busca na Federação de Comunidades Terapêuticas Evangélicas no Brasil (FETEB), onde se encontrou uma CT cadastrada em Juiz de Fora, ficando esta como escolhida para o desenvolvimento do trabalho.

A partir da lista dos pacientes que realizaram o tratamento para o uso de álcool e outras drogas, fornecido pela CT, os participantes foram convidados através de contato telefônico. Em dia e horário previamente agendados, os participantes foram submetidos a uma entrevista individualizada com duração média de 60 a 90 minutos (Apêndice A), bem como à aplicação do Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas (Anexo A).

OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho foi estudar os mecanismos de enfrentamento e o papel da religião na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas presentes nos discursos de egressos de uma Comunidade Terapêutica (CT) na cidade de Juiz de Fora/MG, que permaneceram no tratamento por, no mínimo, 180 dias.

Objetivos específicos

- a) Buscar a opinião dos egressos quanto ao tratamento recebido na CT;
- b) Identificar quais são os mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas presentes nos discursos desses egressos;
- c) Verificar a reincidência em tratamentos para o uso de álcool e outras drogas;
- d) Verificar a presença e investigar o papel da religiosidade/espiritualidade antes, durante e depois do tratamento realizado em CT;

HIPÓTESE

Considerando as evidências que apontam para uma possível associação entre R/E e o menor consumo de drogas, hipotetiza-se que há endosso de egressos de CTs quanto à importância dessa R/E no enfrentamento e como fator de proteção na prevenção de recaída.

ASPECTOS ÉTICOS

Os participantes foram informados dos objetivos, procedimentos e aspectos éticos da pesquisa, mediante a explicação e leitura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido

(TCLE) (Apêndice B). Foi garantido o anonimato das entrevistas e o participante foi isento de qualquer tipo de constrangimento. As entrevistas foram armazenadas em local apropriado por cinco anos na sala do Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Drogas - CREPEIA (UFJF/ICH – Departamento de Psicologia). A pesquisa é considerada de risco mínimo de acordo com a resolução do CNS 196/96. A presente pesquisa conta com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora - Parecer de aprovação nº 385.075 (Anexo B).

PARTICIPANTES

Foram convidados a participar deste estudo os indivíduos que estiveram em tratamento para o uso de álcool e outras drogas, no período de 2009 a 2011, em uma comunidade terapêutica do município de Juiz de Fora e que se adequaram aos critérios de elegibilidade, sendo eles: a) Ter realizado o mínimo de 180 dias de tratamento nesta comunidade terapêutica; b) Ser maior de 18 anos; c) Estar em condições físicas e psicológicas de responder à entrevista. O convite foi feito através de ligação telefônica.

LOCAL DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO

Para a realização das entrevistas, de forma a facilitar o acesso dos egressos, foram disponibilizados: o Centro de Psicologia Aplicada, localizado no bairro Granbery, a Biblioteca Municipal, localizado no bairro Centro e a Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora, localizada na cidade universitária, próximo ao bairro São Pedro.

AMOSTRA

No relatório de dados recebido da CT, tem-se que 348 pacientes passaram pelo tratamento, no período de 2009 a 2011. Deste, apenas 90 pacientes permaneceram durante o período de 180 dias (mínimo) ou mais no tratamento. E apenas 42 têm, de acordo com sua ficha cadastral, residência em Juiz de Fora/MG.

Os 42 egressos são homens, tendo em vista que a CT atende apenas o público masculino. Quanto às informações obtidas na ficha cadastral para triagem e tratamento, temos que: a média de idade no período de internação foi de 29,8 anos; apenas sete não possuíam ou não declararam uma profissão; quanto a religião desses egressos: 14 não possuíam ou não declararam durante a triagem para o tratamento, 16 se declararam evangélicos e 12 se declararam católicos; 12 eram reincidentes de alguma modalidade de tratamento (ambulatorial, hospitalar ou CT); 17 fizeram uso de alguma medicação durante o tratamento; dois eram dependentes apenas de álcool e dois eram dependentes apenas de crack, para os outros 38 constava dependência de mais de uma substância psicoativa.

A tabela 3 apresenta o relatório de contato com esses 42 egressos:

Tabela 3.

Relatório de contato com os egressos

N	Controle
12	Sem contato possível (telefone inexistente ou não pertencente à pessoa/contato)
10	Sem interesse em participar (informação dada pelo próprio egresso)
6	Sem condições de participar (informação dada pelo familiar/contato – não houve possibilidade de contato direto com o egresso)
5	Sem residência atual em Juiz de Fora
9	Com interesse em participar/entrevistados

INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados através de entrevistas individuais, preservando o sujeito de possíveis constrangimentos. Os seguintes instrumentos foram utilizados:

Entrevista semiestruturada (Apêndice A): Subdividido em Identificação do formulário, com código do entrevistado e data da aplicação da entrevista; Identificação do entrevistado: com data de nascimento, idade, naturalidade; Questionário Socioeconômico; Referente às Drogas: com questões sobre uso na família, iniciação e evolução do uso, tipos de drogas utilizadas; Comunidade Terapêutica: com questões sobre a busca do tratamento, tratamento escolhido, alta terapêutica, pós-tratamento e prevenção de recaída; Vida religiosa: com questões sobre espiritualidade/religiosidade, religião praticada, educação religiosa na infância, religião dos familiares, importância dada à espiritualidade/religiosidade;

Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas – ASSIST: esse é o instrumento de triagem para o uso de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas desenvolvido com o apoio da Organização mundial de Saúde (OMS). Possui oito questões de aplicação rápida e fácil, podendo ser direcionado pelo entrevistador ou autoaplicado. Ele fornece informações sobre o uso de drogas na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados ao uso de drogas, risco atual ou futuro de problemas devido ao uso, se a pessoa é dependente, se a pessoa já usou drogas injetáveis (Henrique, De Micheli, Lacerda, Lacerda, & Formigoni, 2004).

PROCEDIMENTOS

Os procedimentos do presente estudo foram classificados em duas fases, sendo:

1ª FASE: Análise do relatório dos egressos – a organização do relatório ocorreu da seguinte forma: Primeiramente foi realizada a separação dos pacientes que permaneceram no tratamento por um período igual ou maior que 180 dias (tempo mínimo do tratamento para recebimento da alta); após isso, foram separados os pacientes que possuíam residência em Juiz de Fora/MG.

2ª FASE: Agendamento e realização da entrevista – A pesquisadora entrou em contato telefônico com cada um dos pacientes que atenderam aos critérios de inclusão para convidar à participar da pesquisa. Diante do aceite, foi agendado dia e local com o paciente. No dia agendado a pesquisadora explicou com mais detalhes o objetivo da pesquisa, a justificativa e os procedimentos metodológicos, esclareceu as eventuais dúvidas, apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Diante do aceite, a pesquisadora fez a aplicação da Entrevista semiestruturada e do ASSIST. As entrevistas foram gravadas em áudio, para posterior transcrição e análise.

ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada análise qualitativa dos dados, a partir da análise de conteúdo da entrevista semiestruturada, buscando um aprofundamento na compreensão dos mecanismos de enfrentamento elucidados pelos participantes e se há endosso quanto à importância da espiritualidade/religiosidade.

De acordo com Bardin (2010), para consolidação a análise de conteúdo segue as etapas de (1) pré-análise, (2) exploração do material, (3) tratamento dos resultados e a (4) interpretação. O autor afirma que esse processo não se cumpre linearmente, sendo muitas vezes necessário o retorno ao material bruto e a reflexão sobre pontos relevantes perdidos inicialmente.

Para o questionário Socioeconômico e o Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas foram realizadas análises quantitativas, apenas para caracterização da amostra, a partir da estatística descritiva com média, desvio padrão e frequência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra foi composta por nove homens, pouco menos da metade deles casados, com idade variando entre 24 a 42 anos e um nível de escolaridade médio/baixo, como apresentado na tabela 4.

Tabela 4.

Dados Sócio demográficos

Idade	N	Estado Civil	N	Escolaridade	N
24 anos	1	Casado	4	Ens. Médio Completo	4
28 anos	1	Solteiro	4	Ens. Fundamental Completo	2
29 anos	1	Separado	1	Ens. Fundamental Incompleto	2
30 anos	1			Primário Completo	1
32 anos	1	Trabalho	N	Classificação SE	N
35 anos	1	Trabalho formal	6	D	2
36 anos	1	Trabalho	3	C2	3
42 anos	2	informal		C1	3
				B1	1

Todos estavam desempenhando alguma atividade remunerada, sendo que três destes informalmente.

HISTÓRICO DO CONSUMO DE DROGAS

Conforme se pode observar na tabela 5, quanto ao consumo de drogas, observa-se que o início do consumo deu-se ainda na infância/pré-adolescência para a maioria. Quanto à primeira droga utilizada, quatro egressos afirmaram ser o cigarro, sendo que destes, três disseram que o uso foi paralelo ao álcool. O uso da maconha esteve presente no discurso de dois egressos. O uso da cola, também, esteve presente no discurso de dois egressos, porém um relatou o uso paralelo ao tabaco. Como primeira droga, o álcool apareceu apenas para um egresso, sendo também paralelo ao uso do tabaco. Com isso, pode-se observar a presença do tabaco como droga de uso inicial.

Tabela 5.

Dados sobre drogas

Primeira droga	N	Idade no primeiro uso	N
Tabaco	4	10 a 13 anos	7
Maconha	2	16 anos	1
Cola	2	22 anos	1
Álcool	1		
Com quem estava	N	Por que experimentou	N
Amigos	7	Curiosidade	8
Família	1	Normalidade	1
Sozinho	1		
Drogas já utilizadas na vida	N	Usuários na família	N
Álcool	9	Sim	8
Alucinógenos	3	Não	1
Tabaco	8		
Cocaína	9	Postura da família	N
Crack	9	Liberção	2
Inalantes	6	Reprovação	6
Maconha	9	Desconhecimento	1
Influência da família	N	Informações sobre drogas?	N
Sim	4	Sim	3
Não	5	Não	6

A curiosidade foi o principal motivo para experimentação/iniciação do uso, bem como a companhia de amigos. Tendo em vista a idade de experimentação/início do uso a

curiosidade é natural, porém é também um dos fatores de maior influência. Na adolescência a busca por realizações imediatas e a não preocupação com o presente vão de encontro ao uso de substâncias que proporcionam esse prazer imediato (Senad, 2011b). A experimentação precoce de drogas tem sido apontada como indicativo antecedente do abuso de drogas (Queiroz, 2010), porém não pode ser observada, na amostra, relação entre essa experimentação precoce e a evasão escolar, tendo em consideração que quatro egressos concluíram o ensino médio, mesmo tendo iniciado o uso entre os 11 e 16 anos e o egresso que iniciou o uso mais tardiamente, aos 22 anos, concluiu apenas o primário.

Apesar do uso pela família estar presente na maioria da amostra, a influência da família no uso foi considerada por menos da metade da amostra. Sabe-se, no entanto, que diversos autores acreditam na influência da família para o desenvolvimento da dependência química. Alguns acreditam que as relações interpessoais familiares são decisivas “na determinação e manutenção do problema”, como também “é a via de acesso mais adequada para sua resolução” (Lopes, 2005). A família é um dos elos mais fortes da cadeia de multifatores que pode levar ao uso abusivo de álcool e drogas. É ela, também, que atua como importante fator de proteção (Schenker & Minayo, 2003).

De grande importância no desenvolvimento do indivíduo, a partir do século XVIII, a família assume a posição de reguladora do comportamento dos filhos. É a partir da família que se desenvolvem os primeiros comportamentos e as primeiras interações entre o organismo e o meio, assim como é ela a responsável pela transmissão das normas e práticas culturais e a maneira de vivenciá-las (Granetto, 2008). A família é a instituição privada que tem a função de socialização primária das crianças e adolescentes. É a família, integrada à cultura, que fornece as bases para o desenvolvimento do indivíduo (Schenker & Minayo, 2003).

A partir de constatações clínicas, tem-se dado importância à família, sendo essa necessária em várias etapas do processo terapêutico: da abordagem inicial do problema à permanência no tratamento e à prevenção de recaídas. O funcionamento familiar deve ser estudado a partir de suas implicações na facilitação, manutenção e tratamento do fenômeno da dependência. Faz-se necessário investigar a maneira como os pais interagem com seus filhos, perceber a importância do estreitamento dos laços familiares para a redução do risco de iniciação do uso de substâncias psicoativas, bem como o de continuidade do uso de drogas (Granetto, 2008).

Alguns fatores de riscos pontuados são manejo familiar pobre e inconsistente, a personalidade dos pais e conflitos familiares. Como fatores positivos para o não uso de substância salienta-se o forte vínculo pais-crianças, a supervisão parental e disciplina consistente (Lopes, 2005). Uma das maneiras de se abordar as relações familiares é a partir do conceito de Práticas Educativas Parentais e Estilos Parentais. As práticas educativas parentais são estratégias e técnicas empregadas por pais e mães no sentido de orientar o comportamento de seus filhos, buscando alcançar objetivos específicos em determinadas situações. Podem, também, serem denominadas estratégias educativas ou de socialização (Pacheco, Silveira, & Schneider, 2008; Paiva & Ronzani, 2009). Outra definição, segundo Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006), é a de que as práticas educativas parentais são conjuntos de comportamentos singulares emitidos pelos pais no processo de educação ou socialização dos filhos que levam a um resultado comum, resultado este que seria um objetivo ou meta dos pais com a socialização.

A diferença entre práticas educativas e estilos parentais está no fato de que a primeira refere-se a situações cotidianas específicas de interação pais-filhos e se destinam à socialização, e o segundo envolve dimensões da cultura familiar como a dinâmica da comunicação familiar, do apoio emocional e de controle presentes nessas interações (Pacheco

et al, 2008). O estilo parental pode ser entendido como o clima emocional, contexto dentro do qual práticas parentais específicas são implementadas (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006). É um conjunto de determinadas condutas, sendo o conjunto das práticas parentais (Paiva & Ronzani, 2009).

Quanto às drogas utilizadas na vida, podemos observar que o álcool, cocaína, crack e maconha estiveram presentes em 100% da amostra, seguido pelo tabaco (8), inalantes (6) e alucinógenos (3). Esse resultado difere um pouco dos dados encontrados nos Levantamentos Domiciliares de 2001 e 2005, que apresentaram a maconha como a droga mais utilizada, seguida dos solventes e então dos estimulantes. Em nossa amostra, as estimulantes – crack, cocaína – apareceram equiparadas à maconha e ao álcool (Senad, 2013). Quanto a essa não equiparação, pode-se pensar no fato de que o último levantamento foi realizado há, no mínimo, sete anos e que são nesses últimos anos que se observa uma presença e preocupação maior com as drogas como o crack e cocaína entre os usuários.

Um dado curioso a se observar na tabela 5 diz respeito a informações sobre drogas, onde 66% da amostra afirmam não ter recebido qualquer informação. Num primeiro momento pode-se pensar “Como?”, mas ao analisar a idade inicial do uso, observa-se que para muitos o envolvimento com as drogas aconteceu na década de 1980 e início da década de 1990. O acesso à informação e as políticas públicas voltadas a esse assunto eram consideravelmente menores do que hoje. O único que teve envolvimento ainda na década de 1980, e que relatou ter informação sobre drogas, disse apenas que “Eu sabia que assim, era proibido, era droga, proibido, mas naquela euforia de adolescente, sei lá, não, não sei te dizer com exatidão, mas eu sei que eu assim entrei pra conhecer”. As demais informações vieram da mídia, para o *E1* (envolvimento em 1996) e do Curumim para o *E6* (envolvimento em 1999).

A mídia é um importante mediador e divulgador de ideias e desempenha papel de fonte de identificação de normas sociais, de produtora de determinadas crenças ou divulgadora e facilitadora de políticas de prevenção ao uso de drogas (Noto et al., 2003). A relação entre mídia, opinião pública, comportamento de uso de drogas e políticas públicas é complexa (Senad, 2013). São poucos, no entanto, os estudos que avaliam essa relação, bem como os que trazem uma linha histórica sobre os tipos de informações preventivas que foram realizadas ao longo dos anos no Brasil.

Até os anos 1990, pouco se pesquisava sobre o assunto e não havia programas solidamente instituídos em torno da temática prevenção. A temática inicial dos programas brasileiros de prevenção de drogas era a de guerra às drogas, temática essa que se mostrou ineficaz (Bucher, 1992).

Em um dos poucos estudos de revisão de mídia, Noto et. al. (2003) observou descompassos entre as informações que a população recebe pelos meios de comunicação. Um desses descompassos diz respeito às informações sobre drogas ilícitas e lícitas, onde de um lado “a população recebe uma série de informações sobre a violência relacionada ao tráfico e sobre os perigos das drogas e, de outro, é alvo de sofisticadas propagandas para estímulo da venda de bebidas alcoólicas e de cigarro”. Isso pode gerar, ainda de acordo com a autora, posturas incoerentes sob a ótica da saúde, tendo em vista que grupos de substâncias semelhantes farmacologicamente acabam sendo encarados como distintos. Ela também alerta sobre os ciclos de tolerância e intolerância das substâncias, onde em um momento a mídia condena totalmente o uso e em outro momento a mídia se abre para as possibilidades de debates (Noto et al., 2003). Cabe ressaltar ainda que, as próprias leis de regulamentação e as atitudes específicas em relação às substâncias psicoativas variam muito entre as culturas ao longo do tempo e o que é certo numa época pode ser errado em outra (Burgess, 2012).

O TRATAMENTO

A droga que levou a maioria dos entrevistados ao tratamento foi o crack (6) e quando questionados sobre a procura pela realização do tratamento, a maioria também informou que o foi interesse próprio (8). Apenas um relatou o interesse maior ser da família, porém “eu já tava a fim de me internar” – E6.

Tabela 6.

Dados sobre o tratamento

Quem procurou ajuda?	N	Queria parar com qual droga?	N
Família	1	Crack	6
O próprio	8	Todas	3
Por que procurou ajuda?	N	Fez tratamento anterior?	N
Havia perdido o controle	4	Sim	4
Família	4	Não	5
Aconteceu naturalmente	1		
Por que o tratamento em CT?	N	Uso medicação no tratamento?	N
Filiação religiosa	2	Não	4
Indicação de amigo/conhecido	5	Sim	5
Único que conhecia	1		
Sem resposta	1	Uso de medicação agora?	N
		Sim	1
		Não	8
Fez uso após tratamento?	N	Algum tratamento atual?	N
Sim, mas não mais	4	Sim, psicológico	2
Não	5	Não	7

Os relatos quanto ao motivo para busca do tratamento corroboram com a literatura quando esta apresenta que “o engajamento no tratamento só ocorre quando o sujeito não aguenta mais a sua vida e não suporta mais as perdas que a droga tem produzido” (Senad, 2013).

“Eu tava ficando 4 ou 5 dias fora de casa e minha mãe sofrendo, chorando[...] Foi ver minha mãe que todas as vezes que eu chegava em

casa minha mãe chorava de preocupação [...] porque envolve toda a família.” - E1.

“Quando eu tava muito louco, nessa época eu tava morando na casa do meu sogro, aí eu tava muito doidão lá aí meu filho bateu na porta, queria entrar pra conversar comigo lá, aí eu... Não queria, aí eu fiquei pensando assim, será que é essa vida que eu quero pra ele? é esse exemplo que eu vou dar pra ele? é isso aí que me despertou a querer buscar ajuda.” - E4.

“Quando eu fiquei longe da minha família, quando eu tava tentando ficar perto da minha família, e a droga não deixava [...] Perdi tudo, não tinha nada. Tipo assim, no dia que eu fui no sítio eu já não tinha mais nada. Não tinha ninguém, minha mãe já não tava ligando, nem guentando eu mais.” - E6.

"[...] ‘Filho, você tá fazendo muita coisa errada, volta pra Jesus, volta pra igreja’, aí eu falei ‘poxa pai, não sei, eu to fazendo muita coisa errada, mas o senhor sabe que eu te amo né?’ E ele falou comigo assim ‘quem ama obedece’ e essas palavras ficaram na minha cabeça durante alguns dias e logo depois ele veio a falecer” - E7.

“[...] minha mãe quando ficou sabendo do que tava acontecendo e ela falou uma frase ‘eu acho que eu vou morrer e eu não vou te ver bem, sabe a minha maior tristeza é saber que eu posso morrer hoje e você ficar aí desse jeito’” - E9.

Todos os egressos afirmam que a droga influenciou negativamente na vida deles. Em sua maioria, a perda está vinculada a emprego/dinheiro e família:

“Então é o que acontece, a droga te traz algo momentâneo, às vezes você está com 700 reais você gasta, to botando 700 reais, se você tiver cinco mil

você gasta cinco mil. Mas to botando na minha, no meu, no meu perfil. Eu tinha 700 reais, eu gastava os 700 reais em dois, três, num dia ou dois, três dias, gastava aquele dinheiro.” – E1.

“O dinheiro que foi embora nisso aí, se eu tivesse guardado pelo ao menos um pouquinho, precisava ser muito não, um pouquinho. Mas só que a gente não pensa, tá envolvido com as drogas, tira seu pensamento, tira sua expectativa de vida, tira tudo, você vive só em função da droga.” – E3.

“Parou tudo, eu parei estudo, fui expulso do colégio duas vezes, entendeu? [...] Aí, eu tenho assim dificuldade de aprender as coisas, sabe? [...] Eu perdi muito, parou muita coisa, eu tinha planos entendeu? De ser paraquedista, igual eu, eu entrei no Rio, só que eu levei um tiro por conta de envolvimento com droga, aí eu não pude servir, por causa dessa cirurgia minha.” – E5.

“[...] nossa, eu já tava bem demais. Pra você vê, eu trabalhava autônomo num chaveiro e ganhava um dinheiro bom. Cuidava dos meus filhos, cuidava das minhas coisas, já tava tirando a carteira, andava bem arrumado, tinha tudo o que eu queria pra bem dizer.” – E6.

“Eu sempre tive muitos sonhos, a gente sempre pensa, ah eu quero estudar, quero fazer isso, quero fazer aquilo, até porque todos os meus primos mais próximos meus, todos eles seguiram outro rumo, todos eles vivem muito bem. Não que eu reclame do que Deus me deu hoje, mas eu poderia ter trilhado outro caminho.” – E9.

Apesar das influências negativas e toda perda relatada, sabe-se que a recaída é tema recorrente independente da modalidade de tratamento utilizada. Quando o tratamento é voltado para a abstinência completa, deve-se ter o cuidado de preparar os indivíduos para

essa possibilidade, tendo em vista a “natureza crônica e recorrente da dependência química” (Senad, 2013).

O ASSIST foi utilizado durante a pesquisa com o intuito de buscar informações sobre possível uso de álcool e outras drogas nos últimos seis meses. A avaliação do ASSIST considera cada droga em particular e de acordo com o manual:

- Pontuação de 0-10 para álcool e de 0-3 para as demais drogas: não é necessário indicação de intervenção;
- Pontuação de 11-26 para álcool e de 4-26 para as demais drogas: indicação para intervenção breve;
- Pontuação igual ou maior que 27: indica-se tratamento mais intensivo.

Tabela 7.
Resultados ASSIST

SUBSTÂNCIA	ENTREVISTADOS								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Derivados do tabaco	9	0	6	3	3	6	6	3	6
Bebida alcoólicas	15	3	6	3	3	9	6	3	6
Maconha	0	0	6	3	3	6	6	6	6
Cocaína, crack	20	6	6	6	3	6	6	6	6
Anfetaminas ou êxtase	0	0	0	3	0	0	0	0	0
Inalantes	0	0	0	3	3	6	6	0	6
Hipinóticos/sedativos	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alucinógenos	0	0	0	3	3	0	6	0	0
Opióides	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Com exceção do entrevistado *E1*, que apresentou uso e dificuldades com substâncias psicoativas, e o entrevistado *E6* que relatou forte desejo de consumir álcool (sem consumir o desejo), as pontuações dos demais entrevistados estão relacionadas às questões de número seis e sete. Essas duas questões fazem referência, respectivamente, à preocupação dos pais/familiares/amigos com o uso e a tentativa de interromper o uso. Todos relataram que essa preocupação e tentativa ocorreram, porém em período anterior ao tratamento realizado.

Apenas um dos entrevistados havia feito uso de alguma substância psicoativa nos seis meses anteriores à pesquisa, porém, foi perguntado aos egressos quanto ao uso de alguma substância após a internação. Quatro egressos relataram ter feito uso de alguma substância psicoativa após a internação. Destes quatro, apenas um diz ainda encontrar dificuldades, sendo este o egresso que teve a recaída recente (carnaval de 2013), *“De zero a dez vontade de estar usando é cinco, tá no meio.”* – E1. Os demais relatam que não há mais relação com a droga:

“Pra mim é um lixo, hoje eu sei que é um lixo, não interfere em nada” – E5.

“Detesto, nem chego perto. Não gosto, tomei nojo, nojo mesmo. Eu tenho raiva, porque eu vejo tudo que ela fez comigo” – E6.

“Graças a Deus eu não, se tem uma área que eu já tô assim cauterizado mesmo, que já está tranquilo, cicatrizado é a droga. Tanto que eu te falei que eu moro num foco de droga. E, nessa questão é bem tranquilo” – E9.

A reincidência em tratamentos para o uso de álcool e outras drogas também foi levantada. Dos quatro egressos que relataram algum tipo de tratamento anterior, dois já haviam passado por alguma comunidade terapêutica, um havia permanecido durante a adolescência na FUNABEN e outro havia ficado internado em hospital, por ordem judicial. O tempo médio do término do último tratamento, realizado na CT, entre os entrevistados é de dois anos. Sabe-se que é o estabelecimento do vínculo terapêutico e a implicação do paciente no tratamento que faz com que as mudanças tornem-se cada vez mais sólidas e consistentes.

Outro ponto importante a ressaltar é o relato de desconhecimento quanto às modalidades de tratamento para álcool e outras drogas. Apenas um egresso informou conhecer o CAPS-ad e um outro informou que acreditava que casa de recuperação era lugar

onde “*a gente chegava e tal, tomava remédio, ficava dopado*” – E9. Os demais chegaram ao tratamento através de indicação de amigos ou parentes.

De acordo com a Política Nacional sobre Drogas (PNAD),

“o acesso às diferentes modalidades de tratamento e recuperação, reinserção social e ocupacional deve ser identificado, qualificado e garantido como um processo contínuo de esforços disponibilizados de forma permanente para os usuários, dependentes e familiares, com investimento técnico e financeiro de forma descentralizada” (Brasil, 2005, p.6)

Apesar da criação de uma rede de atendimento para álcool e outras drogas, pelo SUS, com o objetivo central de “ampliar o acesso ao tratamento mudando o antigo modelo assistencial, reduzindo a exclusão e a falta de cuidados e evitando internações desnecessárias”, as informações sobre como e onde buscar ajuda parece ainda não estar bem claras à população (Senad, 2011c, p.46).

As unidades básicas de saúde (UBS) e equipes de saúde da família (ESFs) são consideradas as primeiras portas de entrada para o sistema de saúde. Os CAPSad, unidades de saúde especializadas no tratamento de álcool e outras drogas, são os “ordenadores da rede de tratamento”, tendo papel central na rede.

Havia, também, um desconhecimento quanto ao significado das CTs e diante disso foi importante questionar sobre o tratamento recebido, os maiores desafios, bem como o que significa pra eles esse local de tratamento. Em paralelo às entrevistas e com o objetivo de conhecer as publicações que abordam essa modalidade terapêutica no Brasil, realizamos uma revisão da literatura e de mídia em quatro bases de artigos científicos, bem como em 21 jornais online brasileiros. Desde a primeira publicação, em 1999, até fevereiro/março de 2013, foram analisados seis artigos científicos e 83 matérias. O que encontramos nessa

revisão não difere do que os egressos, durante as entrevistas, nos apresentaram a respeito desse local.

Quando abordados sobre o tratamento recebido, de todos os egressos, apenas um se limitou a dizer que foi *“Difícil, pela solidão”* – E8. A maioria dos egressos trouxe que o tratamento foi excelente, um momento de aprendizado.

“Excelente. Foi algo pra mim que eu... Que em tudo, tudo, tudo eu aprendi... Eu aprendi tudo. Algo, desde a área disciplinar, eu até me emociono de falar isso, porque foi algo que eu aprendi muito lá dentro, questão de convivência, de disciplina” – E1.

“Ah foi uma maravilha” – E3.

“Lá? Ah foi excelente, foi, foi, tanto assim, porque, era um tratamento pessoal diferente, entendeu? Porque eu era muito louco, eu não gostava que ninguém chegava perto de mim, aquela pessoa ignorante, não, não me encosta não, fala comigo daí, sabe? Assim, entranhado no crime, nessa vida louca, aí eu não gostava e lá eu não tinha como fugir, pela proximidade das pessoas, pessoas que me trataram bem, carinhosamente, como pessoa mesmo, entendeu? E eu, eu aceitei receber aquilo e foi maneiro, foi benção” – E4.

“Foi ótimo, pra mim eu aprendi muita coisa, de mais. Foi uma base pra mim começar minha vida aqui do lado de fora” – E5.

“Oh, foi a melhor coisa, mas é muito complicado tá. Oh, eu sou ignorante, graças a Deus não sou mais não, eu era ignorante, eu era brigão [...] quando eu fui me envolvendo com todo mundo, no final das contas todo mundo ficou meu amigo, no dia que eu saí todo mundo sabe, meus amigos que estava apegados chorou, eu chorei também porque como diz, eu fiquei

meus seis meses todinho lá. Pra você ter uma ideia eu ligava pra eles quando eu fiquei em casa. Quando eu não tinha nada pra fazer eu ia pra lá” – E6.

Quanto às dificuldades encontradas durante o tratamento foram citadas a disciplina, o isolamento/solidão e confronto religioso.

“A disciplina. A disciplina pra mim foi o que foi, foi, foi algo que eu, foi o maior desafio, porque eu era indisciplinado, então eu tinha que ver aquilo, entendeu. Foi o maior desafio mesmo. E a terapia, a terapia pra mim foi algo bem difícil algumas. Alguns vão varrer, o outro vai pra cozinha. Laborterapia.” – E1.

“Lá é bem rígido. Tem certas coisas, vamos supor. Aqui fora, você anda sem camisa, lá não você saía do corredor pra fora e ‘ah camisa, não pode’, várias vezes me pegava desprevenido, mas com certo tempo os outros alunos que estavam a mais tempo iam explicando pra gente ‘oh, isso aqui pode, isso não pode’. Então a pessoa vai se adaptando à norma da casa, mas tirando isso daí pra mim foi tranquilo, eu não queria sair de lá não” – E3.

“A disciplina também é muito complicado, por que aqui na rua você não tem hora pra você comer, não tem hora pra você dormir, cê não tem hora pra tomar banho, você não tem hora pra você conversar. Lá você tem hora pra tudo e você tem que respeitar, porque você não é obrigado a ficar, se você quiser você vai embora, mas você tem que respeitar. Então é muito difícil” – E6.

Assim como no relato dos egressos, a laborterapia e a disciplina são apontadas pela literatura e mídia como importantes ferramentas utilizadas pelas CTs, tanto para ocupação, quanto para reeducação (Paulino, Mata, Almeida, & Mármora, 2013; Senad, 2013).

Dois egressos afirmaram dificuldades com o isolamento.

“Porque, na verdade, eu fiquei foi nove meses sem visita, sem telefonema, sem nada. Assim, foi... Foi pesado. E só Deus mesmo, o primeiro amor com Deus foi o que me preencheu, buscar a palavra” – E2.

“O maior desafio pra mim é ter ficado afastado... que eu nunca assim gostei de ficar afastado, num lugar assim parado, sabe? Eu sempre fui muito agitado [...] e lá tinha que cumprir horário eu pegar ficava na cama, tinha que esperar os outro acordar. Isso aí foi o maior desafio pra mim foi isso” – E5.

Porém, não foram citados os conceitos/visões mais negativos, observados na revisão de mídia: lugar de isolamento, depósito de gente, lugar de maus tratos, tortura e violação dos direitos humanos, "verdadeiros manicômios contemporâneos", lugar de sequestro e cárcere privado (Paulino et al., 2013).

O papel e o lugar da religiosidade/espiritualidade nessa modalidade de tratamento tem lugar de destaque nas matérias que trouxeram algum conceito ou visão. Essa orientação religiosa/espiritual é trazida, na grande maioria dessas matérias, como “o segredo” para a recuperação. A participação da religião acontece através de estudos bíblicos, dos ensinamentos da Palavra de Deus, momentos de orações, com o objetivo maior de oferecer ao dependente e aos familiares elementos básicos de uma reformulação de vida. A não imposição da religião também é reafirmada. Apenas 11% das matérias trazia uma visão negativa dessa religiosidade/espiritualidade: Lavagem cerebral, imposição religiosa, lugares que receitam de tarjas pretas a livros sagrados, de cunho repressivo e moralista retratam as

associações encontradas (Paulino et al., 2013). Dentre os entrevistados, apenas um trouxe como maior dificuldade a questão da religiosidade da instituição:

“Foi aceitar, porque a gente assim acha que conhece de Deus, acha que conhece Jesus, mas a gente ouviu falar. Mas a maior dificuldade, não só minha, mas de muita gente, é o confronto. Porque a gente chega aqui com uma criação e quando a gente vem aqui, a gente é confrontado, aquilo ali é complicado. Então você tem que tá aberto, eu no começo do tratamento eu não tava aberto, olha eu vim aqui, eu não vou mudar de religião [...]. Então eu tinha essa consciência, ninguém me muda [...] Sabe, me confrontaram, me confrontaram sim e eu questionei muitas vezes, mas me mostraram o caminho que eu deveria seguir. Assim eu questionei bastante, como praticamente todo mundo que vem de outra religião, e eu sempre fui um cara muito curioso, então o que eu aprendia eu buscava, lia muito.” –

E9

Quanto à definição de CT, Raupp e Milnitisky-Sapiro (2008) trazem as CTs como uma “modalidade de atenção muito difundida, embora ainda pouco estudada”. Embora seja largamente utilizada, a questão do desconhecimento quanto a esse modelo de tratamento, que hoje integra as modalidades de tratamento para álcool e outras drogas do governo brasileiro, bem como o preconceito que a envolve, “principalmente entre os profissionais da área da saúde, os quais tendem a encaminhar pessoas para esses locais apenas como último recurso, geralmente por não encontrarem vagas em outras instituições”, são os principais aspectos destacados pelos autores.

Para Schneider (2011) as comunidades terapêuticas “são sistemas estruturados com regras, limites claros e afetos controlados, através de responsabilidades, normas e horários”, sendo uma das opções de atuação no tratamento de álcool e outras drogas.

Para Prado e Queiroz (2012) esse é um modelo de atenção à saúde que estabelece como fundamento a vida comunitária. Modelo onde disciplina, espiritualidade e trabalho são recursos terapêuticos. Concordando e ampliando um pouco mais esse conceito, para Sabino e Cazenave (2005) a CT é um sistema estruturado que deseja “promover uma transformação da personalidade do indivíduo, um amadurecimento pessoal e favorecer sua reinserção à sociedade” e para isso, trabalham os valores da “espiritualidade, responsabilidade, solidariedade, honestidade e amor”. A lógica norteadora é a religiosa e moral, e que a maioria das comunidades terapêuticas são serviços desenvolvidos por alguma organização religiosa – católica¹². É um ambiente livre de drogas e “uma forma de tratamento em que o paciente é tratado como o principal protagonista de sua cura” (Sabino & Cazenave, 2005). Segundo Zago et. al (1999) nas CTs as pessoas internadas são o centro do processo de tratamento. O tratamento comunitário é “redescobrir o outro, o próximo na relação” e tem um caráter pedagógico, é reeducativo e “o objetivo é estimular o interno para que seja o agente do processo de tratamento”.

Os egressos também foram questionados quanto ao significado da CT para eles:

“Eu falo que é, ela é, o melhor lugar que eu já fui, é o melhor lugar que eu já fui, nada se compara, em questão de lugar, sabe as vezes eu fico pensando assim, já fui em Ibitipoca, praia, nenhum lugar se compara a lá, porque tem a beleza de Cristo naquele lugar” – E4.

“Pra mim, no meu modo de ver, é um refúgio, é um abrigo, é uma mãe, é um colo. Ela acolhe a pessoa, pra levantar a pessoa, salvar ela” – E5.

“A comunidade terapêutica pra mim é um instrumento de Deus na vida do dependente químico. É um instrumento, é um canal. Essa comunidade terapêutica não tem o poder de tirar ninguém da droga, mas ela é um canal, sabe? Ela é um canal que Deus tem, que Deus criou para que o dependente químico possa conhecer da palavra e ficar fora das drogas. As comunidades terapêuticas que pregam a verdade, que pregam a palavra de Deus pra mim é um canal. É um instrumento de Deus” – E9.

O processo terapêutico focaliza intervenções pessoais e sociais, atribuindo funções, direitos e responsabilidades ao indivíduo dependente em ambiente seguro em relação ao consumo de drogas. É um modelo de tratamento com etapas hierárquicas “que refletem níveis cada vez maiores de responsabilidade social e pessoal”. A influência dos companheiros é útil na aprendizagem e assimilação das normas sociais e habilidades cada vez mais eficazes (Sabino & Cazenave, 2005).

A utilização das atividades em grupo, concepção básica dessa abordagem, tem por finalidade o estabelecimento de um ambiente terapêutico social (Siqueira, Barbosa, Laranjeira, & Hopkins, 2007). Além do elemento “social” facilitando o processo de aprendizagem, há outros importantes elementos nas CTS: o organizacional, “através das normas de convivência e do enquadramento de tarefas”; a abstinência das drogas; a corresponsabilidade; hierarquia e oportunidade de progresso; mobilidade social, “que implica a transmissão de tarefas e de responsabilidades crescentes na CT hierárquica”; a sistemática de grupo; a possibilidade de mudança; o grupo de pares, “a mudança precisa da interação entre os residentes”; a família e seu envolvimento; e por fim, o reconhecimento do residente “em sua singularidade não apenas por meio de um ato terapêutico individual, mas fundamentalmente através de uma escuta institucional de sua história de vida” (Sabino & Cazenave, 2005).

“Alimentação perfeita, psicólogos perfeitos, lugar perfeito, pessoas perfeitas em questão de monitores, obreiros, desde a cozinheira, desde os voluntários na época. Tinha capacitação de informática e de marcenaria”
– E1.

“A se a pessoa pudesse ir pra poder conhecer como é que funciona. Porque é um trabalho muito bom, e as pessoas que estão lá dentro faz com o maior amor, com o maior carinho, né? Aquilo que, o que eles exercem lá. Então se as pessoas pudessem ter a possibilidade de conhecer, seria bom, porque o trabalho é muito bom. Para a pessoa que quer mesmo o trabalho é imenso, o trabalho é enorme, é muito bom. Pra mim foi muito importante. [...] É um trabalho muito importante, quem passou lá, é importantíssimo o trabalho tem que continuar. Eu peço muito a Deus que quem poderia ter condições financeira que pudesse abrir mais várias clínicas pra poder ajudar, porque tem muita gente precisando.” – E3.

“Minha vida, minha vida, porque se eu pudesse estar lá agora, eu tava. Não querendo estar lá como usuário de droga de novo, mas sabe, é tudo, porque se eu aprendi a viver, eu aprendi como ficar com alguém, conhecer alguém e gostar de alguém normal, tipo assim, gostar da pessoa pelo que ela é e não pelo que ela vai me dá” – E6.

“Pra mim, que fiquei ali seis meses sabe que (longa pausa) assim (pausa), não tem assim como definir. Não sei te explicar porque aquilo ali é um lugar de proteção onde a pessoa chega estraçalhado emocionalmente e se ele quiser ele sai um novo homem. Porque ali realmente tem tratamento. Tem. Em todos os âmbitos da vida do ser humano, tem tratamento” – E7.

RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE (R/E)

A despeito da profecia de seu desaparecimento, a R/E permanece importante para a maioria absoluta da população mundial e, diversos estudos tem-se mostrado relação entre envolvimento religioso e melhores indicadores de saúde mental e bem-estar (Moreira-Almeida, 2009).

A maioria das tradições religiosas e espirituais têm crenças sobre a manutenção da saúde da mente, do corpo e da alma e muitos estudos têm indicado claramente que a religiosidade é um fator de proteção independente para a saúde física e mental e são quatro as razões para a associação entre religiosidade/espiritualidade e saúde: crenças religiosas provêm uma visão de mundo que dá sentido positivo ou negativo às experiências; crenças e práticas religiosas podem evocar emoções positivas; a religião fornece rituais que facilitam/santificam as maiores transições de vida; e as crenças religiosas, como agentes de controle social, dão direcionamento/estrutura para tipos de comportamentos socialmente aceitáveis (Fetzer Institute, 2003; Koenig et al., 2001).

A religião influencia a saúde mental através da promoção de um estilo de vida que incentiva comportamentos saudáveis, gerando ainda um sistema de crenças que auxilia no enfrentamento de estresses, sofrimentos e problemas cotidianos (Amatuzzi, 1999; Moreira-Almeida, Lotufo Neto, & Koenig, 2006).

Para contextualização da vivência religiosa foram levantados alguns aspectos nesse domínio, conforme tabela 8.

Tabela 8.

Dados sobre religiosidade/espiritualidade

Acredita em Deus?	N	Qual religião/doutrina/seita?	N
Sim	9	Evangélico	9
Não	0		
É religioso?	N	Desde quando é religioso?	N
Sim	9	Sempre	1
Não	0	Desde o tratamento na CT	8
Mudou de religião/doutrina?	N	Educ. religiosa na infância?	N
Sim	6	Sim	6
Não	3	Não	3
Frequenta igreja?	N	Qual frequência?	N
Sim, desde antes do tratamento	1	Uma vez por semana	2
Sim, desde o tratamento	8	Duas vezes por semana	1
		Três ou mais vezes por semana	6
Quão importante é a religião?	N	Se comunica com Deus?	N
Muito importante	8	Sim, em todo o tempo	4
Importante	1	Sim, todos os dias	5

Quando se avalia a religiosidade intrínseca leva-se em consideração, dentre outros fatores que serão destacados posteriormente, a crença em um ser superior e a importância dessa crença. Um inquérito populacional realizado por Moreira-Almeida, Pinsky, Zaleski e Laranjeira (2010) evidenciou alto nível de envolvimento religioso na população brasileira: 95% têm uma religião, 83% consideram religião muito importante e 37% frequentam serviços religiosos pelo menos uma vez por semana. Em nossa amostra, a crença em Deus foi unânime, bem como a doutrina religiosa pertencente, porém para seis dos egressos essa doutrina foi alterada durante o tratamento, tendo ocorrido o que chamam de conversão.

Independente da religião professada há sugestões de que a religiosidade não apenas facilita a recuperação do dependente de drogas, como diminui o índice de recaídas. Quando nesse papel protetor do consumo de drogas, a religiosidade está relacionada a alguns caracterizadores específicos como a frequência à igreja e à frequência e dedicação nas atividades religiosas (Blum et al., 2003; Day, Wilkes, & Copello, 2003; Hodge, Cardenas, &

Montoya, 2001; Pullen, Modrcin-Talbott, West, & Muenchen, 1999). Na amostra deste estudo todos os egressos informaram uma frequência à igreja, porém para oito deles esta se deu a partir do tratamento na comunidade terapêutica. A maioria relatou frequentar os cultos três ou mais vezes por semana, dois disseram frequentar apenas uma vez, devido ao trabalho e apenas um frequenta duas vezes por semana.

O motivo de ir à igreja é relatado como a busca de refúgio/conforto, busca da presença de Deus e busca de fortalecimento pessoal.

“É refúgio. Porque se eu afastar da igreja eu me afasto da presença de Deus. Aqui fora é mais difícil” – E2.

“Pra buscar a Deus.” – E3

“Fortalecendo minha fé mesmo” – E6.

“É um lugar onde eu vou pra cultuar a Deus, é um lugar onde tem várias pessoas cultuando ao mesmo Deus” – E9

Quando questionados sobre os cuidados oferecidos pela igreja, a oração, fé e a cura foram os principais pontos.

“Oração [...]” – E5.

“[...] A fé sem obras ela é morta né, então, tem que crer que Deus salva.” – E2.

“[...] Eu acredito na bíblia, na bíblia Jesus cura, eu acredito nisso.” – E4.

“A religião não, mas o que está por trás da religião, o nome que está acima de todo o nome, ele pode curar. A religião não.” – E7

“Orações.” – E8.

“[...] existe algumas coisas que Deus nunca viu, sabia? Deus nunca viu uma doença que ele não possa curar. É no livro de Êxodo, no capítulo 15, acho que verso 26 fala que Deus é o Deus que te sara. Eu tenho que tomar

essa promessa na minha vida. Se eu crer em Deus, mas não viver aquilo ali... Deus nunca viu uma doença que ele não possa curar. Se eu to passando por uma enfermidade, por uma necessidade ele pode curar, eu tenho certeza.” – E9.

Concordando com Moreira-Almeida (2009), quando afirma que algumas das mudanças que a R/E traz diz respeito a conceitos sobre si mesmo e filosofia de vida, pode se observar nos egressos, que a religião foi destacada como fonte de conforto, sentido, propósito. Ela é parte importante da pessoa.

“[...] ela me ajuda na motivação em tudo, na motivação no trabalho, a religião me ajuda a conviver com pessoas diferentes, a religião me ajuda... A ser um... A ser realmente verdadeiro. A religião me ajuda a cada vez mais prosseguir... No meu objetivo que é estar com deus... A religião me ajuda a sonhar [...]” – E1.

“Me faz sentir capaz. É porque antes eu tinha complexo de inferioridade, entendeu? Isso aí, graças a deus, acabou.” – E2.

“Me ajuda em tudo. Em tudo que a pessoa precisar, ela ajuda. É muito importante. Eu fico com um pouco de pena da pessoa discrê, não crer assim num Deus que é vivo e que você pode contar com ele pra tudo. Nas horas boas, nas horas ruins. E tem gente que ainda não crê em nada.” – E3.

“Em tudo, no meu trabalho, na minha convivência com minha família, com meus amigos, em tudo.” – E4.

“Em tudo. Aconselhamento é, é bem estar sabe? [...]” – E5.

“Em tudo, porque se você não tem religião você não tem uma vida, se você não tem uma vida, você não tem nada. Entendeu, porque no momento que

eu não tinha religião, como é que eu vivia. Hoje eu tenho uma e olha como é que eu tô. Então é tudo.” – E6.

“Jesus, aquele que é o autor e consumidor da minha fé. Ela me ajuda a resolver.” – E7.

“Ela é a coluna que tem me mantido de pé. As pessoas falam que Jesus é a rocha, pra mim ele é a rocha, ele é a coluna, ele é sustento, minha casa, minha cobertura, ele é meu mantimento. Jesus pra mim é a coluna, é a base da minha vida.” – E8.

A R/E pode proporcionar aumento do senso de propósito e significado da vida, esses fatores tem sido associados a maior resiliência (Lawler & Younger, 2002). A experiência religiosa não muda o mundo que a pessoa vive, mas dá outro olhar, outra compreensão deste mundo, alargando o contexto que passa a ser abrangido pelo entendimento e atitudes, e não o campo da realidade, já que ela continua a mesma e as indagações também, o que muda é o tipo da indagação e o tipo de compreensão que resulta. A literatura aponta a religiosidade/espiritualidade aliada ao crescimento pessoal do indivíduo (Amatuzzi, 1999; Bruscin, Savio, Fontes, & Gomes, 2008; Cambuy, Amatuzzi, & Antunes, 2006; Dalgarrondo, 2006).

A frequência à igreja não é alterada nos momentos de dificuldade, ela é reforçada por seis dos entrevistados e apenas três entrevistados disseram que dependerá do estado de saúde/problema enfrentado. As respostas também reforçam a crença na oração, na cura e no conforto religioso.

“Sim. Porque é algo que te dá força, porque é algo que te faz esquecer um pouco desse mundo [...]” – E1.

“Vou com certeza. Se pra poder fazer coisa errada você podia estar doente que ia. Porque pra poder adorar e buscar a Deus você não pode ir mesmo passando mal?” – E3.

“Sim, aqui tá a cura. Jesus é a cura.” – E4.

“Sim. Ah vou sim, aí que tem que ir mesmo.” – E9.

“Assim, eu tenho ficado todas as noites com meu tio, então não tenho ido. Mas costumo ir sim.” – E7.

“Depende, só se eu ver que não der pra ir mesmo.” – E2.

“Então, dependendo da enfermidade, se for uma coisa que eu vejo que eu tenho que ir num médico eu vou num médico. Se for uma coisa que eu vejo que através de uma oração ou deu pisar dentro da igreja também eu vou na igreja.” – E5.

“O primeiro ponto de apoio meu é a oração, mas a gente precisa de alguém também pra conversar e eu tenho pessoas, pastores e líderes meus que Deus preparou pra eu me abrir, pra buscar orientação. Graças a Deus eu tenho esse suporte.” – E9.

Apesar da preferência no socorro oferecido pela igreja, nenhum dos entrevistados descartou a possibilidade de recorrer a um profissional.

“Eu não acreditava em profissional antes de me internar. Eu nunca acreditei, não acreditava, eu falava ah quem vai me curar é a igreja. E eu ainda friso isso [...] lógico que hoje eu acredito nos profissionais [...]” – E1.

“A se for dorzinha boba, mas se vê que precisa de ir no médico, vou no médico.” – E2.

“[...] Não vou dizer, que eu to desmerecendo os médicos. Eu prefiro procurar a igreja, do que procurar os médicos.” – E3.

“Graças a Deus eu já tenho uma maturidade em Cristo e eu tenho um respaldo dentro da bíblia, dentro da palavra, que eu posso chegar ali e falar não, eu sou curado nessa área, eu sou desse jeito nessa área, eu sei onde buscar e sei quem eu sou em Cristo. Eu sei o que a palavra me proporciona e acredito.” – E4.

“Então, primeiro eu procuro orientação com o pastor. Determinado momento que ele orar e eu for pra casa e ver que tá a mesma coisa eu procuro um profissional.” – E5.

“Ir na igreja, porque lá eu encontro tudo. Tipo assim, na igreja a gente também encontra profissionais pra tudo. Então ali entende tudo.” – E6.

“Então, eu penso da seguinte forma. É tem coisas sim que sabe, eu estalo o dedo e se Deus quiser tá curado. Mas tem coisa que você tem que procurar um especialista. Se eu to com uma dor muito forte eu tenho que ter consciência. Eu creio que a medicina foi criada por Deus, assim como a psicologia, criada por Deus. E eu procuro sim, quando eu tenho algum problema que eu vejo que tá se agravando, né? Às vezes eu to com uma dor de cabeça muito forte, eu vou orar, vou pedir a Deus, mas eu vou procurar saber o que é.” – E9.

A prática da comunicação com Deus foi frequente em todos os entrevistados, bem como a sensação de preenchimento quando em comunicação. Para os entrevistados, o relacionamento com Deus faz com que não se sintam sozinhos. Todos relataram a prática diária da oração e também informaram que costumam pensar em Deus ao longo do dia, o que traz a eles sensação de liberdade, bem-estar e foco. A crença na resposta da oração, também

esteve presente nas falas de todos. Eles acreditam que Deus tem disponibilidade para protegê-los e que está presente em todos os momentos da vida deles.

“Com certeza. Sim eu sempre creio que Deus escutou, mas nem sempre Deus vai fazer o que você quer, mas ele sempre te escuta. Teve, teve momentos que Deus me respondeu várias vezes, te falo que, te falo que, que teve vezes que eu chegando de orar, orar e orar e no mesmo dia as situações ou teve situações que aconteceu” – E1.

“Ah muitas das vezes. Uma resposta imediata aí foi pedir a ele, e ninguém sabia, eu queria voltar pra aqui, só que eu tinha uma coisa comigo mesmo de... Ah não tu não volta pra lá mais que não sei o que. Porque na verdade e achei que não podia voltar mais não. Aí eu tava orando a Deus se tivesse como voltar praqui, que era pra mim voltar, aí sem eu saber de nada, o João falou quer voltar pra Juiz de Fora, que eu to indo embora amanhã” – E2.

“Eu penso que sim. Ah na última, tem um mês. Meu filho foi preso. O que eu orei em frente aquele Santa Terezinha. De lá pra cá eu fiquei orando uns 40 minutos, vai e volta orando, aí eu senti a presença de Deus muito importante na minha vida. Portanto ele foi, mas foi na sexta de manhã e na segunda-feira ele já estava em casa já. Na hora que eu cheguei eu falei é, é muito importante ter Deus na vida da gente, orar e pedir ele com fé mesmo. Acho que eu não tinha sentido a presença de Deus tanto igual eu senti naquele dia não. Mas na hora do aperto, né?” – E3.

“Tenho certeza [...] Uma vez na escola de líderes o pastor falou assim pra gente poder por 6 pessoas em oração durante 30 dias pra que e depois convidar essas pessoas para vir a igreja, que... a gente ia ter resultado da

conversação dessas pessoas, e, e eu pensei no meu pai na hora, só que ele não tava aqui, tava em São Paulo. Ai que que acontece, eu, aí fui e falei não dá porque ele tá em São Paulo porque tinha que orar por aquela pessoa e depois ir convidar pra vir na igreja, aí na hora que eu tava pensando nisso o pastor falou assim ‘mas se ela não mora aqui você pode orar que Deus vai enviar alguém lá próximo e essa pessoa vai ser convidado pra ir a igreja’ aí eu fui e fiz isso, 30 dias de oração toda madrugada, assim, eu não senti Deus próximo, mas eu senti a oração respondida, sabe, com, com muita eficácia. Aí eu fui e orei esses 30 dias [...] nesse período de oração começou a aparecer um monte de gente na casa do meu pai chamando ele pra igreja, pregando pra ele e tudo aí... aí sei lá o que que aconteceu lá que ele veio aparecer por aqui. Aí Deus foi e moveu pra ele podê tá passando pelo centro de recuperação também sabe, foi algo assim muito fantástico. E Deus, pouco tempo antes no Encontro com Deus tinha falado, Deus tinha falado claramente, em voz audível, igual a gente ta conversando aqui, que ia tratar com meu pai igual tratou comigo. Aí depois dessas orações, Deus moveu e ele passou pelo centro de recuperação também” – E4

“Com certeza, no dia que eu fiz o encontro com Deus, eu fiz o encontro com Deus e tive face a face com ele. E eu antes de eu ir no encontro, eu fazendo faxina, lavando a igreja, eu vi o Espírito Santo lá dentro. Eu não aguentei, eu comecei, eu não sabia se eu chorava ou se eu ria. E eu olhei ali, tava tudo enfumaçado ali na frente. Tava tudo branco. Eu até falei com o pastor, eu tava tirando umas caixas aqui de dentro. Aí, você já viu quando você tá num lugar que cê acha que cê tá que alguém ta te

observando? Aconteceu isso comigo, eu tava aqui dentro, eu senti que alguém tava me observando, eu saí pra fora não vi ninguém, quando eu vi na parte da frente tava tudo branco, tudo enfumaçado e era de manhã, umas 10 horas, o tempo tava nublado, e a igreja estava clara. Eu olhei, falei tá tudo nublado, eu devo tá ficando maluco, voltei de novo e quando eu peguei outra caixa que eu fui colocar lá fora que eu fui olhando pro altar, eu vi um manto branco, mas quando eu cheguei na altura da cintura, eu não consegui mais, meu pescoço não ia. Muita coisa mudou dentro de mim também, depois desse dia. Muita coisa, ansiedade. Me trouxe mais humildade, mais paciência. Depois desse dia, tudo tem mudado” – E5.

“Sim. Eu posso te citar várias, mas eu vou te citar uma dentro do sítio, foi minha primeira saída [...] fui sair e eu ainda tava com medo de sair, porque tinha na minha garagem um carro que tava emprestado comigo e eu tava usando esse carro e esse carro tinha de tudo lá dentro, maconha, crack, cocaína, tudo. E eu tava pensando nisso. Eu pedi pro meu primo ir lá em casa dar uma lavada no carro e entregar. Mas o meu medo era na hora que eu chegasse e entrar dentro daquele carro. E foi o que aconteceu, eu abri, eu entrei dentro do carro eu encontrei tudo. Saí do carro, na hora que eu olhei pra cima eu vi uma lata e do lado da lata um isqueiro. Aí o coração disparou, eu fiquei desesperado, mas no dia que eu saí lá do sítio, que era minha saída, foi numa sexta-feira, Deus falou comigo lá na casinha de oração, lá tem um quarto vazio que a gente utiliza pra tá orando, junto com Deus e Deus falou comigo, é, acho que em Neemias vai nessa tua força homem valente. E eu falava ‘Deus eu to com medo’ e Deus falou ‘Vai nessa tua força’. E aí, eu encontrei isso tudo, tinha tudo pra que eu caísse, só que

eu peguei a lata, pisei em cima dela, liguei pro dono do carro e falei ‘Posso te devolver o carro do jeito que ele tá aqui?’ ‘Pode’. Eu falei ‘tá muito sujo, tá assim, tá assado, mas posso te devolver ele, porque eu não tenho estrutura pra lavar’, ‘Pode sim’. E assim eu fiz. E a pessoa foi muito conscienciosa de aceitar o carro do jeito que tava” – E7.

“Ah, com certeza [...] olha só que interessante. A nossa igreja lá do centro tem um ano e dois meses que abriu e no dia que abriu a igreja, no dia da inauguração da igreja eu sentado do lado da minha esposa falei com ela, ‘o Rose, é, vou te falar uma coisa, eu to chegando agora nessa igreja do centro aqui, mas eu vou tá pregando nesse púlpito aí’. Ela olhou pra mim assim ‘ah, pode deixar que você vai’ e foi assim oh, de estalo. Uma semana depois o [...] pastor da igreja me chamou pra pregar. E Deus foi dando um montão de coisa. Um outro ponto, quando eu fui me casar, é assim, eu e minha esposa a gente não tinha nada não. Bem interessante. E precisava casar, consertar nossa vida. A gente não tinha nada, e a gente começou a orar e tal e Deus começou a levantar gente pra dar tudo. Levantou pra dar o fogão, levantou um pra dar sofá, levantou pra dar geladeira, levantou pra ajudar no casamento. E é assim que Deus faz. Além de oração pra tio meu que tá lá agora na igreja, a minha esposa, quantas vezes orou pelo irmão e ele se converteu. Sabe? Então a gente vê Deus agindo no negócio” – E9.

A oração está presente e é considerada como fenômeno central de qualquer que seja a religião (Mauss, 2003). Ela é uma prática relacionada à dimensão espiritual do ser humano (James, 2007; Mauss, 2003). Surgindo como fonte ansiolítica, a oração tem sido considerada o principal recurso, não farmacológico, para lidar com sintomas de abstinência e fissura pela

droga para usuários de tratamento religioso (Z. van der M. Sanchez & Nappo, 2008). Diversos estudos apontam a oração como uma das principais estratégias de *coping* religioso. (Coruh, Ayele, Pugh, & Mulligan, 2005; Harding, 2001; Javaheri, 2006; Levin, 1996).

Suporte social:

O homem é um ser social, um ser de interações. Sua identidade é desenvolvida a partir da convivência com grupos e pessoas, no reconhecimento e na influência dos grupos, no desenvolvimento do sentimento de pertinência e de valorização. Esse grupo, essa rede social pode representar fator de risco ou fator de proteção em relação a vários aspectos da vida e não seria diferente quanto ao uso de álcool e outras drogas. Elas podem ser positivas – quando as atitudes do grupo valorizam a vida, ou negativas – quando as atitudes trazem agressão à vida (Senad, 2013)

Todos os entrevistados disseram ter encontrado na igreja uma fonte de vida social, facilitando o processo de aproximação, sendo um espaço onde se sentem acompanhados e com apoio.

“Acho que facilita sim, porque na verdade muitas pessoas vão na igreja por carência de amizade, entendeu? Acolhido, né?” – E2.

“Sim. É um conjunto, igreja mais a personalidade da pessoa, apesar da igreja Resgatando Vidas saber que tem o centro de recuperação, muita gente ainda tem bloqueio. A maioria, 90% tem receio.” – E4.

“Também. Com certeza. Isso, apoio e segurança.” – E5.

“Com certeza. Facilita de verdade. Com certeza, lá todo mundo tem carinho comigo, se preocupa comigo.” – E6.

“Sim. Sim, com certeza. Sim, ela facilita tanto porque na igreja é um lugar que você encontra todo tipo de pessoa, de todo nível social, de todo seguimento você encontra ali.” – E9.

Todos concordam que a religião ajudou a criar novas amizades e que houve ganho com essa nova rede.

“Saber que o seguinte, que mesmo as pessoas não fazendo parte da sua família, as pessoas se tornam como pai, as pessoas se tornam como irmãos, as pessoas se tornam realmente especiais para você [...]” – E1.

“Tipo assim, eu era uma pessoa presa, entendeu? Tipo assim, eu gostava de ficar mais isolado. Comecei tipo assim, a amizades verdadeiras entendeu, aí eu comecei tipo assim a me soltar mais, a tipo assim a me entrosar mais. Pra ter um diálogo.” – E2.

“Ah ganhei tudo, né? Porque as amizades da igreja você pode, só amizade boa. Ninguém vai te falar coisa que não deve [...] Então, amizades que você pode guardar no coração pra sempre. São amizades boas mesmo [...]” – E3.

“Sinceridade. Nem todos, nem sempre. Sinceridade.” – E4.

“Tudo, minha vida de novo. Ajudou a convencer minha família que eu tinha jeito, que não tinha acabado ainda tinha jeito pra mim.” – E6.

“Novos hábitos.” – E8.

“[...] pra mim o que me deixa mais satisfeito, é você vê que você realmente é considerado pelo aquilo que você é e não pelo aquilo que você tem, pelo aquilo que você é hoje [...] Eu vejo hoje que dentro da igreja, desse círculo meu lá da igreja, eu tenho algo que eu não tive a vida inteira, eu tenho o respeito. O respeito, a admiração” – E9.

Alguns chegam a relatar que um dos motivos para ir à igreja é considerarem este um lugar de comunhão de novas amizades.

“Como instituição, por causa dos irmãos. Você chega lá, você conversa com um conversa com outro [...] É porque os irmãos em cristo, ele colhe o seu problema, ele colhe o meu, todo mundo se une pra tentar se ajudar. Não deixa a pessoa desamparada. Tem hora que você está precisando, oh irmão tá acontecendo isso, oh irmão vamos orar por você, vamos fazer um jejum, vamos no monte, então quer dizer é uma família muito unida né? Então eu creio que é por aí porque na hora que você mais precisa de um irmão, ele não te abandona” – E3.

“Porque aqui eu posso mostrar, trazer outras pessoas com problemas semelhantes ao meu ou até piores e, e vivenciar uma mudança de vida nas outras pessoas também [...] Aqui tem pessoas que eu confio” – E4.

“A igreja me ajuda quando passo por dificuldade, porque tenho aconselhamento, amigos. Eu me abro muito com eles, eu não me escondo não. Eu sou uma pessoa que eu uso de confiar nos irmãos. Às vezes situação que eu passo assim, difícil, eu comunico com eles, então, ali muitos me dão conselho, conversam comigo, termina a reunião eles me abraçam. Eu só tenho tamanho, menina, mas eu sou um neném. É um refúgio pra mim, é um abrigo” – E5.

“É bom estar na igreja, é bom porque ali a gente tem comunhão com os outros, né? Com os irmãos. Ah, estar na igreja é muito bom” – E7.

“Porque ali há conforto, palavras boas” – E8.

“Meus amigos, a comunhão também é muito importante. A gente é, quando a gente tá vivendo no meio da drogadição e tal a gente tem um outro tipo

de relacionamento, a gente vive no meio de pessoas que, assim, tão ali pra qualquer parada. Você não sabe quem é seu amigo, cê não sabe quem vai te roubar, cê não sabe quem vai te matar, cê não sabe quem tá contigo por causa da droga, sabe? E na igreja, além da gente ir lá pra cultuar, adorar a Deus, louvar o Senhor, a gente se diverte. Isso traz pra mim um sentimento muito legal. E tem, eu por exemplo hoje, das minhas amizades que eu tinha lá no passado, são pouquíssimas que eu ainda tenho contato. Meu círculo de amizade todo gira em torno da igreja. Mudou completamente. A minha vida mudou totalmente. E ali, dentro da nossa igreja é assim, é, a gente pode ver realmente o mover de Deus, porque a maioria dos meus amigos ali da igreja são ex-dependentes químicos também. Isso é que é legal. A gente vê o milagre de Deus todo dia – E9.

Essa amizade também se relacionou com os cuidados oferecidos pela igreja.

“Todas as pessoas da igreja dão liberdade para poder estar conversando com eles, e o conversar, porque nem sempre você vai estar diante de um psicólogo, ou diante de um psiquiatra ou diante de uma terapia, então a igreja é uma terapia, a igreja é, o discipulado é uma psicologia, o discipulado é uma terapia é uma psiquiatria. Então a igreja te fornece psicologia, psiquiatria, terapias.” – E1.

“[...] porque se for enfermidade que eu não for curado aqui dentro, se eu tiver que tá num hospital eles vão lá, vão cuidar de mim, vão ser meu ombro amigo, vão cuidar de mim, entendeu?” – E5.

O conceito de rede social vem se ampliando no dia a dia e diz respeito ao conjunto de relações que vinculam indivíduos a outros indivíduos. Algumas das características da rede social são: acolhimento, cooperação, disponibilidade, respeito, tolerância e generosidade. A

interação social é a reciprocidade de ações sociais entre dois ou mais indivíduos e envolve significados e expectativas (Lakatos & Marconi, 1991; Senad, 2011b, 2013).

Quanto à percepção da aceitação pelos pares da igreja em relação à aceitação pelas demais pessoas, de maneira geral as opiniões ficaram divididas. Quatro dos nove entrevistados disseram não perceber diferença alguma na aceitação, enquanto que os demais cinco não apresentaram justificativa para a percepção da diferença.

MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO

Os mecanismos de enfrentamento surgidos das entrevistas podem ser divididos em três grupos principais para discussão, a saber: espiritualidade, afastamento e diálogo.

Retomando então a preocupação em conhecer os mecanismos pelos quais a R/E pode influenciar a saúde, temos que os mais comumente propostos são: hábitos de saúde, suporte social, estratégias cognitivas, psiconeuroimunoendocrinologia e *coping* religioso (Moreira-Almeida, 2009).

O enfrentamento/*coping* é um processo de interação entre o indivíduo e o ambiente. Sua função é reduzir ou tornar suportável uma situação adversa que exceda os recursos do indivíduo. Esse conceito está inserido em diversas áreas como a psicologia cognitivo-comportamental, psicologia da religião, psicologia positiva, psicologia da saúde e do escopo de estudos sobre religião e saúde, medicina e espiritualidade. (Folkman, 1984)

Quando se fala em *coping* religioso/espiritual (CRE), trata-se das estratégias de enfrentamento retiradas da religiosidade/espiritualidade da pessoa para lidar com situações de estresse e de dificuldade em suas vidas. De acordo com Pargament, a religião pode aparecer de três formas no processo de *coping*: como parte do *coping*, como contribuinte no *coping* ou como resultado desse processo de enfrentamento (Pargament, 1997).

Assim como no *coping* não religioso, essas estratégias podem ser positivas ou negativas. O CRE positivo abrange estratégias que proporcionem efeito benéfico/ positivo ao praticante: “como procurar amor/proteção de Deus ou maior conexão com forças transcendentais, buscar ajuda/conforto na literatura religiosa, buscar perdoar e ser perdoado, orar pelo bem-estar de outros, resolver problemas em colaboração com Deus, redefinir o estressor como benéfico etc.”. Já o CRE negativo envolve estratégias que geram consequências prejudiciais/negativas ao indivíduo: “como questionar existência, amor ou atos de Deus, delegar a Deus a resolução dos problemas, sentir insatisfação/descontentamento em relação a Deus ou frequentadores/membros de instituição religiosa, redefinir o estressor como punição divina ou forças do mal etc.” (Panzini & Bandeira, 2007, p.129).

Apesar da não aplicação da escala de CRE, buscou-se observar se, dentre os mecanismos apresentados, a religiosidade/espiritualidade estariam presentes e de que forma apareceriam. A partir dos relatos dos egressos, pode-se perceber a presença de diversos fatores da dimensão positiva do CRE, mas dois nos chamam atenção quanto aos mecanismos citados, sendo eles a ação em busca de ajuda espiritual e busca pessoal de crescimento espiritual.

A ação em busca de ajuda espiritual é definida como:

[...] todo comportamento de *coping* religioso espiritual que no qual a pessoa realiza um movimento buscando no outro, seja este individual, institucional, familiar ou social, uma espécie de ajuda espiritual, seja procurando fazer tratamentos espirituais, procurando orientação com entidades espirituais, procurando uma reposição de energias vitais, praticando ações em busca da espiritualidade ou de uma maior conexão com esta. (Panzini & Bandeira, 2007, p.101)

“[...]É tá na igreja, cê tá entendendo? Tá sempre na igreja buscando, participar, também, de célula.[...]” – E5.

“[...] é o principal, ir na igreja, pra mim. É ir na igreja, estar frequente na igreja, inclusive todos os dias. A minha estratégia é, primeiramente, focar igreja. Segundo, procurar ocupar o meu tempo, com trabalho, com, vendo filmes, lendo a palavra, orando. Estando em família. A bíblia, oração e ir na igreja.” – E1.

“Escuto louvores. Fico só escutando e vou lembrando de tudo que aconteceu de ruim, e de tudo que tá acontecendo de bom.” – E6.

“É, é ajuda da esposa, né? Igreja e orar sempre. Graças a Deus a nossa igreja é uma igreja que trabalha, pelo fato de ser uma igreja que nasceu do centro de recuperação, é uma igreja que ajuda muito. A gente tem um suporte muito legal lá embaixo (na igreja). É lógico que minha família é um ponto mesmo de auxílio, de proteção, de refúgio, mas a igreja também tem um auxílio gigantesco nisso daí, a igreja realmente abraça e assim é Deus. Oração em cima. A gente não consegue nada sem oração, sem buscar a Deus. É um relacionamento diário com Deus.” – E9.

“Procuro suporte com a psicóloga e com os líderes da igreja.” – E7.

A busca pessoal de crescimento espiritual é definida como:

[...] todo comportamento de *coping* religioso espiritual que revela, ou uma busca individual de Deus e/ou da espiritualidade (ao contrário da busca institucional), ou uma busca de si mesmo através de Deus e/ou da espiritualidade. Poderão manifestar-se através de reavaliações positivas, práticas não institucionais, busca de conexão profunda consigo ou com forças transcendentais ao indivíduo. (Panzini & Bandeira, 2007, p.102)

“Espiritualidade, a gente busca espiritualidade a todo momento lá dentro.”

– E1.

“A palavra de Deus.” – E3.

“Foram muitas, só que o, o mais eficaz foi a palavra de Deus. Foi, teve, terapia, psicólogo, psiquiatra, várias, mas nada se compara com a palavra, com a bíblia.” – E4.

“Primeiro Deus, né? [...]” – E6.

“[...] O suporte espiritual que é fundamental [...]” – E7.

“Te falo que a maior ferramenta que existe aqui e a maior ferramenta pra um, pra um dependente ficar fora da droga [...] é a bíblia, tem que ter uma bíblia na mão. E oração. Oração, muito estudo, leitura da palavra diária. Até os cultos. É tremendo o que a gente acha que Jesus pode fazer, porque é muito bonito a gente vê isso na vida da outra pessoa, mas quando a gente vê Jesus fazendo na nossa vida a gente vê que ele existe mesmo [...]” – E9.

“Força em Deus, mesmo. Aí eu vou prum canto, fico sozinho e começo a desabafar comigo mesmo, chorar, entendeu? E também não guardar nada pra mim, entendeu? Sempre ter uma pessoa. Antes não tinha... quer dizer, eu não confiava nos outros.” – E2.

“A principal estratégia é fugir delas mesmo (drogas), ficar bem longe, ficar bem longe, quando mais longe ficar melhor é. Orar a Deus, pedir muito a Deus para dar sabedoria, porque vem muito pensamento negativo né? Mas é vim dum lado e repreende do outro. É Deus na frente mesmo pra poder ajudar a gente a vencer, porque sem Deus é difícil, é muito difícil” – E3.

“Me reconhecer em Cristo. Reconhecer quem eu sou em Cristo.” – E4.

“Então eu, eu tenho minha fé, eu creio muito em Deus. Igual enfermidade, enfermidade... teve um dia que eu levantei da minha cama e eu tava com dor de cabeça, e tava me dando uma bambeza pra mim não ir trabalhar, aí eu ajoelhei na minha sala e daí Deus me deu uma experiência. Tive uma experiência com Deus. Ajoelhei e clamei ao Senhor, clamei pelo sangue de Jesus, falei Senhor eu não aceito essa enfermidade na minha vida, repreende, isso daqui já não me pertence mais, o senhor já levou na cruz. Eu levantei, quando eu desci na garagem que eu tirei o carro eu já tava bonzinho. Entendeu? Eu faço assim.” – E5.

A busca do alívio da situação estressante focando-se na religião, através do apoio espiritual, cuidado e amor de Deus, ou através do apoio de membros e/ou frequentadores da instituição religiosa, fazem parte da utilização do *coping* religioso/espiritual positivo.

Porém, também foram relatadas estratégias de afastamento, bem como levantado a importância do aconselhamento/diálogo. O afastamento através de Deus, da religião ou espiritualidade também é um fator positivo do *coping* religioso/espiritual, sendo uma:

[...] mudança de perspectiva pessoal em relação à situação, na qual a pessoa afasta-se do problema aproximando-se de Deus e/ou das questões religiosas/espirituais. Ou seja, todo comportamento de *coping* religioso espiritual que alguém realiza buscando aproximar-se de Deus, da religião ou da espiritualidade e que tem como consequência um afastamento do problema ou da situação de estresse que vivencia. Cabe ressaltar que o *coping* afastamento se diferencia do *coping* esquiva. Este último é considerada como negativo por configurar uma tentativa de fuga em relação ao problema, enquanto que o afastamento é positivo, pois a pessoa não nega o problema, nem tenta fugir do mesmo, apenas encontra alívio temporário procurando focar sua atenção

noutro tema. No caso, nos aspectos espirituais e religiosos. (Panzini & Bandeira, 2007)

“Evitar os lugares, as amizades e principalmente vê o risco [...] Outra coisa é evitar o buraco, evitar de ficar rodeando o buraco, uma hora você vai cair” – E7.

“Fugir, assim da aparência do mal. Não ir assim atrás dos antigos amigos [...] A vida mudou é outra coisa, a gente vira outra pessoa. O que a gente cometia antigamente a gente não pode cometer mais [...] Uma das ferramentas assim fundamental, que hoje eu uso ela também no meu dia a dia é a sinceridade, sabe, sinceridade e a honestidade é uma ferramenta muito especial, que eu fui aprendendo com Deus. Hoje eu sei se eu não usar de sinceridade, essa ferramenta que Deus me deu, eu sei que eu vou tá enganando a mim próprio.” – E5.

“Os pessoal sempre... o aconselhamento deles são muito bom. Só, tipo assim, palavra que edifica a gente, pra ir pra frente, nada de desanimar.” – E2.

“[...] Segundo, é família, é o carinho que eles têm por mim. Porque toda vez que eu penso em ter uma recaída eu lembro no que eles falaram comigo [...] Eu aprendi a escutar mais, pra poder aqui fora eu conseguir. Porque quando você chega aqui fora, o choque é muito grande. Me educou também, mudaram muito meu psicológico, eles me ensinou que eu não preciso me confrontar com ninguém, que eu não preciso mostrar pra ninguém que eu sou melhor, eu preciso mostrar pra Deus.” – E6.

“Nossa, são várias ferramentas. Uma delas o suporte psicológico, que foi muito importante [...] e o diálogo, sabe? É, aberto, [...] sem reservas.” – E7.

FATOR DE PROTEÇÃO

Quando se pensa em uso/abuso de substância deve se pensar nos fatores de risco e proteção que, não apenas podem levar a esse uso/abuso, bem como podem ajudar na recuperação. Esse, então, foi um dos pontos também abordados durante as entrevistas. Quando questionados sobre o que poderia ter impedido o uso de drogas em suas vidas, os egressos trouxeram a igreja/Deus e principalmente a família.

“Se eu conhecesse Jesus há muito mais tempo. Se eu tivesse, se eu conhecesse a palavra antes de ter conhecido a outra [...] se eu realmente estiver fora da palavra [...] se eu estiver fora da igreja [...] eu uso drogas. No momento em que eu estiver indo pra igreja, eu consigo, mesmo sim, ainda tenho que ficar em vigilância porque se eu usar qualquer tipo de drogas, nesse período, mesmo eu tando na igreja, é fato, eu vou usar o, a, a droga que eu mais atingi o grau que foi o crack.” – E1.

“Só Deus, só Deus.” – E4.

“Minha família, minha família. Principalmente esse lado, minha mãe e minha ex-mulher, né? Porque as duas recaídas maior foi nisso, quando eu voltei a usar cocaína e, que eu tinha parado quando eu tava trabalhando no chaveiro e eu voltei quando minha mãe separou do meu pai, ficou aquela pressão [...] Aí quando eu vi, minha mãe não ligava pra mim, ficava dias e dias e eu sempre fui muito ligado a minha família, e ninguém dava

muita ideia pra mim [...] Aí depois quando tudo veio a calhar, eu comecei a usar droga, eu vi, tipo assim, na época se a mãe dos meus filhos tivesse me acompanhando também pra eu ir numa clínica e ficado comigo lá eu teria melhorado antes de chegar até esse ponto. Mas ela também não teve essa visão, porque eu tava me afundando, eles tentavam me ajudar e tal e eu as vezes a forma como eles queriam, eu queria melhorar pra ter minha família de novo, não pra ficar sozinho. Melhorar pra que? Porque eu passei a enxergar ela como a minha vida, sem ela não dava, porque eu fiquei sem minha mãe, então só tinha ela. Aí perdi ela, falei 'ah acabou tudo'." – E6.

"Não sei, pode ser que uma ausência paterna dentro de casa, porque minha mãe, pelo fato do meu pai ter falecido e eu era muito novo e minha mãe a vida inteira teve que trabalhar fora, não é que ficamos jogados, mas ficamos sem aquela presença ali, sem alguém pra impor regras." – E9.

"Eu acho, eu acho que se tivesse... Eu acho que o diálogo, informações para a família se tivesse naquela época, muitas coisas ruins que nós vivemos poderiam deixar de existir." – E7.

"Se eu não fosse tão sozinho. Isolado." – E8.

"O que na verdade, tipo assim, não sei qual o motivo, sempre fui revoltado comigo mesmo, entendeu? Nunca fui de envolver as pessoas, não. Tipo assim, eu só guardava as coisas pra mim, nunca falava nada com ninguém, entendeu? Muitas vezes eu guardava coisas, afim de falar... não conseguia, não. Eu fui crescendo com aquilo e foi... aí, eu me refugiava na droga, alguma coisa assim eu ficava mais, a vontade." – E2.

“Ah, muita gente, minha vizinhança mesmo, né? Tem muita pessoa lá perto da minha casa lá bem estruturado, bem de vida. Não me abraçou nem pra mim trabalhar, nem pra me dar oportunidade. Quem me abraçou foi a vagabundagem.” – E5.

“Acho que é a vontade própria. Porque se a pessoa não quer a outra pode insistir, pode insistir, por mais curiosa que ela esteja vai dizer não.” – E3.

Quando questionados sobre o que consideram como fator protetor ao uso de drogas, as respostas não diferiram da questão acima. A igreja/Deus e a família mantiveram o destaque nas falas.

“Palavra de Deus, a biblia. Influência de amigos, influência familiar e principalmente a influência de amigos é o principal, o principal, no meu ponto de vista.” – E4.

“Pra mim, igreja. É igreja, ministério, trabalhar dentro de igreja, firmado dentro da igreja, não é somente ir a igreja, você tem que se envolver dentro da igreja [...] Família também é muito importante, a família te dando apoio é muito importante, família apoiando, só ter família não diz nada. A família tem que dar apoio. E de preferência a família não usar nenhum tipo de droga.” – E1.

“A força de vontade, primeiramente Deus e depois a força de vontade. Não adianta só ter Deus e deixar nas mãos dele. Tem que ter força de vontade também.” – E2.

“Companhias e apoio familiar. Meu pai se separou da minha mãe quando eu tinha 16 anos, então era só eu e ela.” – E8

“O que acontece hoje em dia é que geralmente os pais quando ficam sabendo que os filhos estão usando drogas já está num estágio bem

avançado, já estão totalmente dependente, acho que falta muita conversa, conversa dentro de casa, saber com quem os filhos estão se envolvendo.” – E9.

“Amizade... Antes só do que mal acompanhado. Ninguém te da na sua boca, mas vamos supor, se a gente tá andando na rua e eu falo com você vão ali usar comigo, por mais que você não queira, mas se você já tem o hábito você vai. Porque se você for ficar falando na minha cabeça eu vou ficar fraco, vou acabar caindo na sua e vou. Agora se você falar comigo, vamos na igreja, as vezes eu até não vou. Então quer dizer, se não tiver ninguém pra falar nada contigo, você não vai ter que ir” – E6.

“Eu acho o seguinte, a conscientização do mal que faz, da morte lenta que causa, hoje a gente, a maioria da droga do usuário é o crack, então é uma morte lenta que o crack causa, então quer dizer, conscientização do mal que faz. E uma coisa também que ajuda e é primordial na vida das pessoas é conhecer Jesus, porque ele realmente é o caminho.” – E7

“A família é a referência básica na formação de uma pessoa” (Senad, 2011^a, p.17). Ela está fortemente presente entre os fatores de risco, quando encontradas práticas de funcionamento pobres, inconsistente, baixo apego entre os membros e conflitos familiares, fatores esses que podem ser observados em alguns dos relatos (Queiroz, 2010).

A frequência/envolvimento com atividades religiosas, conforme apontado anteriormente, é um dos principais aspectos da religiosidade/espiritualidade relacionado à recuperação do usuário de álcool e outras drogas, bem como na saúde em geral. O apoio sempre foi o papel principal das tradições espirituais (Vasconcelos, 2006).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a presente pesquisa não apresente alta validade externa, ela certamente contribui para o campo de discussão sobre o lugar da espiritualidade/religiosidade na saúde, levantando indicadores importantes que podem integrar nossas intervenções. Essa pesquisa qualitativa propiciou a compreensão das justificativas e das concepções dos egressos sobre o tratamento recebido e as ferramentas utilizadas para o enfrentamento da recaída, que em uma pesquisa quantitativa talvez não fosse possível abranger.

Uma limitação inerente ao presente estudo é a impossibilidade, devido ao tempo para execução do mesmo, de realizar um estudo de coorte longitudinal na CT, abraçando o período de triagem antes do tratamento, a entrada no tratamento, o momento de alta e então um *follow-up* de seis meses. Outra limitação é a realização da entrevista levando em consideração o auto relato retrospectivo.

Ao analisar os resultados deste estudo é possível perceber o quanto estes egressos valorizam o papel da religiosidade/espiritualidade. Respondendo a algumas inquietações iniciais, pode-se observar nos relatos que a religiosidade/espiritualidade não só esteve presente dentre as estratégias de enfrentamento ao uso e recaída, como foi endossada por eles como importante para a recuperação.

Levando em consideração os relatos desses egressos, observa-se que a comunidade terapêutica teve papel importante na recuperação desses egressos, no resgate do ser, a partir do oferecimento não apenas dos cuidados médicos, psiquiátricos, psicológicos, mas também do acolhimento, o conforto, a solidariedade, ou seja, apoio social. Para Valla (1999), esse apoio social é um instrumento para compreensão do que está se produzindo através da religiosidade, cujo incremento é um ponto de reflexão sobre as demandas da população. O engajamento no tratamento pode ser atribuído à vontade própria do indivíduo em interromper

o ciclo ao qual estava vivendo. Mesmo assim, dificuldades foram relatadas, sendo essas quanto ao modelo de tratamento proposto, com base na disciplina.

Pode-se observar quatro pontos chaves nas entrevistas realizadas: família, frequência religiosa, oração, suporte social. Esses pontos concordam com outros estudos já realizados e reforçam o conhecimento que vem sendo desenvolvido nesta área.

A família surge para os egressos com o papel principal na busca do tratamento, porém também surge como um dos principais fatores de risco da iniciação do uso. Essa referência básica da formação do indivíduo apresentou-se com práticas de funcionamento pobre e inconsistente. Pode ser observado também o índice elevado de uso de álcool e outras drogas pela família, outro fator considerado de risco.

Outro ponto de destaque foi a frequência/envolvimento com atividades religiosas, um dos principais aspectos da religiosidade/espiritualidade relacionado à recuperação do usuário de álcool e outras drogas. As mudanças trazidas pela R/E diz respeito a conceitos sobre si mesmo e filosofia de vida. A R/E trouxe aos egressos senso de propósito e crescimento pessoal do indivíduo. Os cinco objetivos chaves da religião, e também objetivo do CRE, que são busca de significado, controle, conforto espiritual, intimidade com Deus e com outros membros da sociedade e transformação de vida, estiveram fortemente presente nos relatos dos egressos.

No geral, a expressão da religiosidade/espiritualidade e do apoio social foram os pontos focais dos relatos dos egressos. Os espaços religiosos como expressão de apoio social, oferecem alternativas ao enfrentamento, apoio esse que é promovido pelos pares, mas também no relacionamento vertical com os dirigentes e/ou com Deus e é considerado uma das maiores potencialidade dos tratamentos que envolvem R/E.

De acordo com Cassel (1982), o sofrimento ocorre quando existe a possibilidade de uma destruição iminente da pessoa. A busca por sentido e transcendência oferecem formas de

diminuir esse sofrimento e destruição da personalidade. É dar novo significado à vida e a espiritualidade diz respeito à essa busca do ser humano.

Ao pensar sobre o tratamento para o uso e abuso de álcool e outras drogas não é adequado deixar de lado um modelo de assistência que seja integrado: médicos, assistentes sociais, psicólogos, família e sociedade. Da mesma forma, se há preocupação em um modelo integrado de assistência, porque deixar de lado o sujeito em sua forma integral? Na Declaração Universal sobre bioética e direitos humanos (UNESCO, 2005) temos a inclusão da dimensão espiritual na identidade do indivíduo e essa dimensão tem sido destacada nas políticas públicas de saúde de diversos países. A religiosidade/espiritualidade é importante parte na vida de muitas pessoas, não podendo ser negligenciada em nenhum contexto. É necessário que novos estudos sejam realizados no Brasil, na busca de afirmar os mecanismos de enfrentamento oferecidos pela religiosidade/espiritualidade, tendo em vista nossas particularidades culturais, que podem proporcionar resultados diferentes dos encontrados em outras culturas.

5. REFERÊNCIAS

- Adler, A. (2011). *The practice and theory of individual psychology*. Mansfield Centre, Ct: Martino Public.
- Amatuzzi, M. M. (1999). Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso. In M. Massimi & M. Mahfoud (Orgs.), *Diante do mistério*. São Paulo: Loyola.
- Batson, C. D. (1993). *Religion and the individual: a social-psychological perspective*. New York: Oxford University Press.
- Bellah, R. N. (1991). *Beyond belief: essays on religion in a post-traditional world*. Berkeley: University of California Press.
- Bezerra Jr., B. (2011). É preciso repensar o horizonte da reforma psiquiátrica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(12), 4598.
- Blum, R. W., Halcon, L., Beuhring, T., Pate, E., Campell-Forester, S., & Venema, A. (2003). Adolescent Health in the Caribbean: Risk and Protective Factors. *American Journal of Public Health*, 93(3), 456–460.
- Bowen, S., Chawla, N., Collins, S. E., Witkiewitz, K., Hsu, S., Grow, J., ... Marlatt, A. (2009). Mindfulness-based relapse prevention for substance use disorders: a pilot efficacy trial. *Substance abuse: official publication of the Association for Medical Education and Research in Substance Abuse*, 30(4), 295–305.
doi:10.1080/08897070903250084
- Brasil. (2001). Resolução - RDC/ANVISA nº 101, de 30 de maio de 2001. Recuperado de http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/res_0101.pdf
- Brasil. (2004). *Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas* (2 ed. rev. ampl.). Brasília - DF: Ministério da Saúde.

- Brasil. (2005). Política Nacional sobre Drogas. Presidência da República Secretaria nacional Antidrogas.
- Brasil. (2010). *Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil*. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Recuperado de <http://www.brasil.gov.br/enfrentandoocrack/publicacoes/material-informativo/serie-por-dentro-do-assunto/legislacao-e-politicas-publicas-sobre-drogas-no-brasil>
- Bruscagin, C., Savio, A., Fontes, F., & Gomes, D. M. (2008). *Religiosidade e psicoterapia*. São Paulo: Roca.
- Bucher, R. (1992). *Drogas e Drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burdette, J. H., Laurienti, P. J., Espeland, M. A., Morgan, A., Telesford, Q., Vechlekar, C. D., ... Rejeski, W. J. (2010). Using Network Science to Evaluate Exercise-Associated Brain Changes in Older Adults. *Frontiers in Aging Neuroscience*, 2. doi:10.3389/fnagi.2010.00023
- Burgess, A. (2012). *Laranja mecânica - Edição Especial 50 anos (1/2012 ed)*. São Paulo: Aleph.
- Cambuy, K., Amatuzzi, M. M., & Antunes, T. de A. (2006). Psicologia Clínica e Experiência Religiosa. *Revista de Estudos da Religião - REVER*. Recuperado de http://www.pucsp.br/rever/rv3_2006/t_cambuy.htm
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., & Nappo, S. A. (Orgs.). (2002). *I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 107 Maiores Cidades do país*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Recuperado de http://www.cebrid.epm.br/levantamento_brasil/parte_1.pdf
- Cassel, E. J. (1982). The nature of suffering and the goals of medicine. *The New England journal of medicine*, 306(11), 639–645. doi:10.1056/NEJM198203183061104

- Cebrid. (2011). *Livreto Informativo sobre drogas psicotrópicas: Leitura recomendada para alunos a partir do 7º ano do Ensino Fundamental*. (5ª ed). Brasília - DF: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: SENAD - Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas.
- Coruh, B., Ayele, H., Pugh, M., & Mulligan, T. (2005). Does religious activity improve health outcomes? A critical review of the recent literature. *Explore (New York, N.Y.)*, 1(3), 186–191. doi:10.1016/j.explore.2005.02.001
- Dalgalarrondo, P. (2006). Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 177–178. doi:10.1590/S1516-44462006000300006
- Dalgalarrondo, P., Soldera, M. A., Corrêa Filho, H. R., & Silva, C. A. M. (2004). Religião e uso de drogas por adolescentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(2), 82–90. doi:10.1590/S1516-44462004000200004
- Day, E., Wilkes, S., & Copello, A. (2003). Spirituality and clinical care. Spirituality is not everyone's cup of tea for treating addiction. *BMJ (Clinical research ed.)*, 326(7394), 881.
- Faria, E. (2003). *Dicionário Latino-Português* (1º ed). Itatiaia Editora.
- Fetzer Institute. (2003). *Multidimensional Measurement of Religiousness/Spirituality for Use in Health Research*. Kalamazzo, MI: Fetzer Institute / National Institute on Aging.
- Recuperado de
<http://www.fetzer.org/sites/default/files/images/resources/attachment/2012-10-19/MultidimensionalBooklet.pdf>
- Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: a theoretical analysis. *Journal of personality and social psychology*, 46(4), 839–852.

- Frankl, V. E. (2001). *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo; Petrópolis: Ed. Sinodal ; Vozes.
- Granetto, W. E. (2008). *Práticas educativas parentais em dependentes químicos* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo. Recuperado de http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=404
- Guimarães, H. P., & Avezum, Á. (2007). O impacto da espiritualidade na saúde física. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, supl 1, 88–94.
- Harding, O. G. (2001). The healing power of intercessory prayer. *The West Indian medical journal*, 50(4), 269–272.
- Hawkins, J. D., Catalano, R. F., & Miller, J. Y. (1992). Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention. *Psychological bulletin*, 112(1), 64–105.
- Henrique, I. F. S., De Micheli, D., Lacerda, R. B. de, Lacerda, L. A. de, & Formigoni, M. L. O. de S. (2004). Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Revista da Associação Médica Brasileira*, 50(2), 199–206. doi:10.1590/S0104-42302004000200039
- Hodge, D. R., Cardenas, P., & Montoya, H. (2001). Substance use: Spirituality and religious participation as protective factors among rural youths. *Social Work Research*, 25(3), 153–161. doi:10.1093/swr/25.3.153
- Hufford, D. J. (2005). An Analysis of the filed of spirituality, religion and health. Recuperado de <http://www.metanexus.net/archive/templetonadvancedresearchprogram/pdf/TARP-Hufford.pdf>
- James, W. (2007). *The varieties of religious experience*. New York: Cosimo Classics.
- Recuperado de

<http://web.archive.org/web/20110221111235/http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccer>

-

new2?id=JamVari.sgm&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed
&tag=public&part=2&division=div1

Javaheri, F. (2006). Prayer Healing: An Experiential Description of Iranian Prayer Healing.

Journal of Religion and Health, 45(2), 171–182. doi:10.1007/s10943-006-9018-9

Jorge, M. R. (2003). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

Jung, C. G. (1991). *The Stages of life* (Vol. 8). London: Routledge.

Koenig, H. G. (2011). *Spirituality & health research: methods, measurement, statistics, and resources*. West Conshohocken, PA: Templeton Press.

Koenig, H. G., McCullough, M. E., & Larson, D. B. (2001). *Handbook of religion and health*. Oxford ; New York: Oxford University Press.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (1991). *Sociologia geral*. São Paulo: Atlas.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

Lawler, K. A., & Younger, J. W. (2002). Theobiology: An Analysis of Spirituality, Cardiovascular Responses, Stress, Mood, and Physical Health. *Journal of Religion and Health*, 41(4), 347–362. doi:10.1023/A:1021126510680

Levin, J. S. (1996). How prayer heals: a theoretical model. *Alternative therapies in health and medicine*, 2(1), 66–73.

Linden, D. J. (2011). *Pleasure: how our brains make junk food, exercise, marijuana, generosity & gambling feel so good*. Oxford: Oneworld.

- Lopes, G. P. (2005). *Uma visão sistêmica da dependência química* (Trabalho de Conclusão de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de http://www.portalsaude.net/grazi_lopes_mono_ufrgs.pdf
- Lucchetti, G., Almeida, L. G. C. de, & Granero, A. L. (2010). Espiritualidade no paciente em diálise: o nefrologista deve abordar? *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, 32(1), 128–132. doi:10.1590/S0101-28002010000100020
- Machado, A. R., & Miranda, P. S. C. (2007). Fragmentos da história da atenção à saúde para usuários de álcool e outras drogas no Brasil: da Justiça à Saúde Pública. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14(3), 801–821. doi:10.1590/S0104-59702007000300007
- MacRae, E. (2010). Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In *Dependência de drogas* (2ª ed, p. 22–37). São Paulo: Atheneu.
- Mármora, C. H. C., Mourão-Júnior, C. A., Hohl, R., Almeida, R. S., & Paulino, P. R. V. (2013). Neurociências e Consumo de Drogas. In *Manuscrito submetido para publicação*.
- Marques, A. C. P. R., & Ribeiro (Orgs.). (2006). Guia prático sobre uso, abuso e dependência de substâncias psicotrópicas para educadores e profissionais da saúde. Recuperado de http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/infanciahome_c/dr_drogadicao/dr_doutrina_drogadicao/Guia%20Pratico%20sobre%20%20Uso%20e%20Dependencia%20de%20Drogas.pdf
- Mauss, M. (2003). *On prayer*. New York: Durkheim Press/Berghahn Books.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo, 22(37), 7–32.
- Moreira-Almeida, A. (2009). *Espiritualidade & Saúde mental: O desafio de reconhecer e integrar a espiritualidade no cuidado com nossos pacientes* (Vol. 1). Zen Rewiew. Recuperado de <http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/Espiritual1.pdf>

- Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F., & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: a review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 242–250.
doi:10.1590/S1516-44462006005000006
- Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1), 12–15. doi:10.1590/S0101-60832010000100003
- Moreira-Almeida, A., & Stroppa, A. (2009). *Espiritualidade & Saúde mental: Importância e impacto da espiritualidade na saúde mental* (Vol. 2). Zen Rewiew. Recuperado de <http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/Espiritual2.pdf>
- Noto, A. R., Baptista, M. C., Faria, S. T., Nappo, S. A., Galduróz, J. C. F., & Carlini, E. A. (2003). Drugs and health in the Brazilian press: an analysis of articles published in newspapers and magazines. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 69–79.
doi:10.1590/S0102-311X2003000100008
- OBID. ([s.d.]). Informação sobre drogas. *Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas*. Recuperado 17 de setembro de 2013, de <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>
- Organização Mundial de Saúde. (2008). *CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. (Vol. 3). São Paulo: Edusp.
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 126–135. doi:10.1590/S0101-60832007000700016
- Panzini, R. G., Rocha, N. S. da, Bandeira, D. R., & Fleck, M. P. de A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 105–115.
doi:10.1590/S0101-60832007000700014

- Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: Guilford Press.
- Paulino, P. R. V., Mata, M. S., Almeida, R. S., & Mármora, C. H. (2013). “Só sei que nada sei”: uma revisão de literatura e mídias brasileiras sobre comunidades terapêuticas. *Manuscrito em processo de submissão*.
- Peres, M. F. P., Arantes, A. C. de L. Q., Lessa, P. S., & Caous, C. A. (2007). A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 82–87. doi:10.1590/S0101-60832007000700011
- Pitta, A. M. F. (2011). Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: instituições, atores e Políticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(12), 4579+.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. dos. (2006). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(3), 315–322. doi:10.1590/S1413-294X2006000300009
- Pullen, L., Modrcin-Talbott, M. A., West, W. R., & Muenchen, R. (1999). Spiritual high vs high on spirits: is religiosity related to adolescent alcohol and drug abuse? *Journal of psychiatric and mental health nursing*, 6(1), 3–8.
- Queiroz, S. de. (2010). Fatores de Risco e de Proteção para consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes. In *Dependência de drogas* (2º ed, p. 991–1004). São Paulo: Atheneu.
- Sabino, N. D. M., & Cazenave, S. de O. S. (2005). Therapeutic communities as an alternative to the psychoactive substances dependency treatment. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 167–174. doi:10.1590/S0103-166X2005000200006
- Sanchez, Z. V. der M. (2004). *Razões que levam determinados jovens, mesmo expostos a fatores de risco, a não usarem drogas psicotrópicas* (Dissertação de Mestrado).

- Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/20061106-artigos-TeseZila.pdf>
- Sanchez, Z. V. der M., Oliveira, L. G. de, & Nappo, S. A. (2004). Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 43–55. doi:10.1590/S1413-81232004000100005
- Sanchez, Z. van der M., & Nappo, S. A. (2008). Intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas. *Revista de Saúde Pública*, 42(2), 265–272. doi:10.1590/S0034-89102008000200011
- Schenker, M., & Minayo, M. C. de S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 299–306. doi:10.1590/S1413-81232003000100022
- Senad. (2007). *Mapeamento das instituições governamentais e não-governamentais de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no Brasil - 2006/2007: Relatório* (p. 300). Brasília: Secretaria nacional Antidrogas.
- Senad. (2011a). *As redes comunitárias e de saúde no atendimento aos usuários e dependentes de substâncias psicoativas: módulo 6* (4^o ed). Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.
- Senad. (2011b). *Fé na Prevenção: prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins*. (P. do C. A. V. D. Duarte & Formigoni, Orgs.) (2^a ed). Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.
- Senad. (2011c). *O uso de substâncias psicoativas no Brasil: Epidemiologia, Legislação, Políticas Públicas e Fatores Culturais: módulo 1* (4^o ed). Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.
- Senad. (2013). *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias* (5^a ed). Brasília: SENAD.

Silva, C. S., Ronzani, T. M., Furtado, E. F., Aliane, P. P., & Moreira-Almeida, A. (2010).

Relação entre prática religiosa, uso de álcool e transtornos psiquiátricos em gestantes.

Revista de Psiquiatria Clínica, 37(4), 152–156.

Siqueira, M. M. de, Barbosa, D. A., Laranjeira, R., & Hopkins, K. (2007). Psychoactive

substances and the provision of specialized care: the case of Espírito Santo. *Revista*

Brasileira de Psiquiatria, 29(4), 315–323. doi:10.1590/S1516-44462006005000043

Stroppa, A., & Moreira-Almeida, A. (2008). Religiosidade e Saúde. In M. I. Salgado & Freire

(Orgs.), *Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina* (p. 427–443). Belo

Horizonte: Inede. Recuperado de

http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/RELIGIOSIDADE_E%20_SAUDE_cap%20UFGM.pdf

Stroppa, A., & Moreira-Almeida, A. (2009). Religiosidade e espiritualidade no transtorno

bipolar do humor. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 36(5), 190–196.

doi:10.1590/S0101-60832009000500003

Tavares, B. F., Béria, J. U., & Lima, M. S. de. (2004). Fatores associados ao uso de drogas

entre adolescentes escolares. *Revista de Saúde Pública*, 38(6), 787–796.

doi:10.1590/S0034-89102004000600006

Toscano Jr., A. (2000). Um breve histórico sobre o uso de drogas. In *Dependência de drogas*.

São Paulo: Atheneu.

UNESCO. (2005). *Declaração Universal sobre bioética e direitos humanos*. Recuperado de

<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf>

UNODC. (2011). *World Drug Report 2011*. New York: United Nations Pub. Recuperado de

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&scope=site&db=nlebk&db=nlabk&AN=387611>

- Vasconcelos, Eduardo Mourão (Org.). (2010). *Desafios políticos da reforma psiquiátrica brasileira*. São Paulo: Hucitec.
- Vasconcelos, Eymard Mourão. (2006). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Volkow, N., & Baler, R. D. (2013). Addiction science: Uncovering neurobiological complexity. *Neuropharmacology*. doi:10.1016/j.neuropharm.2013.05.007
- Volkow, N., & Li, T.-K. (2005). The neuroscience of addiction. *Nature Neuroscience*, 8(11), 1429–1430. doi:10.1038/nm1105-1429
- Washton, A. M. (2009). *Prática psicoterápica eficaz dos problemas com álcool e drogas*. Porto Alegre: Artmed.
- WHO. ([s.d.]). WHO | Facts and figures. Recuperado 17 de setembro de 2013, de http://www.who.int/substance_abuse/facts/en/
- Wilkinson, P. (2011). *Guia ilustrado Zahar: religiões*. (M. L. X. D. A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Yinger, J. M. (1970). *Scientific Study of Religion*. London: Mamillan.

6. APÊNDICES E ANEXOS

6.1 Apêndice A – Entrevista semiestruturada

1. Identificação do Formulário		
Código do(a) entrevistado(a):	Data da entrevista:	
2. Identificação do(a) entrevistado (a)		
Data nascimento:	Idade:	Naturalidade:
3. Situação socioeconômica		
Estado civil:		
() Solteiro () Casado () Separado () Viúvo () Moro junto com companheiro(a)		
Filhos:		
() Não () Sim. Quantos/idade? Moram com:		
Composição do núcleo familiar:		
Quem mora com você?		
Escolaridade:		
☐ Primário incompleto ☐ Primário Completo ☐ Fundamental Incompleto ☐ Fundamental Completo ☐ Médio Incompleto ☐ Médio Completo ☐ Superior incompleto ☐ Superior Completo		
Você trabalha?		
☐ Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada) ☐ Sim, trabalho informal (remunerado, porém sem carteira assinada) ☐ Sim, trabalho voluntário (sem remuneração) ☐ Não (explorar: desempregado, aposentado, aposentado por invalidez). Se trabalha (formal / informal ou voluntário), qual é a sua atividade?		
Renda familiar:		
☐ Salário mínimo ☐ 1 a 2 salários mínimos ☐ 2 a 5 salários mínimos ☐ 5 a 10 salários mínimos ☐ 10 a 20 salários mínimos ☐ Mais de 20 salários mínimos ☐ Não sabe.		
Favor citar o número de cada um dos itens abaixo listados que você possui na sua residência:		
Televisão em cores: () Banheiro: () Empregada: () Geladeira: () Rádios: () Automóvel: ☐ Máq.de lavar: () Videocassete e/ou DVD: () Freezer - aparelho independente ou parte da geladeira duplex: ()		
Escolaridade do chefe da família:		

- () Primário incompleto () Primário Completo () Fundamental Incompleto
 () Fundamental Completo () Médio Incompleto () Médio Completo
 () Superior incompleto () Superior Completo () O mesmo

4. Referente às drogas

Consumo de drogas:

1. Qual foi a primeira droga que você usou?
2. Neste primeiro uso, quantos anos você tinha? Com quem e onde estava? Quem ofereceu?
3. Por que experimentou drogas desta primeira vez? (*foi forçado, fez por curiosidade, etc.*)
4. Que drogas você já utilizou até hoje? (*obter uma sequência desde as lícitas até as ilícitas*)
4. Você buscou o tratamento devido ao uso de alguma droga em específico? Qual?

Drogas na família:

6. Alguém de sua família utiliza/utilizava álcool e/ou outras drogas? Quem? Em que qtd?
7. O uso dentro da família te influenciou em algum aspecto? Como?
8. Qual a postura de seus pais (ou esposa/filhos) em relação ao uso de álcool e/ou outras drogas? (*aprovam, reprovam, não se preocupam com isso, etc./ distinguir*)

Percepções sobre o uso de drogas:

9. Você tinha informações sobre drogas? Que tipo de informações você tinha? (casa, escola, mídia, amigos)
10. Dá para viver sem drogas no local onde você vive?
11. Você acha que sua vida seria diferente caso não tivesse começado a usar drogas? A droga influenciou negativamente na sua vida?
12. Você acha que “algo” poderia tê-lo impedido de entrar nas drogas? O que?
13. O que você considera como fator protetor ao uso de drogas? O que faz com que determinadas pessoas não usem drogas? Por que umas usam e outras não usam?

5. Comunidade Terapêutica

O Tratamento

1. Foi você quem procurou ajuda? Quando/como percebeu a necessidade de ajuda?
2. Realizou algum tipo de tratamento anterior a essa internação? Qual? Como você avalia esse tratamento anterior?
3. O que motivou a busca por um tratamento?
4. Dentre diversos tratamentos para o uso de álcool e outras drogas, por qual motivo você escolheu uma Comunidade Terapêutica?
5. Por que escolheu essa comunidade terapêutica? (*Alguém indicou, alguma influência*)
6. Fez uso de medicação durante o período em que esteve na comunidade terapêutica? Qual? Por quê?
7. Como foi, para você, o tratamento?
8. Quais foram os maiores desafios? Como enfrentou?
9. Qual ferramenta a Comunidade Terapêutica ofereceu para o tratamento do seu uso de álcool e outras drogas?
10. Como você conceituaria Comunidade Terapêutica?

Informações adicionais

11. Qual foi o período da sua internação? (Início e Fim)

12. Você recebeu alta ou saiu por querer próprio, pois considerava-se recuperado?

Pós-tratamento

13. Desde que saiu do tratamento, você já fez uso de álcool e ou outras drogas?

14. Está fazendo algum tratamento médico atualmente, para auxiliar na recuperação?
--

15. Está fazendo outro tratamento/acompanhamento, para auxiliar na recuperação?

16. Como está sua relação com a droga utilizada anteriormente?
--

17. Quais têm sido os maiores desafios?

18. Que estratégias utiliza para enfrentar os problemas de saúde e as adversidades da sua vida? Se estiver infeliz, ou passando por um problema difícil, o que faz?

6. Religião

Envolvimento Religioso

1. Você acredita em Deus (espírito, força superior, etc.)? () Não () Sim, há quanto tempo?
--

2. O que é, para você, a religião?

3. E espiritualidade?

4. Você se considera religioso? Sempre foi?

5. Com relação à sua religião/doutrina/seita/crença, você se considera...

6. Com relação à religião/doutrina/seita/crença, você considera sua família...
--

7. Você, alguma vez na vida, já mudou de religião/crença/doutrina?
--

() Não () Sim. Se sim, mudou por quê? Quando? De qual para qual?
--

8. Você teve educação religiosa na infância? () Não () Sim, onde?

9. Você frequenta a igreja? Como e quando começou a frequentar?

10. Com que frequência você vai à igreja?

11. Independentemente de você frequentar ou não encontros de natureza religiosa, quão importante é a religião para você hoje?

() Não é importante

() Pouco importante

() Relativamente importante

() Importante

() Muito importante

12. O que é bem-estar para você?

13. A religião te proporciona bem-estar? Como?
--

14. Numa escala de 0 a 10, quanto bem-estar você retira da sua religiosidade? Por que não escolheu o número imediatamente abaixo/acima?

15. Pensa muitas vezes em Deus ao longo do dia? Quando? Como se sente?
--

16. A sua crença em Deus é mais forte nos bons momentos, nos maus momentos ou ela nunca se altera? A sua crença em Deus é mais forte nos bons momentos, ou nos momentos de dificuldade.

17. Quando você está passando por algum problema/dificuldade, com que frequência procura conforto religioso (rezar, ir à igreja, procurar alguém da comunidade religiosa)?
--

18. Numa escala de 0 a 10, quão importante é rezar ou ir à igreja quando você está passando por algum problema/dificuldade?

19. Em que a religião o ajuda?

Apoio social

20. Acha que Deus ouve as suas preces? Tem alguma situação de vida em que sentiu isso muito fortemente?

21. Acredita que Deus faz milagres? Já viveu algum?

22. Faz ou fez parte de algum grupo ligado à sua igreja ou à sua religião? Se ainda faz, com
--

que frequência se reúnem/encontram?
23. A sua crença religiosa influencia a sua vida e a forma como trata os outros? Acha que acreditar em Deus o torna uma pessoa diferente? Em que sentido?
24. Porque vai à igreja? De que forma a ida à igreja ajuda quando passa por alguma dificuldade/problema?
25. Vai a todas as cerimônias religiosas mesmo que esteja com problemas de saúde? Por que?
26. Costuma recorrer à religião quando se sente doente? Quais cuidados são oferecidos?
27. Sente que as pessoas da sua igreja o aceitam melhor que as outras pessoas em geral?
28. Acha que a religião o ajudou a criar novas amizades?
29. O que ganha/ganhou com as amizades que recebe lá?
30. A sua igreja é um local de convívio entre as pessoas que partilham aquele local e aquela fé?
31. Recorre mais à comunidade religiosa ou à família quando tem algum problema?
32. Como utiliza o que aprendeu na sua experiência religiosa na relação com os que não partilham as mesmas crenças? Considera-se tolerante com pessoas de outras crenças e religiões?
33. Acredita que Deus tem disponibilidade para o proteger e que está presente em todos os momentos da sua vida?
34. A igreja é para você uma fonte de vida social? A igreja facilita uma aproximação entre as pessoas? É um espaço em que se sente acompanhado e com apoio?
35. A relação com Deus ajuda a não se sentir só?
36. Você se comunica com Deus? Com que frequência?
37. Sente-se mais preenchido quando está em comunicação com Deus?

Relação terapêutica

38. O que considera mais eficaz quando se sente doente/ou passa por algum problema: ir à igreja ou ir a um profissional da área?
39. Quando recorre a um profissional de saúde considera importante que este tenha em conta as suas crenças religiosas?

Expectativas para o futuro

40. Se lhe fossem concedidos 3 desejos para o futuro, o que pediria?
41. O que o/a faz dar valor ao seu presente?
42. O que lhe dá esperança num futuro bom?

Religiosidade – Influência CTs

43. Você observou alguma relação entre o tratamento na Comunidade Terapêutica e religiosidade? Em que sentido?
44. O tratamento na CT trouxe alguma mudança em sua vida religiosa? Como?

Apoio externo

45. Você acha que o Governo tem oferecido apoio para a recuperação do dependente de álcool e outras drogas? Que tipo de apoio/suporte?
46. Você acha que a sociedade tem oferecido apoio para a recuperação do dependente de álcool e outras drogas? Que tipo de apoio/suporte?

6.2 Apêndice B – Carta de apresentação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas”. Estão sendo selecionados todos os indivíduos que permaneceram no tratamento em Comunidades Terapêuticas por um período mínimo de 180 dias, entre os anos de 2009 e 2011 em Juiz de Fora e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Comunidade Terapêutica em questão.

O objetivo deste estudo é estudar os mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas presentes nos discursos de egressos de uma Comunidade Terapêutica. A realização da pesquisa se justifica pela relevância social do tema álcool e outras drogas, bem como a contribuição que se faz necessária para pesquisa e debate existente sobre o modelo de tratamento das Comunidades Terapêuticas, sobre os mecanismos de enfrentamento para prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas, bem como a busca de estratégias de atuação que possam complementar o exercício do profissional atuante nessa temática.

A sua participação na pesquisa consistirá em uma entrevista semiestruturada com duração aproximada de 60 a 90 minutos. A entrevista será conduzida individualmente de modo a não causar-lhe constrangimentos e/ou incômodos pessoais.

Os benefícios relacionados com a sua participação são para o desenvolvimento do conhecimento científico e acadêmico. Essa participação também não consta qualquer ressarcimento ou privilégio — seja ele de caráter financeiro ou de qualquer outra natureza — aos voluntários que participarem desta pesquisa. Os riscos relacionados à sua participação na pesquisa são considerados mínimos, entretanto, caso ocorra algum tipo de prejuízo, você poderá entrar em contato com o pesquisador principal e/ou Comitê de Ética.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, uma vez que os questionários são sigilosos, e não são identificados, estando à sua disposição quando finalizada a pesquisa.

Os dados e os materiais utilizados na pesquisa ficarão na UFJF no Polo de Pesquisa em Psicologia Social e Saúde Coletiva - ICH, onde estará seguro e trancado, visto que ninguém terá o acesso, somente os pesquisadores.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e artigos científicos da área.

Você receberá uma cópia deste Termo, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “Mecanismos de enfrentamento na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFJF
Pró-Reitoria de Pesquisa / Campus Universitário da UFJF
Juiz de Fora (MG) - CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Pesquisadora Responsável: Pedrita Reis Vargas
Endereço: Av. Presidente JK, 6245 Juiz de Fora (MG) - CEP: 36092-060
Fone: (32) 8831-6803 / E-mail: pedritarvp@gmail.com

6.3 Apêndice C – Transcrição das entrevistas

1. Identificação do Formulário	
Código do(a) entrevistado(a):	Data da entrevista:
E1	E1: 27/02/2013
E2	E2: 01/03/2013
E3	E3: 02/03/2013
E4	E4: 06/03/2013
E5	E5: 13/03/2013
E6	E6: 02/07/2013
E7	E7: 18/07/2013
E8	E8: 19/07/2013
E9	E9: 02/08/2013

2. Identificação do(a) entrevistado (a)		
Data nascimento:	Idade:	Naturalidade:
E1: 31/08/1983	E1: 29	E1: Três Rios/RJ
E2: 07/08/1977	E2: 35	E2: Ponte Nova/MG
E3: 20/09/1970	E3: 42	E3: Mercês/MG
E4: 12/09/1982	E4: 30	E4: Juiz de Fora/MG
E5: 15/02/1977	E5: 36	E5: Juiz de Fora/MG
E6: 22/06/1989	E6: 24	E6: Juiz de Fora/MG
E7: 04/02/1971	E7: 42	E7: Juiz de Fora/MG
E8: 14/11/1984	E8: 28	E8: Juiz de Fora/MG
E9: 01/08/1981	E9: 32	E9: Juiz de Fora/MG

3. Situação socioeconômica	
Estado civil:	
E1: solteiro	
E2: solteiro	
E3: solteiro	
E4: casado	
E5: casado	
E6: solteiro	
E7: separado	
E8: casado	
E9: casado	
Filhos:	
E1: 0	
E2: 1	
E3: 1	
E4: 1	
E5: 3	
E6: 4	
E7: 1	
E8: 0	

E9: 0

Composição do núcleo familiar:

Com quem mora?

E1: Mãe e irmã (pai falecido)

E2: No trabalho

E3: Sozinho

E4: Esposa e filho

E5: Esposa e filhos

E6: Mãe e namorado da mãe

E7: Sozinho

E8: Esposa

E9: Esposa

Escolaridade:

E1: Médio completo

E2: Fundamental incompleto

E3: Primário completo

E4: Médio completo

E5: Fundamental incompleto

E6: Fundamental completo

E7: Fundamental completo

E8: Médio completo

E9: Médio completo

Você trabalha?

E1: Sim, trabalho informal (remunerado, porém sem carteira assinada)
--

E2: Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada)
--

E3: Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada)
--

E4: Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada)
--

E5: Sim, trabalho informal (remunerado, porém sem carteira assinada)
--

E6: Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada)
--

E7: Sim, trabalho informal (remunerado, porém sem carteira assinada)
--

E8: Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada)
--

E9: Sim, trabalho formal (remunerado, com carteira assinada)
--

Em que?

E1: Trabalho no informal, não pode ter carteira assinada porque está recebendo benefício. Representação de perfume.

E2: Auxiliar de cozinha

E3: Armador - Const. Civil

E4: Auxiliar administrativo

E5: Vendedor autônomo

E6: Pintor

E7: Autônomo, motorista

E8: Fiscal de drogaria

E9: Monitor

Renda familiar:

E1: 2 a 5 salários mínimos

E2: Salário mínimo
 E3: 1 a 2 salários mínimos
 E4: 2 a 5 salários mínimos
 E5: 2 a 5 salários mínimos
 E6: 1 a 2 salários mínimos
 E7: 5 a 10 salários mínimos
 E8: 2 a 5 salários mínimos
 E9: 2 a 5 salários mínimos

Classificação socioeconômica

E1:
 E2:
 E3:
 E4:
 E5:
 E6:
 E7:
 E8:
 E9:

Escolaridade do chefe da família:

E1: Médio completo
 E2: O mesmo
 E3: O mesmo
 E4: O mesmo
 E5: O mesmo
 E6: Fundamental completo
 E7: O mesmo
 E8: O mesmo
 E9: O mesmo

4. Referente às drogas

Consumo de drogas:

1. Qual foi a primeira droga que você usou?

E1: Cigarro
 E2: Maconha
 E3: A primeira droga que eu usei foi a maconha
 E4: Bebida alcoólica e cigarro, primeiro mesmo foi o cigarro
 E5: Cola
 E6: Maconha, não, cola
 E7: Álcool
 E8: Maconha
 E9: A primeira, foi o cigarro né? Foi o cigarro acompanhado do álcool

2. Neste primeiro uso, quantos anos você tinha? Com quem e onde estava? Quem ofereceu?

E1: Adolescência, 13, 14 anos. Eu, na verdade eu peguei um cigarro da minha... Família né, alguém da minha família, agora eu não lembro especificar quem. Se foi... Minha mãe, minha

tia... Pra poder acender pra ela... Pra ela, pra ele, pra alguém...porque ele *tava* ali, fui e peguei o cigarro pra acender por curiosidade e até ali foi indo, foi indo. Ninguém me ofereceu cigarro. Na verdade, eu vou falar, nenhuma droga ninguém me ofereceu, eu que procurei

E2: Tinha 12, estava com o pessoal de Ponta Nova mesmo. Isso aí é porque, tipo assim, na época, na verdade, eu *tava* estudando, aí sempre, assim, no fim de semana, a gente matava aula e ia nadar, entendeu? Aí, chegava lá o pessoal usava e curiosidade...

E3: Eu tinha 22 anos. Os que diziam ser amigos, né? Com todo mundo é assim, amigo, amigo. Como eu vim de Mercês para cá eu vim morar com uma tia minha. Aí por influência negativa, aí vai, careta, não sei o que é que tem. A influência do negativo. Aí comecei com a maconha, fiquei um bom tempo na maconha, quer dizer depois já não *tava* mais fazendo efeito mais. Aí você quer sempre usar algo que seja novidade. Ah não isso não está mais fazendo efeito mais. Sempre amigos, né? Infelizmente.

E4: 11 anos, eu que quis.

E5: 12 anos. Com turminha de rua. Eu já tinha já vontade já. A única que me ofereceram foi o cigarro, cigarro um amigo me ofereceu.

E6: 10 para 12 anos. Colegas de rua (risos). Tipo assim curiosidade, a gente *tava* vendo os outros *fazê* aí a gente ficava olhando. Teve um amigo nosso que deu a gente, porque a gente *tava* olhando, aí a gente pegou e usou. Depois a gente começou a comprar e usar.

E7: 13 anos. Estava com turma, a turma se juntou e formaram aquilo ali.

E8: 19 anos

E9: Entre 13 e 14 anos. É porque foi mais por influência de casa né? Meus irmãos, morava eu minha mãe e meus irmãos fumavam. Quando eu comecei a fumar era escondido, mas quando ficaram sabendo ficou normal porque não tinha como eles cobrarem por uma coisa que eles faziam também.

3. Por que experimentou drogas desta primeira vez? (*foi forçado, fez por curiosidade, etc.*)

E1: Curiosidade

E2: Curiosidade

E3: Curiosidade. Ninguém te obriga a nada, eles vão te induzindo, mas obrigado ninguém vai.

E4: Porque era normal

E5: Curiosidade

E6: Curiosidade

E7: Curiosidade

E8: Curiosidade

E9: Curiosidade

4. Que drogas você já utilizou até hoje? (*obter uma sequência desde as lícitas até as ilícitas*)

E1: Vamos por assim, quase todas menos heroína. Vamos lá. Cigarro, maconha, cocaína, álcool, ecstasy, lsd e crack. Aí vem, aí vem né... Acho que nem *tava* aí, nem sei se *tava* aí, loló. Mas mesmo assim não fui viciado. Loló usei umas duas ou três vezes. Também já usei, lança perfume, os inalantes, loló. (pausa) é só. (cigarro, cerveja, maconha, loló, lança

perfume, cocaína, ecstasy, lsd, crack) a droga nunca me deixou em questão de curtir o que eu queria curtir, a não ser o crack. O crack te tira do convívio social

E2: Maconha, cocaína, cola de sapateiro, cheirinho, tiner, aí depois foi o álcool e crack. Aí depois parei com a maconha e continuei com cocaína e com crack. Aí depois parei com o crack e continuei com o álcool.

E3: Maconha, cocaína, crack o tabaco e a bebida alcoólica

E4: Cigarro, álcool, maconha, mesclado, cocaína, crack, aí depois eu conheci o ecstasy, o LSD. Aí nesse meio da maconha e com a bebida eu usei algum alucinógeno, chá de cogumelo, trombeta.

E5: Cola, maconha, cocaína, cheirinho no carnaval. O álcool eu comecei no momento que eu comecei a usar cocaína, o cigarro veio antes, em festinha de hi-fi.

E6: Cola, maconha, da maconha direto pra cocaína, aí fiquei um tempo na cocaína e bebida né, aí da cocaína eu conheci o crack um tempo mas não gostei e fiquei na cocaína de novo. Aí depois eu voltei, aí eu caí no crack mesmo. Aí do crack eu já conhecia loló. Cigarro veio com 10 anos de idade, junto com a cola.

E7: Álcool, maconha, a cocaína e isso aí, aí eu usei também as alucinógenas que foram a cola, o tiner e o cogumelo. O cigarro desde os 13 também.

E8: Maconha, cocaína, crack. O álcool e o tabaco usava desde os 16 anos.

E9: Cigarro, álcool, maconha, cocaína e por fim o crack. E nesse intervalo entre maconha e cocaína, essas drogas inalantes, cola, tiner, essas coisas de fácil acesso.

4. Você buscou o tratamento devido ao uso de alguma droga em específico? Qual?

E1: Devido a uma droga específico. O crack. Uma vez só que eu busquei na minha vida. Em agosto de 2011.

E2: Engraçado, eu tive mais dificuldade com álcool do que com crack. E olha que o crack eu usava todo dia.

E3: Eu queria parar com todas, mas é um pouco complicado pelo seguinte, como um dia eu estava muito drogado aí eu cheguei a agredir minha ex-mulher, aí ela passou 30 dias na casa da mãe dela, aí ela voltou, mas falou assim oh a partir de hoje não passo, não lavo não cozinho pra você mais... mas eu pensei que aquilo era porque ela *tava* chateada né, aí fui deixando passar um tempo, passou um mês, passou dois, passou três eu fui vendo que o negócio era sério, pensei vou dar um jeito de reverter, que se eu parar ela volta. Aí eu fui buscar o tratamento, mas eu fui buscar o tratamento por ela, não por mim. Entendeu, pensei vou fazer o tratamento e ela pega e volta. Só que quando chegou na clínica e os primeiros dias foram meio complicados. Mas aí o pastor, o supervisor sr. Joaquim que é uma benção então quer dizer vai conversando com a gente e o Espírito Santo vai mostrando que a gente veio para ser tratado e não pra tratar pra poder mostrar pra quem tá lá fora. Aí foi indo e pensei, não vai vir nem me fazer uma visita. Meu filho ia, minhas irmãs iam, e ela não, aí com muito custo a ficha caiu. É infelizmente se for a vontade de Deus volta, mas se não voltou até hoje acho que não foi a vontade de Deus. Se for pra seguir um na luz e outro nas

trevas não vai funcionar, aí falei então deixa, se for a vontade de Deus volta, mas se não for. Então fui buscar o tratamento não tanto por mim, por ela. Mas só que chegou lá na clínica, não era nada daquilo que eu tinha ido buscar. Foi outra coisa totalmente diferente.

E4: Não, só para parar com o crack

E5: Eu queria parar com tudo, eu já estava cansado, né? Que eu me tornei um viciado mesmo, um dependente. Então eu comecei usando assim, só o final de semana, mas depois foi agravando, entendeu?

E6: Do crack, porque o resto a gente acha que tem controle. Só que o crack detonou que eu emagreci, não tinha corpo, não tinha roupa, não tinha nada.

E7: Com todas.

E8: O crack

E9: Eu *tava* fazendo uso muito grande de cocaína e já *tava* usando crack. Quando o crack entrou, aí o negócio ficou feio, porque aí a gente começa a perder o controle. A minha intenção era parar a cocaína e não me aprofundar no crack. Mas o cigarro e a bebida eu não queria parar não.

Drogas na família:

6. Alguém de sua família utiliza/utilizava álcool e/ou outras drogas? Quem? Em que quantidade?

E1: Minha mãe fumava cigarro parou. Minha mãe ainda bebe. Se ela usa drogas eu não sei. Drogas pra mim assim né... Irmã: "bebe" "agora o meu irmão não mora com a gente, mas meu irmão morou com a gente até ano passado, ano retrasado, ele casou. Meu irmão era dependente químico. Meu irmão era dependente químico. Mais novo um ano. Meu irmão era dependente químico mesmo de droga, também todas essas drogas. Todas não, a maioria delas, maconha..."

E2: Minha família de sangue? Não sei porque, pra falar a verdade, nem conheci essa turma não.

E3: Não, na minha família o que usa droga, e posso falar droga, porque o cigarro é uma droga é o meu pai. Meu pai ele fuma desde os praticamente os 13 e agora está com 70.

E4: Maconha e álcool. Meu pai usava toda hora. Minha mãe não minha mãe era raro, ela tomava uma cerveja de vez em quando e depois de um tempo que ela começou a fumar um baseado de vez em quando comigo.

E5: Eu, eu morava só. Meus pais faleceram quando eu tinha 16 anos. Mas a minha irmã morava na mesma rua, era também traficante, né? Meu pai não usava, minha mãe era evangélica, minha mãe era da Metodista. Até os 10 anos de idade ela conseguiu me levar na igreja. Tem mais 3 irmãos, só meu irmão mais velho, um irmão e uma irmã não, uma irmã e um irmão sim.

E6: Meu pai bebia, parou. Minha mãe fumava e de vez em quando bebia. Fumar meu pai fuma até hoje. Meus irmãos não. Meus primos, tem dois que ainda usam. Frequência de bebida.

E7: Não, meu irmão que bebeu mas assim, ele fala hoje, hoje ele fala que usou drogas, mas na época eu não sabia.

E8: Meu pai, minha mãe e tia usavam álcool

E9: Meu irmão, que eu tinha mais contato com ele fumava maconha, eu comecei a fumar maconha com ele. Outro irmão fumava e bebia e a mãe fumava apenas.

7. O uso dentro da família te influenciou em algum aspecto? Como?

E1: Então, nós se influenciámos juntos. Só que quando eu cheguei aos 20 anos eu aceitei a Jesus, aí dos meus 20 aos 27 eu não usei nada. Não usei nada. Dos meus treze aos 17 eu sempre fui, eu sempre usei drogas, algum tipo de drogas. Mas nada que poderia me complicar, era mais finais de semana e isso e aquilo. Eu sempre fui uma pessoa muito estudiosa... Só que meu irmão sempre usou e quando eu aceitei Jesus eu fiquei muito, eu aceitei Jesus com 20 anos de idade, eu fiquei um pouco, porque eu chegava em casa as vezes tinha uma festa, a minha mãe ou meu padrasto ou então meu irmão estava sempre fazendo algo ou o consumo de algumas drogas, vamos por assim, o álcool ou o tabaco ou vamos por assim, até mesmo outras drogas também. Se isso me influenciou eu não sei, não sei se na psicologia poderia em si influenciar de estar vendo, mas a gente via, eu no caso via isso tudo. Quando eu vi o término do meu noivado no final de 2009 foi aonde eu comecei a querer ter um refugio, pra mim, eu fiquei em depressão, veio o falecimento do meu avô e etc., etc. Entendeu. Aí isso sim veio a eu ter um refúgio, aí eu comecei a voltar a tomar uma cervejinha, bebida e tá, tá, e aí que eu comecei com o crack em 2010. Foi a primeira vez que eu usei o crack. Eu já conhecia as outras drogas, o crack eu conheci em 2010.

E2: Na verdade não, que isso aí eu aprendi foi na rua mesmo.

E3: Não, até pra fumar eu fumava escondido dele. Não não me influencia em nada, é claro que não, sem dúvida nenhuma.

E4: É claro. Porque o pai é o espelho né? O pai é o espelho, a gente se espelha, é nosso herói né? E pra ele aquilo era normal, era normal dentro da minha casa, então normal pra mim.

E5: O uso deles me influenciou bastante. meu irmão usava dentro de casa, eu via meu pai e minha mãe não via, eles dormia cedo. Meu irmão mais velho, eu tinha uns 10 anos mais ou menos, aí eu via ele fumando aquele negócio, eu dava uns traguinho. A minha irmã e meu cunhado não, já era aquele negócio escrachado mesmo.

E6: Não, eu sempre fiz escondido.

E7: Não.

E8: Não

E9: Com certeza.

8. Qual a postura de seus pais (ou esposa/filhos) em relação ao uso de álcool e/ou outras drogas? (*aprovam, reprovam, não se preocupam com isso, etc./ distinguir*)

E1: Ao saber? Meu pai é falecido, eu tinha 11 anos. Não pegou essa minha fase não. Meu padrasto pegou, meu padrasto mora com a gente, ele trabalha em volta redonda e vem de 15 em 15 dias. Inclusive ele nem tem vindo mais por fato que... Eu tive recaída esse período de recaída aí, mas hoje eu tô tranquilo. Então, a postura, nunca aprovaram. Sempre se

preocuparam comigo sim. Inclusive chegou num ponto antes de eu internar, chegava vezes que eu ficava 4, 5 dias fora de casa, que... Quando eu chegava minha mãe ficava totalmente transtornada pelo meu estado que eu chegava. Por eu morar no Granbery, por eu ter uma vida assim, não tão assim, vamos por assim, não tão de... Ruim. Eu tenho uma vida... Sempre tive uma vida boa, de estudo, sempre tive uma vida totalmente... Certa... Pra mim e meus irmãos. Eu tive uma estrutura, um ensinamento correto, sempre tive, sempre minha família falava não faça isso, não faça aquilo. Eu sempre tive orientações. Não culpo nada da minha família por nada. Sabe. E o meu fato de usar drogas, eu não culpo nada, nada com eles.

E2: Sempre foram rígidos nisso aí. Eles até que arrumaram aqui pra mim, entendeu. Viram que eu não *tava* aguentando, aí eu fiquei na Funabem 7 anos. Dos 12 aos 19.

E3: Pra ti falar a verdade pra você eu nem cheguei, se ficou sabendo foi por boca de outras pessoas. Eu mesmo nunca me abri pra falar que tá acontecendo isso *isso* e *isso*. Aí a minha irmã e o irmão Joaquim (amigo da igreja/irmão em Cristo) que tem uma paciência enorme comigo, aí tinha célula e eu morava no Jóquei dois aí tinha célula na quarta feira na casa da irmã rosa, não irmã rosa não, na da filha dela, aí nós ia na quarta feira na célula, ele me punha na moto, e eu num pavor de moto, ele me colocava na garupa da moto e me levava na igreja, ai dia de quarta-feira ele “oh vim te buscar pra ir na célula”, aí eu falei o irmão não vai dar porque eu já usei droga e vou fazer o que doideiro na célula, e quando eu ia sem usar era gostoso, era prazeroso de ir. Aí falei a não irmão não vai dar pra ir não. Aí ele “vim aqui porque sua irmã conversou comigo, vão na clínica”. E eu pensava as vezes falava em ir pra clínica, pensei que clínica seria um lugar fechado e aí ele me chamou pra ir lá no sábado, sábado umas 10 horas fomos pra lá. Aí quando eu cheguei pensei olha que lugar bonito, mas pensei, deve ser tudo cercado. Aí chegou na entrada eu olhei assim e só tinha arvore, ih gente não tem um arame, não tem nada. Aí cheguei lá dentro e foram me mostrando, e eu ainda resisti bastante tempo antes de ir, eu vinha na irmã Ana (terapeuta da clínica, responsável pela triagem) pra fazer a triagem. A você vai vir quarta-feira. Aí eu ficava domingo, segunda, terça, ficava os três dias sem usar a droga pra ir lá legal né, mas fazer isso com a irmã Ana é andar pra traz, porque ela lê os pensamentos da gente direitinho. Mas aí eu falei ah, então vamos. Mas aí ainda acabou que demorou bastante tempo, comecei a fazer a triagem em setembro de 2009, passou setembro, outubro, novembro e dezembro em janeiro que saiu a vaga. Mas o irmão Joaquim ficou esse tempo, mas quem correu atrás disso tudo além dele, da minha família, foi a minha irmã, porque meus pais não moravam aqui e ainda moram em mercês. Aí eu pensei, como é que eu vou fazer, porque não tenho condições de pagar. Aí, o Joaquim falou que a gente ia dar um jeito, como eu sempre trabalhei de carteira assinada dei entrada no INSS pra eu poder pagar a pensão do meu filho, eu não tinha condições de pagar a pensão e pagar a clínica. Graças ao bom Deus, eu fiquei lá, eu sou muito grato primeiro a Deus e depois à clínica, por ficar assim, por não ter condições de pagar. Mas a minha irmã foi incentivadora, mas meus pais poderiam até ficar sabendo, mas

não que eu tivesse falado, provavelmente ficou sabendo sim, porque eu não tinha coragem de falar com eles o que estava acontecendo comigo, pra falar a verdade eu não tinha coragem de falar com ninguém. Quanto aos tios: Vim pra cá em 89 e morei com eles até 91, 92. Morei de dois pra três anos, dois anos e pouco aí em 93 meu filho nasceu e eu fui morar com a mãe deles. Depois que eu vim, eu fui conhecer drogas mesmo com 22 anos, até os 19 pra 20 eu só fumava, nem bebida alcoólica eu bebia. Quanto à esposa: Sempre foi contra, nunca participou. Eu ainda perturbava ela muito pra arrumar pra poder comprar, 'não tem não tem', não você vai arrumar. Aí de tanto ficar falando na cabeça dela ela dava um jeito, né, pra deixar ela sossegada, aí ela pegava e me arrumava um dinheiro. Pra ver se eu parava de perturbar. E é chato, é uma chatice, uma coisa, não vira o disco de jeito nenhum. O negócio é complicado. Ela conversava, portanto quando eu fui pra clínica ela já achava que não tinha mais jeito, e quando ela quis que eu fosse procurar um tratamento eu não queria, ah não vou mexer com isso não, não preciso disso não, quando eu quiser eu paro. Hum... E não é por aí!

E4: Maconha sim, maconha eles achavam que era normal, que não tinha, maconha não tem nada haver. Crack não, aí eles já ficavam com o pé atrás, isso daí não isso é droga pesada, maconha não tem problema não, mas crack, cocaína, roubar esses negócios, e meu pai era, traficava, e minha mãe sabia, não traficava, mas sabia e aquilo era normal, até a maconha era normal porque ele usava, porque vamos dizer assim ele fazia então acho que por ele nesse ponto não podia cobrar. As outras drogas ele achava pesada e levava tipo assim, gasta muito né, pessoa que usa, cheira muito ou fuma muito crack leva a gastar muito dinheiro e saúde também acaba muito mais rápido do que a maconha, aí eles viam isso como errado, ah essa droga é errado.

E5: Meus pais eram totalmente contra. É, minha mãe e meu pai batalhou muito pelo meu irmão mais velho que era um xodó deles, lembro que ele era mais velho e eu era o caçula mas minha mãe tinha um amor muito grande por ele, porque ele parecia muito com esse Latino sabe? Então lá em casa na época, ficava cheio de jovem atrás dele, aquele negócio. Minha mãe amava ele de paixão, ele foi expulso de quartel, meu pai pagou estudo pra ele na Academia e ele jogou tudo pro alto. Hoje ele tá arrasado. Essa minha irmã que chegou a traficar também, tá morando em Belo Horizonte, tá separada. Ele tá morando com ela, ficou viúvo e tá morando agora com minha irmã.

E6: Meus pais não aprovavam não. Nunca aceitaram. Minha namorada também não, nunca aprovou.

E7: Meus pais sempre foram, porque no início eles não, assim, não sabiam que eu *tava* usando, porque há 20 anos atrás, 25 anos atrás, era bem diferente do que é hoje. Então a gente conseguia até esconder, e muito, porque não era tão esclarecido como é hoje, o assunto é esclarecido, é divulgado, então eles não sabiam, só vieram saber mesmo que eu *tava* usando drogas depois de muito tempo.

E8: Álcool e tabaco eles não ligavam, mas crack, cocaína e maconha eles nunca aprovaram

E9: Então a minha mãe ela nunca, ela nunca criticou, fez julgamento. Ela tentou me ajudar, conversar, me tirar dessa. Tanto que quando eu decidi fazer tratamento a que mais me incentivou foi ela. Quem ficou do meu lado foi ela. E muita das vezes até é, é, é, pagou dívida e tal, né? Mas sempre teve do meu lado, dando força, apoiando, e foi uma das grandes incentivadoras para que eu parasse de usar foi ela. Porque a gente vê muito caso de pai e mãe que abandona, não tá nem aí mais e tal. Eu nesse ponto, eles pegavam pesado quando tinham que pegar, mas estavam do meu lado.

Percepções sobre o uso de drogas:

9. Você tinha informações sobre drogas? Que tipo de informações você tinha? (casa, escola, mídia, amigos)

E1: Informação da mídia. Informação da mídia, é... Que... Realmente... Não é também a mídia, nem sempre o que a mídia fala, nem sempre é ver... Nem sempre é verídica. Ah que se você usar a primeira vez você vai viciar... E que se usar aquilo... Isso tô falando do crack... Porque das outras, a mídia nem sequer está falando... Não use drogas... A mídia fala não use drogas, mas completamente também eles não quer nenhum passo pra ajudar... Entendeu. Ela sempre critica mas não ajuda. Eu tive sempre informação da mídia. Pessoas... Colocam pessoas que realmente prejudica... Foram prejudicadas. Nunca coloca na mídia pessoas que já foram realmente ajudadas pelo álcool. Então minha informação foi sempre a seguinte: se você usar crack você vai virar um verme, ah se você usar o crack você vai roubar, ah se você usar crack, isso é mentira. Nunca aconteceu isso comigo. Nunca cheguei, nunca, não, pode ser até verídico. Mas nesse ponto nunca chegou comigo. Eu conheço pessoas que continua a mesma vida. Eu conheço pessoas que usa, que é dependente de crack há 10 anos teve sua vida social sua vida normal. Conseguiram conciliar. Não é que todos conseguem. Eu tô falando consegui conciliar. Isso eu perdi trabalho, perdi emprego na prefeitura, eu perdi na época eu *tava* namorando, não era com minha ex-noiva não, eu perdi uma namorada, inclusive até mesmo na resgatando vidas, eu tive uma recaída e eu cheguei a terminar com ela, da sede. Eu cheguei até a perder ela, eu perdi ministério. Saí da clínica porque eu tive uma recaída como obreiro lá. Então eu tive uma recaída de 40 dias na época e eu cheguei a perder esse posto de obreiro, perdi um pouco a *confi*... A gente perde a dignidade.

E2: Na verdade, que nem preocupava com esse negócio de viciar não, o negócio já *tava* enturmado já, você já sabe como que é, né? Juventude, quando fui ver já *tava* envolvido, aí já tornava uma coisa normal, entendeu?

E3: Ah não tinha muito não, quando você de cidade pequena, você não tem muita informação, só vê passar em televisão. Quer dizer que até 9 anos atrás a minha cidade não tinha esse problema com drogas, hoje tá uma epidemia essa praga desse crack. Você pensa que é só cidade grande, não cidade pequena tá ficando pior do que as grandes. E pelo motivo de cidade pequena não ter muito trabalho o que tá acontecendo, o roubo tá aumentando cada dia mais. Pra se manter no vício não tem trabalho, vai roubar. E comigo graças a Deus nunca teve esse problema, porque eu sempre trabalhei, nunca precisei de mexer em nada de ninguém, o meu vício eu sempre mantive ele, não deixava faltar nada dentro de casa, mas o

que sobrasse.

E4: Não, eu passava informações. Eu era a influência, não era influenciado não.

E5: Não, isso não. Mesmo porque naquela época não tinha, professor não falava sobre isso não.

E6: Tinha, quando eu era criança eu era do CURUMIM lá eles mostravam o que eram as drogas o que não era pra usar. Só que onde eu morava, eu morava na Vila a influência das drogas era muito grande, Então, que que acontecia, eu guardava maconha pra um, pra outro, aí eu fui experimentando, vendendo. Aí você vê um cheio de dinheiro, com carro, mulher e você não, aí você acha que isso é tudo.

E7: Eu sabia que assim, era proibido, era droga, proibido, mas naquela euforia de adolescente, sei lá, não, não sei te dizer com exatidão, mas eu sei que eu assim entrei pra conhecer.

E8: Não tinha.

E9: Não, não tinha não. E a droga ela tá mais comum do que a gente imagina, porque tem muita gente que acha que você vai encontrar droga no morro, que é só na boca de fumo. Não é assim não, tá do lado, as vezes aquela pessoa que *cê* nem imagina que faz uso, faz uso.

10. Dá para viver sem drogas no local onde você vive?

E1: Não, não, não. Eu falo bem claro pra todas as pessoas. Aqui no Granbery 98% das pessoas usam drogas. Eu não tô dizendo se esta estatística minha é verídica, mas as pessoas que eu convivo, que eu conheço, 98% usam drogas. Ou usa cocaína, ou usam maconha, ou usam cigarro ou usam bebida. 98% das pessoas são dependentes de algum tipo de drogas.

E2: Em alguns lugares porque... é muito complicado, se não tiver a cabeça no lugar, aqui também não pode... afastar da vista de Deus não... Porque tem sempre que tá procurando uma coisa pra tá fazendo. De desviar do caminho mal, né? Isso aí, qualquer lugar tá assim... se não vigiar...

E3: Aqui em cima até que não é muito ruim não, não sei lá pra rua de baixo porque eu só passo de ônibus. Aí chego do trabalho aí é uma janta, uma roupa pra poder lavar, acabo que me ocupo bem e a rua aqui, o dono da casa aqui é irmão em cristo, do outro lado também é um, então quer dizer (risos) cheio de benções cercado, ali tem dois senhores que são aposentados, quer dizer então essa rua aqui quando dá 19 horas, agora não porque acabou o horário de verão então as crianças dá 18 horas se não vê barulho não vê nada, mas lá pra baixo eu não sei. Mas aqui nessa rua graças a Deus o lugar é tranquilo.

E4: Sim. Linhares.

E5: Hoje pra mim é fácil. O bairro não é tranquilo, morreu dois essa madrugada lá. Mas pra mim hoje é fácil.

E6: Dá, porque assim, tipo assim, eu sei onde tem, se eu quisesse usar eu ia, mas eu não me envolvo, aqui eu sou sozinho, eu tenho meus colegas de serviço, mas do contrário eu evito. Uma companhia, um sim que eu der, acabou com a minha vida, é eles pra lá e eu pra cá. Eu evito ficar na rua.

E7: Não, tem que ser determinado. Lá eu sou muito conhecido e todo mundo sabe que eu usei drogas, mas no início foi muito difícil porque eles batiam lá em casa para me chamar. Eu aproveitava pra falar que Jesus mudou a minha vida, que Jesus poderia mudar a vida deles também, tentei evangelizar alguns, tenho trabalhado com alguns.

E8: Sim

E9: Com certeza e inclusive eu vivo num lugar, eu morava num bairro e buscava droga em outro bairro aí eu casei e fui morar justamente na rua onde eu buscava droga, então em frente

a minha casa tem uma boca de fumo e eu vivo tranquilo com isso.

11. Você acha que sua vida seria diferente caso não tivesse começado a usar drogas? A droga influenciou negativamente na sua vida?

E1: Com certeza. Inclusive há 10 anos atrás, quando eu conheci outros tipos de drogas, inclusive pra mim qualquer tipo de vício é droga, né. Eu fui viciado não somente em uma droga, droga assim, eu fui viciado muito em internet, não tem muito haver com o assunto, mas foi algo que me prejudicou. Qualquer tipo de vício prejudica algo. Qualquer tipo de vício prejudica a tua, tua a tua continuidade de vida. A droga te causa um prazer momentâneo. Eu por, por se hoje um conhecedor da palavra, a gente fala, o pecado ele te traz um benefício momentâneo mas depois de traz as consequências, entendeu... Então é o que acontece, a droga te traz algo momentâneo, as vezes você está com 700 reais você gasta, tô botando 700 reais, se você tiver 5 mil você gasta 5 mil. Mas tô botando na minha, no meu, no meu perfil. Eu tinha 700 reais, eu gastava os 700 reais em dois, três, num dia ou dois três dias, gastava aquele dinheiro. A tua amizade, os teus amigos, os que diziam amigos, quando acabava o seu dinheiro, acabava a amizade. Amizade daquele momento. Entendeu, porque... Chegava uma outra pessoa que tinha dinheiro ele te excluía e começava a uma, a uma, começava a amizade naquele momento usar com a outra pessoa.

E2: Diferente... muita coisa... emprego, família, caráter, essas coisa...

E3: Ah com certeza, não tenho nem dúvidas. O dinheiro que foi embora nisso aí, se eu tivesse guardado pelo ao menos um pouquinho, precisava ser muito não, um pouquinho. Mas só que a gente não pensa, tá envolvido com as drogas, tira seu pensamento, tira sua expectativa de vida, tira tudo, você vive só em função da droga. Ah amanhã eu vou trabalhar, chego no meu colega eu peço ele uns 30 reais, pegava 30 e pagava com 60, pegava 50 e pagava com 100. As vezes podia receber na segunda-feira e eu pedia lá me empresta 50 aí que segunda eu pago com 100, olha só que loucura, questão de dois dias. Pagava os 100 só pra usar a porcaria das drogas. E tinha um grande defeito, tinha entre aspas, uma virtude que eu não andava com ninguém, era eu só, e outra que eu levava a droga e usava dentro de casa. Quer dizer, meu filho praticamente viu isso tudo, tem um pequeno deslize, não é porque eu tive influencia nisso, ele faz, ele teve, porque ele tem consequência também, mas eu acho que talvez se ele não tivesse visto eu fazer tanta coisa ele poderia ter ido por outro lado, mas se vai acompanhar a cabeça de amigos, aí quer dizer a curiosidade é complicado. Mas graças a Deus eu estou orando pela vida dele ele lá vai. Ele tinha parado de estudar, tá querendo estudar de novo, tô correndo atrás de poder arrumar um trabalho... Era pra tirar o terceiro ano com 17 anos. *Neu* ir pra clínica e separar da mãe, ele não quis estudar, não quis trabalhar mais, aí eu carregou essa culpa, culpa assim, não vou dizer culpa, talvez se eu estivesse com a mãe dele ele não teria parado de estudar, já *taria* fazendo um curso, *taria* numa faculdade, cismou e parou não quis estudar mais, e quando a pessoa não quer não adianta querer forçar. As drogas deixa muita, muita, como vou dizer, muitas marcar que você vê... poderia ter sido evitado, mas aconteceu a gente tem que aprender com o erro, né? Vou em qualquer, qualquer festa

que tiver, evito de ir em certos tipo de festa, mas se tiver um casamento, se tiver rolando um churrasquinho eu fico na minha carne e em meu refrigerante. Posso sentar na mesa que tiver o pessoal tomando bebida alcoólica, não quero mais pra minha vida, porque eu sei que se eu colocar um dedinho de álcool aí desanda tudo. Evitar o primeiro gole e infelizmente muitos meninos que passaram na minha época já, já retornaram varia vezes e infelizmente. Mas quer dizer, eles ensinam lá. Eu já falei com eles, lá, a clínica é como você estudar pra um vestibular ou uma prova, se você for pra lá e estudar direitinho, você. Vem cá pra fora e faz a prova e passa. Agora se você for pra lá e não estudar direito, porque lá eles ensinam tudo direitinho, é o lugar que você frequentava, as esquinas que você frequentava, eu por um lado ter separado, não é que eu não queria isso, mas o bairro que eu morava é complicado, aquele Jóquei II ali é terrível. Eu ter vindo para cá, quer dizer então aqui eu não conhecia ninguém, como não conheço, só conheço só o pessoal que mora aqui na minha frente, duas ou três pessoas só e ter vindo pra cá, porque Deus faz as coisas certinha, me trouxe *praqui*: benção. Não quis ter deixado eu ficar lá, porque eu vindo pra cá, aqui eu *tô* fazendo diferente, não conheço ninguém, o lugar que eu frequentava eu não frequento. Aqui é do trabalho pra casa, no domingo só o que tenho que fazer aqui e vou pra igreja, volto a noite deitado e vou dormir e no outro dia eu trabalho, então me ter tirado de lá por um lado pra mim foi até bom, que tem pessoa que fica insistindo, insistindo, uma hora pode até ser que a pessoa não resiste. Mas graças a Deus eu, percebi que não quero isso mais e não quero mesmo não, está muito bom do jeito que estou aqui.

E4: Com certeza. Sim, muito.

E5: Com certeza. Parou tudo, eu parei estudo, fui expulso do colégio duas vezes, entendeu? Já usei muita cocaína, então, quer dizer, eu não acreditava, o psicólogo falou comigo que comeu um pouco *dos meu neurônio*. Agora eu não esqueço tanto, mas no começo assim quando eu parei eu esquecia muito, minha cabeça também doía muito, né? Eu tomei tarja preta, remédio. Aí, eu tenho assim dificuldade de aprender as coisas, sabe? E eu não queria reconhecer isso. Que quando a pessoa vinha, igual o psicólogo chegou a falar comigo eu fiquei muito nervoso, na época entendeu? Eu não queria ser diferente de ninguém. Por isso que eu vi que foi difícil pra mim tirar a carteira de motorista, levei muito pau, entendeu? Gastei dinheiro que eu não podia, minha esposa que me deu força, falou pra mim não parar, continuar, porque eu queria parar, entendeu? O instrutor já entrava no carro eu tremia, entendeu? O examinador então nem se fala. Eu perdi muito, parou muita coisa, eu tinha planos entendeu? De ser paraquedista, igual eu, eu entrei no Rio, só que eu levei um tiro por conta de envolvimento com droga, aí eu não pude servir, por causa dessa cirurgia minha.

E6: Com certeza, nossa, eu já *tava* bem demais. Pra você vê, eu trabalhava autônomo num chaveiro e ganhava um dinheiro bom. Cuidava dos meus filhos, cuidava das minhas coisas, já *tava* tirando a carteira, andava bem arrumado, tinha tudo o que eu queria pra bem dizer. Aí, quando minha mãe separou eu fui cheirar cocaína e aí acabou contudo. Ela acabou comigo,

por isso tenho ódio dela (droga).

E7: Sim, ela não trouxe nada *nada nada* de positivo.

E8: Sim, claro.

E9: Ah eu creio que sim. Tenho certeza absoluta. Num ponto sim. Eu sempre tive muitos sonhos, a gente sempre pensa, ah eu quero estudar, quero fazer isso, quero fazer aquilo, até porque todos os meus primos mais próximos meus, todos eles seguiram outro rumo, todos eles vivem muito bem. Não que eu reclame do que Deus me deu hoje, mas eu poderia ter trilhado outro caminho.

12. Você acha que “algo” poderia tê-lo impedido de entrar nas drogas? O que?

E1: Algo? se eu conhecesse Jesus há muito mais tempo. Se eu tivesse, se eu conhecesse a palavra antes de ter conhecido a outra. Porque na verdade a gente pela psicologia e pela psiquiatria fala que dependente químico é sempre dependente químico. Entendeu, enquanto, se você, se eu realmente estiver fora da palavra, *tô* falando por mim, se eu estiver fora da palavra, se eu estiver fora da igreja eu *conti*, eu uso drogas. No momento em que eu estiver indo pra igreja, eu *conti*, eu consigo, mesmo sim, ainda tenho que ficar em vigilância porque se eu usar qualquer tipo de drogas, nesse período, mesmo eu *tando* na igreja, é fato, eu vou usar o, a, a droga que eu mais atingi o grau que foi o crack. O álcool é o princípio de todos os tipos de droga. Quem foi dependente, quem é dependente de cocaína se ele não beber, ele praticamente não usa cocaína, agora se ele beber, ele vai usar o tabaco, vai usar a cocaína, ele vai, e assim por diante. O álcool pra mim, inclusive eu aprendi isso até lá na clínica, o álcool é o princípio da, da, da, de, de todas as outras tipos dependências. Não é atoa que a maioria das pessoas, elas começam a usar, primeira, primeira drogas que eles usam é o álcool. Pra mim, o meu foi o tabaco. Mas a primeira droga que usa é o álcool. E realmente se eu beber, *tô* falando qualquer tipo de álcool, pode ser até cerveja, se eu tomar uma cerveja me dá uma vontade de fumar, se eu tomar uma cerveja já me dá vontade de cheirar.

E2: O que na verdade, tipo assim, não sei qual o motivo, sempre fui revoltado comigo mesmo, entendeu? Nunca fui de envolver as pessoas, não. Tipo assim, eu só guardava as coisas pra mim, nunca falava nada com ninguém, entendeu? Muitas vezes eu guardava coisas, afim de falar... não conseguia, não. Eu fui crescendo com aquilo e foi... aí, eu me refugiava na droga, alguma coisa assim eu ficava mais, a vontade.

E3: É uma pergunta bem interessante, tá? Acho que é a vontade própria. Porque se a pessoa não quer a outra pode insistir, pode insistir, por mais curiosa que ela esteja vai dizer não.

E4: Só Deus, só Deus.

E5: Ah, muita gente, minha vizinhança mesmo, né? Tem muita pessoa lá perto da minha casa lá bem estruturado, bem de vida. Não me abraçou nem pra mim trabalhar, nem pra me dar oportunidade. Quem me abraçou foi a vagabundagem. A casa que meus pais deixou lá o muro é alto, bem alto mesmo, aí lá na casa todo mundo sabia que eu lá de cima enxergava a rua e quem *tava* na rua não enxergava lá dentro, aí a gente ficava a vontade lá. Até os 12, 13, 14 eu não era viciadão não. Mas aí perdi meus pais, quase no mesmo tempo. Minha mãe deu parada cardíaca e meu pai deu derrame e depois deu infarto.

E6: Minha família, minha família. Principalmente esse lado, minha mãe e minha ex-mulher, né? Porque as duas recaídas maior foi nisso, quando eu voltei a usar cocaína e, que eu tinha parado quando eu *tava* trabalhando no chaveiro e eu voltei quando minha mãe separou do meu pai, ficou aquela pressão, porque meus irmãos tudo morava longe e eu morava uma rua acima do meu pai, então meu pai *tava* bebendo demais e eu tinha que ir lá no bar pra ajudar ele, aí nisso eu comecei a discutir com o cara que eu *tava* trabalhando pra ele, aí eu saí de lá e falei ah eu *tô* com dinheiro eu vou investir na droga e vou ganhar dinheiro. Porque quando você experimenta uma vez, só quer isso, aí eu comecei a usar e fui caindo, fui só caindo. Aí quando eu vi, minha mãe não ligava pra mim, ficava dias e dias e eu sempre fui muito ligado a minha família, e ninguém dava muita idéia pra mim. Aí quando ela começou com esse namorado eu bati nele e ela ficou um mês sem conversar comigo. Eu entrei em depressão, fiquei 4, 5 dias chorando direto, a mãe dos meus filhos cuidando de mim. Ela não foi lá me ver, então tipo assim, dali eu já comecei a cair. Aí depois quando tudo veio a calhar, eu comecei a usar droga, eu vi, tipo assim, na época se a mãe dos meus filhos tivesse me acompanhando também pra eu ir numa clínica e ficado comigo lá eu teria melhorado antes de chegar até esse ponto. Mas ela também não teve essa visão, porque eu *tava* me afundando, eles tentavam me ajudar e tal e eu as vezes a forma como eles queriam, eu queria melhorar pra ter minha família de novo, não pra ficar sozinho. Melhorar pra que, porque eu passei a enxergar ela como a minha vida, sem ela não dava, porque eu fiquei sem minha mãe, então só tinha ela. Aí perdi ela, falei ah acabou tudo.

E7: (silêncio) Eu acho, eu acho que se tivesse... Eu acho que o diálogo, informações para a família se tivesse naquela época, muitas coisas ruins que nós vivemos poderiam deixar de existir.

E8: Se eu não fosse tão sozinho. Isolado.

E9: Não sei, pode ser que uma ausência paterna dentro de casa, porque minha mãe, pelo fato do meu pai ter falecido e eu era muito novo e minha mãe a vida inteira teve que trabalhar fora, não é que ficamos jogado, mas ficamos sem aquela presença ali, sem alguém pra impor regras.

13. O que você considera como fator protetor ao uso de drogas? O que faz com que determinadas pessoas não usem drogas? Por que umas usam e outras não usam?

E1: Pra mim, igreja. É igreja, ministério, trabalhar dentro de igreja, firmado dentro da igreja, não é somente ir a igreja, você tem que se envolver dentro da igreja. Pra mim, eu teria que me envolver dentro da igreja, porque só ir na igreja não, não, não, não quer dizer nada não, tá? tem muita gente que eu conheço que vai na igreja, mas sai da igreja e continua utilizando, é só um refúgio, tentar ser um refúgio. mas a igreja é um fator principal. Família também é muito importante, a família te dando apoio é muito importante, família apoiando, só ter família não diz nada. A família tem que dar apoio. E de preferência a família não usar nenhum tipo de droga. São vários fatores, no meu caso o fator foi o refúgio. Na verdade na adolescência, todos querem conhecer, todos querem se influenciar por uma pessoa, um amigo. É ah porque quando você está na adolescência, porque aquele faz e ele é bonito então tá vou fazer o mesmo. Agora já no meu caso, no meu caso foi algo de refúgio, eu estava na depressão e eu falei eu preciso fazer alguma coisa. E o meu, a minha coisa, o que eu precisei fazer, sendo que eu não subjulgo nada, igual eu te falei, eu não, pra mim eu não culpo minha

ex-noiva, não culpo o falecimento do meu avó, eu culpo a mim mesmo, mas foi algo que me fez realmente sair do meu quarto pra eu começar a conviver socialmente novamente, erradamente. Há algo externo que você acha que influencia o uso das drogas? São pessoas, família me criticarem pelo meu passado. Isso tô falando da família. Eu ainda fico muito assim pelo meu passado, por meu pai ter sido traficante, pela minha mãe sempre ser aberta a gente. Eu não culpo a minha mãe, mas o que mais me prejudicou foi como saber como meu pai foi morto. E minha família escondeu tudo o que mais, aí eu me coloco um remorso, mas eu já fui, eu, eu creio que eu já fui curado, mas eu tô falando que, eu creio que eu já fui liberto nisso aí, mas, um dos motivos externos é que minha família escondeu de mim durante 7 anos como meu pai morreu. Meu pai morreu assassinado, entendeu? Então eles esconderam, eles falaram pra mim. E quando eu fiquei sabendo eu usei, eu me estrapolei no grau de nervosismo, e eu creio que nesse grau de nervosismo fez meu metabolismo ficar mais, mais, acho que teve algum problema na minha vida em questão disso, um trauma. Teve isso na minha vida, entendeu? Mas o externo mesmo foi chegar muitas das vezes eu chegava em casa, via a mesma situação, chegava em casa muitas das vezes o meu padrasto tomando cerveja, minha mãe tomando a cerveja dela e fumando. Hoje graças a Deus minha mãe parou. Mas eu buscando um tratamento e eles não querendo mudar a vida deles. Eu querendo mudar a minha, eu estava feliz por estar querendo mudar a minha vida mas eu estar infeliz por eles não querer mudar a vida dele. Isso é algo que eu até já joguei na cara da minha mãe, se você não quer mudar eu não vou mudar.

E2: Rejeição. A força de vontade, primeiramente Deus e depois a força de vontade. Não adianta só ter Deus e deixar nas mãos dele. Tem que ter força de vontade também.

E3: Ah uns falam ah porque tem que ensinar desde pequenininho. *cê* pode ensinar desde criancinha, mas se chegar aos 16 anos e ter a curiosidade de usar, vai usar. Por mais que você ensine desde pequenininho, não use porque isso não presta. Se tiver curiosidade de usar, o que você ensinou vai tudo pro ralo. Não adianta, quer dizer, então é a vontade própria de não usar. Seus pais conversaram com você? Não, não tinha isso, essa preocupação, então se falasse de drogas na televisão, não tinha isso. Eles são católicos e não vê muito problema em beber, fumar, isso é normal em cidade pequena. Eu nunca ia imaginar que eu ia me debater com a droga na minha frente.

E4: Palavra de Deus, a bíblia. Influência de amigos, influência familiar e principalmente a influência de amigos é o principal, o principal, no meu ponto de vista.

E5: Eu vejo assim que a pessoa já nasce com aquilo e sabe dizer não pras coisas. Igual esse meu irmão ele, igual esse que não usou, que não se envolveu, ele já era estudioso já desde novo, muito estudioso. Eu chegava a chamar ele até de mulher, porque só ficava em casa e eu ia pra baile essas coisas, e ele mais velho que eu. E essa minha irmã também, ela era muito paradona. Os outros não, eles já eram da farra, da bagunça.

E6: Amizade... Antes só do que mal acompanhado. Ninguém te da na sua boca, mas vamos supor, se a gente tá andando na rua e eu falo com você vão ali usar comigo, por mais que você não queira, mas se você já tem o hábito você vai. Porque se você for ficar falando na minha cabeça eu vou ficar fraco, vou acabar caínda na sua e vou. Agora se você falar comigo, vamos na igreja, as vezes eu até não vou. Então quer dizer, se não tiver ninguém pra falar nada contigo, você não vai ter que ir. Porque igual eu, geralmente, eu sempre usei droga porque alguém me chamava, eu sozinho nunca tive peito de chegar lá e comprar pra mim e usar sozinho, sempre tem alguém e as vezes você chama um outro, é como se a droga trouxesse todo mundo em volta.

E7: Eu acho o seguinte, a conscientização do mal que faz, da morte lenta que causa, hoje a gente, a maioria da droga do usuário é o crack, então é uma morte lenta que o crack causa, então quer dizer, conscientização do mal que faz. E uma coisa também que ajuda e é primordial na vida das pessoas é conhecer Jesus, porque ele realmente é o caminho.

E8: Companhias e apoio familiar. Meu pai se separou da minha mãe quando eu tinha 16 anos, então era só eu e ela.

E9: O que acontece hoje em dia é que geralmente os pais quando ficam sabendo que os filhos estão usando drogas já está num estágio bem avançado, já estão totalmente dependente, acho que falta muita conversa, conversa dentro de casa, saber com quem os filhos estão se envolvendo.

5. Comunidade Terapêutica

O Tratamento

1. Foi você quem procurou ajuda? Quando/como percebeu/ram a necessidade de ajuda?

E1: Iniciativa, iniciativa minha, com ajuda da minha mãe. Eu preciso de me internar não quero viver mais nessa situação. Igual eu te falei né, foi umas três semanas. Eu *tava* ficando 4 ou 5 dias fora de casa e minha mãe sofrendo, chorando e chegou num ponto que eu cheguei a desmaiar fora de casa aí eu falei, *tô* morrendo. Deu um back e mesmo assim não tomando vergonha na cara eu ainda continuei e depois da clínica eu tive umas recaídas.

E2: Na verdade... aconteceu naturalmente, entendeu? Eu *tava* afim de parar, mas por mim mesmo eu não *tava* conseguindo. Aí alguém viu, assim, que eu *tava* querendo, mas só que... não consegui... pelo ambiente que eu *tava*... entendeu? Aí pessoas que realmente gostavam de mim mesmo, aí se preocupou e arrumou pra mim.

E3: Então você disse que foi você quem procurou ajuda, quando você percebeu que estava perdendo a esposa. Isso. E eu falei, antes que eu morra, porque eu tentei suicidar duas vezes. Uma vez deu uma confusão na frente do trêm e outra foi um lençol no vasculhante. Se eu pulo, e aquele dia foi a mão de Deus mesmo, porque eu já tinha levado o corpo e eu senti me puxando pra trás, se eu pulo o vasculhante no segundo andar não ia me segurar não, eu ia me esborrachar lá embaixo. Que idéia né? Tudo com a cabeça cheia de droga. Oh, minha ex-mulher foi muito guerreira, tá? O que ela passou na minha mão não foi brinquedo não.

E4: Fui eu. Quando eu *tava* muito louco, nessa época eu *tava* morando na casa do meu sogro, aí eu *tava* muito doidão lá aí meu filho bateu na porta, queria entrar pra conversar comigo lá, aí eu... Não queria, aí eu fiquei pensando assim, será que é essa vida que eu quero pra ele? é esse exemplo que eu vou dar pra ele? é isso aí que me despertou a querer buscar ajuda.

E5: Foi. Quando que eu dei princípio de overdose. Eu caí no chão da minha sala, eu lembro que tinha um quadro lá escrito versículo bíblico, aí eu caí pra traz, que eu tinha comprado 50g de cocaína, eu queria me suicidar, entendeu? Eu já queria já morrer, eu já fiz aquilo ali já pensando em morrer, entendeu? Aí eu fiquei, fiquei eu e mais um amigo, fiquei eu e mais um amigo, eu e mais um amigo, usando, usando, de sexta pra, comecei na, aliás na sexta-feira de dia, encontrei com esse amigo de tarde, aí levei pra minha casa, porque eu não queria também assim morrer sozinho, eu queria que uma pessoa visse eu morrendo, mas ele não sabia que eu *tava* planejando isso. Aí eu peguei levei ele pra dentro da minha casa e começamos a usar, aí ele viu que eu *tava* usando muito, usando muito, esticando muita carreira e ele falou não não quero mais, não quero, e eu fui, fui na cozinha peguei uma faca e falei não, você vai usar junto comigo, praticamente obrigando ele. Aí ele virou, foi esperou um descuido meu, levantou da sala e na porta falou se quer morrer morre sozinho, aí ele bateu a porta e saiu e foi embora. Aí eu falei, ah, aquele negócio de viciado, ah não guentou né, seu moleque. Ele foi embora, eu fiquei. E quando foi na madrugada, eu já tinha cheirado o dia inteiro, quando foi na madrugada de sábado pra domingo, chegou assim que era 50g, umas 40 g o cara tirou da pedra mesmo assim pra mim, era pasta mesmo, era pasta base, muito forte. Eu lembro que eu não aguentei mais, teve uma hora que eu *tava* tentando levantar pra mim ir no banheiro e eu não *tava* conseguindo levantar. Quando eu consegui mesmo, assim escorado, que eu

levantei eu caí pra traz, quando eu caí pra traz eu bati no chão, aí minhas unhas assim já começou a ficar roxo, e eu perdi o jogo das minhas pernas, entendeu? Eu senti minhas pernas dura, não conseguia mexer, senti meu coração disparar. Eu peguei olhei pra esse quadro e comecei a chorar, pedi a Deus mais uma chance. Comecei a clamar pelo poder do sangue de Jesus, porque eu vi a sombra da morte na minha frente, a distância de uns 3 metros, na porta da sala pra vi me buscá. Aí eu lembro que minha cabeça parecia que *tava* desse tamanho assim (mostrando com as mãos um tamanho maior que o natural) um barulho batia lá dentro e não parava, não parava, e eu chorando, chorando, clamando, fiz igual cego de Jericó. Na hora eu lembrei. Jesus filho de Davi, tem compaixão de mim, deixa eu morrer não senão eu vou pro inferno. Eu sabia né? Que, a gente que conhece a palavra, querendo ou não sabe. E eu ainda vi a sombra ainda, da morte na minha frente, muito grande, entendeu? E eu vi que *tava* parando, meu coração *tava* parando. Aí eu fechei meu olho pra mim não ver mais aquela sombra, porque eu não *tava* mais tendo força pra falar. Mas só, a única palavra que eu lembrava era Jesus, Jesus me salva, Jesus me salva. Eu sei que não passou, acho que eu fiquei uns 3 minutos debatendo assim, uns 5 minutos, sabe? Aí passou... e eu fui ver eu *tava* normal assim, mas eu fui andando de, igual um cachorrinho de quatro até num orelhão mais próximo da minha casa, que é uns 30, 40 metros mais ou menos, liguei pra um pastor amigo meu e ele veio e me buscou na minha casa e me levou pro centro de recuperação. Ai lá eu comecei igual a criancinha de novo, tive que, eu não consegui comer comida, entendeu? Eles faziam papinha pra mim, me cuidaram com o maior carinho, entendeu? A esposa desse pastor também, muito compreensiva também, me ajudou muito conversando.

E6: É, a primeira vez não. Os familiares que me ajudaram, mas eu já *tava* afim de me internar. Eu pedi o Luciano pra me internar, porque eu *tava* vendo que aquilo não era pra minha vida. Quando eu fiquei longe da minha família, quando eu *tava* tentando ficar perto da minha família, e a droga não deixava. Eu ficava um pouco com meus filhos, mas pensava em descer, chegava na casa dos meus pais, vinha a droga na minha cabeça. As vezes eu trabalhava, ganhava dinheiro, dava um tanto pra ela e guardava outro pra eu ir usar. Então pra mim influenciou muito quando perdi os meus filhos, a mãe dos meus filhos e minha mãe.

E7: Foi eu, mas meu primo quem me ajudou. Eu estava morando e trabalhando em Serra(ES), numa tarde bonita eu tinha tomado uma cervejinha, aí decidi fumar uma pedra. Fui numa favela buscar, peguei uma bicicleta emprestada, poderia ir a pé, porque era pertinho, aí comprei a pedra e *tava* voltando, que eu ia fumar em casa, aí nisso eu saí na BR 101, sofri um acidente, veio uma carreta se aproximando e disse eu não lembro de mais nada. Só lembro de estar no hospital. Fiquei desacordado, quase morri. Fugi do hospital porque eu *tava* sem documento e fiquei com medo de acontecer algum problema e eles me enterrarem como indigente, descobri que *tava* no hospital perto de onde eu morava. Aí liguei pra Juiz de Fora falei com minha mãe e com meu pai e eles falaram deixa isso aí, vem pra cá, vem se cuidar aqui. Eu ia precisar operar, mas não tinha data, tinha que ficar esperando. Aí eu decidi voltar pra casa. Aí no dia 31 de maio era aniversário do meu pai, ele *tava* fazendo 86 anos, uma pessoa maravilhosa, maravilhosa, assim, um exemplo de pessoa, de homem de pai, de tudo. Meu amigo, meu tudo. Aí eu liguei pra ele no dia 31 e falei com ele. Aí no dia 1º eu liguei pra ele pela manhã, conversei com ele e voltei a ligar de tarde, só que não me atenderam. Aí liguei pra minha irmã, não atenderam, e eu ligava, liguei no dia seguinte, de manhã várias vezes, de tarde várias vezes, tanto pra minha casa, quanto pra casa da minha irmã. Então eu fiquei preocupado. E durante dois dias eu tentei, em horários alternados, falar com eles. E a gente ia pra Linhares, trabalhar em Linhares, mas aí eu falei com o patrão, eu vou embora. Eu tô indo pra Juiz de Fora, porque tem alguma coisa errada acontecendo em Juiz de Fora. Aí eu conheci a cracolândia do lado da Rodoviária em Vitória. Eu cheguei lá meio dia, meu ônibus era 9 e pouca da noite. Eu fiquei de uma hora da tarde até nove horas da noite usando drogas. Foi embora celular, todo dinheiro, eu viajei toda a noite sem comer nada porque eu não tinha

nenhuma prata no bolso e dei sorte que a garagem da Rio Doce era no Marumbi, se não tinha que rachar a pé da Rodoviária até o Marumbi. Cheguei em casa e perguntei minha mãe pelo meu pai, ela não respondeu, e eu fui entrando chamando por ele. Aí que ela me falou que ele *tava* no hospital (lágrimas) aí eu fui encontrar com ele e visitá-lo e ele me disse algumas palavras, porque meu pai era presbítero, é um homem muito íntegro, muito correto, e principalmente um homem de Deus e ele me falou assim "Filho, você tá fazendo muita coisa errada, volta pra Jesus, volta pra igreja", aí eu falei, poxa pai, não sei, eu *tô* fazendo muita coisa errada, mas o senhor sabe que eu te amo né? E ele falou comigo assim "quem ama obedece". E essas palavras ficaram na minha cabeça durante alguns dias e logo depois ele veio a falecer (choro). Eu passei uma fase difícil porque depois que ele faleceu acabou o sentido da vida, eu não queria viver mais. Aí, meu sobrinho foi lá em casa, ver como que eu *tava* aí eles falaram pra eu voltar pra igreja, falaram pra eu procurar um centro de recuperação, porque tinha jeito e eu pensava que não tinha jeito mais. Eu *tava* usando muita droga, *tava* pesando 58 kilos, com dívida de drogas. Meu primo falou tem jeito, tem jeito. E eu fiquei lembrando das palavras do meu pai e era vontade dele que eu voltasse pra Jesus. Aí meu primo falou assim, olha tem o centro de recuperação, vão fazer uma triagem, vão fazer um tratamento. Ele disse que pagava a minha dívida se eu aceitasse ajuda. 10 dias após a morte do meu pai eu fui pro centro de recuperação.

E8: Foi. Quando perdi o controle e já estava vendendo tudo o que eu tinha.

E9: Foi. Ah é assim, o estalo foi que eu sempre tive muitas amigas e tal e num determinado momento uma amiga minha que tinha muita liberdade comigo olhou pra mim e falou "eu não sei o que que tá acontecendo contigo não, eu não sei, mas você tá se acabando, dá uma olhadinha no espelho e olha como você era e como *cê* tá hoje", aquilo deu um despertamento e, sabe, minha mãe quando ficou sabendo do que *tava* acontecendo e ela falou uma frase "eu acho que eu vou morrer e eu não vou te ver bem, sabe a minha maior tristeza é saber que eu posso morrer hoje e você ficar aí desse jeito" aí aquilo ali pra mim foi o que eu *tava* precisando ouvir.

2. Realizou algum tipo de tratamento anterior a essa internação? Qual? Como você avalia esse tratamento anterior?

E1: Nada

E2: Não, só na Funabem, dos 12 aos 18 quase 19. Se eu tivesse com a cabeça normal, de juízo perfeito, era pra eu ter saído de lá... Tranquilo. Porque lá eu já saía de lá, formado, pra... eu formava até aqui em Rio Pomba, aqui. Porque lá... Escola agro técnica, Escola Artur Bernardes, escola de engenheiro. Só que na época lá eram seiscentos e noventa e tantos alunos... tinha os cariocai, tinha os mineiro, tudo mó bagunça. Era bom mas tinha a parte ruim também. Em 2011.

E3: Não.

E4: Não, eu tinha, não tratamento específico que eu quis ou que eu fui fazer o tratamento, mas eu fiquei 8 meses internado num hospital psiquiátrico por judicial, foi judicial, entendeu? Ai ali já havia um tratamento, no meu ponto de vista inadequado pra situação.

E5: Não. Só psicólogo do SUS mesmo, mas depois que passei pelo centro de recuperação. Ficou internado por 2 vezes no Resgatando Vidas e 5 vezes em outra Clínica.

E6: Não, só a triagem e acompanhamento com Luciano (amigo da igreja)

E7: Sim, no IMECRIS era no Aeroporto. Não existe mais. Muito bom o tratamento, base na bíblia e foi muito bom.

E8: Tentei parar sozinho, ma não foi o ideal.

E9: Não, nenhum.

3. O que motivou a busca por um tratamento?

E1: Foi ver minha mãe que todas as vezes que eu chegava em casa minha mãe chorava de preocupação. Entendeu, o que mais motivou foi isso mesmo. Foi a, a, o problema familiar.

Não falo, não ponho nem em si, porque envolve toda a família.

E2: Esse aí eu quis mesmo. Porque eu não *tava* aguentando mais mesmo.

E3: (RESPOSTA 1)

E4: Eu não queria ser esse pai pro meu filho. Eu queria que desse outro rumo na história familiar minha. Porque sempre foi que... meu vô bebia, meu pai usava droga, eu também, foi só piorando. Meu vô só bebia, meu pai usava bebida e usava droga, aí eu bebia, usava maconha igual meu pai e depois usava crack e, e tudo. Aí eu falei, nossa onde o meu menino vai chegar se ele se espelhar em mim. Não é que ele ia fazer, porque eu conheço muitos pais que são, que usam drogas e os filhos não usam, mas é mais fácil dele usar, é mais provável.

E5: Então, meu primeiro tratamento quem me levou foi um pastor da preparatória, ele lutou muito, ele e um amigo meu que é também lá do bairro, que já foi traficante e aceitou Jesus dentro do presídio do Santa Terezinha e ele viu que eu era sozinho. Eles me ajudaram muito, eles que me levaram lá pro Resgatando Vidas.

E6: Perdi tudo, não tinha nada. Tipo assim, no dia que eu fui no sítio eu já não tinha mais nada. Não tinha ninguém, minha mãe já não *tava* ligando, nem guentando eu mais. Que quando ela ouvia falar Oh o William tá aqui em Benfica ela sabia que tinha problema. Quando gritava ela, ela tinha até medo. Aí o dia que eu fui pro sítio, eu falei, pô eu já dei chance pra tudo, menos pra Deus, vou dar uma chance pra Deus, porque se não der certo, porque agora eu preciso, não quero mais não. Aí no dia que eu entrei no sítio eu falei assim eu vou entrar hoje e vou sair mudado, senão eu prefiro morrer.

E7: As palavras do meu pai "quem ama obedece"

E8: A família estava entristecida e eu perdendo o controle

E9: Num primeiro instante foi minha mãe, até porque eu não *tava* conseguindo parar em serviço nenhum. Eu lembro que na época meu irmão trabalhava na Mercedes ele arrumou emprego pra mim lá e eu comecei a comprar muita coisa, mas como eu comecei a ganhar muito dinheiro consequentemente eu usava muita droga. Sabe, não tinha um dia que eu não usava droga, aí *cê* já não esquentava mais a cabeça com o emprego, né? Aí se compra algo e *cê* não consegue pagar. Aí *cê* tem que vender algo pra cobrir aquilo que você não pagou. Aí *cê* faz uma dívida sabe de drogas, aí *cê* tem que vender. Aí aquilo que eu adquiri eu comecei a vender. Eu vi que eu já não tinha mais nada. Além de eu ter perdido tudo aquilo que eu tinha conquistado, eu já *tava* perdendo aquilo que eu já nem tinha mais.

4. Dentre diversos tratamentos para o uso de álcool e outras drogas, por qual motivo você escolheu uma Comunidade Terapêutica?

E1: Primeiramente, eu conhecia a palavra. Eu falei com a minha mãe que eu só iria internar, que eu só iria procurar ajuda se fosse num centro de recuperação evangélico. Fora isso, não, aí pesquisando, pá, pum, eu conheci o resgatando vidas. Porque meu problema não é, o meu problema não é carnal, o meu problema é espiritual. Entendeu? foi o que eu falei, mãe, porque se eu for pra resgatando vidas porque aí eu vou voltar a, a, palavra, eu vou voltar o meu lado espiritual fortalecido. E fortalecendo meu lado espiritual, porque eu conheço a palavra eu sei que o meu problema é espiritual e se eu ficar lá eu vou me fortalecer e eu vou sair de lá bem. E fiquei lá mesmo. Meu tratamento acabou com 6 meses e eu fiquei por mais 6 meses lá tranquilo, bem, ajudando outras pessoas.

E2: Isso aí eu escolhi sabe por quê? Porque a Ana morava em Ponte Nova, ela era casada com o irmão do pastor Jose Carlos, aí desde cedo eu fui criado na casa da Claudia, aí o pessoal era muito ligado, entendeu?

E3: Conheceu o Resgatando vidas pelo Joaquim, ele não escolheu. Eu até tinha tentando assim, eu queria um tratamento, mas também ao mesmo tempo que eu dava um passo pra frente eu dava 50 para trás, eu não procurava, nem conhecia tipos de tratamento, por isso que te falo que quando ele falou vamos lá eu pensei que fosse um hospital onde todo mundo toma remédio pra ficar calminho lá dentro. Nunca poderia imaginar que seria daquele jeito.

E4:

E5: Foi por indicação do pastor e do amigo dele.

E6: Com o Luciano e o pessoal eu tive conhecimento de como que é o Sitio, se sabe que lá *cê* se sente em família, porque o que eu acho que não funciona muito no CAPS álcool e drogas, *cê* tá ali conversando com as pessoas sobre drogas, aí te dá abstinência, daqui uma hora ou duas horas você vai sair de lá sozinho, então quer dizer, se te deu aquela abstinência e você tem 10, 15 reais no bolso, que *cê* vai fazer. Agora *ocê* lá não, você pode falar comigo de drogas, vou pra onde? Vou ficar lá porque mesmo se eu sair eu sei que eu perdi tudo, então tipo assim *cê* tem aquele colo. Igual lá, ninguém fica obrigado, fica porque *qué*, mas *cê* sabe se eu sair eu vou, piorar eu não vou virar gente, então eu vou melhorar, então eu vou continuar, então o pessoal pode falar contigo sobre drogas porque lá você está seguro, e quando você se sente mal, igual tem os psicólogos, os pastores, a todo momento se você tem um momento de fraqueza você tem alguém do seu lado pra te apoiar. Quando não é um deles, tem um irmão do seu quarto que você tá acostumado. Então você tá protegido ali, ali você tá nas mãos de Deus mesmo.

E7: Por orientação do primo e por ter orientação evangélica.

E8: Uma amiga da minha mãe indicou, o filho dela havia feito o tratamento lá.

E9: Não, não tinha conhecimento de nenhum outro tipo de tratamento. E eu não tinha nem noção do que era uma casa de recuperação, uma comunidade terapêutica. E eu vou ser muito, muito sincero, eu num primeiro instante eu tomei um impacto do que é. Porque pra mim uma casa de recuperação a gente chegava e tal, tomava remédio, ficava dopado, mas quando eu cheguei nessa comunidade terapêutica eu vi que não era nada disso, eu vi que pra mudar, não tinha muito, como eu vou dizer, não tinha segredo não. Eu não ia tomar medicação, eu não ia ficar amarrado, eu que tinha que querer essa mudança. Mas com o passar dos dias dentro dessa comunidade terapêutica eu vi que Deus tinha me mandado pro lugar certo.

5. Por que escolheu essa comunidade terapêutica? (Alguém indicou, alguma influência)

E1: Não olhei outras, porque era mais próxima de Juiz de Fora e por indicação de pastores da Sara Nossa Terra.

E2: Indicação de amiga.

E3: Indicação de amigo.

E4: Porque, eu não conhecia muitas e eu já tinha passado por essa clínica psiquiátrica e eu vi que na psiquiatria não daria certo e lá dentro dessa, desse tratamento eu conheci pessoas evangélicas e essa e essa clínica que eu tinha ficado a primeira vez era muito próximo da minha casa não foi um camarada meu lá perguntar se eu *tava* precisando de um baseado, de uma biritinha, dum crack de qualquer coisa, mas esses caras ia lá me visitar. Aí eu comecei a ver uma diferença, pô esses cara é crente, esses cara é manero, entendeu. Aí eu comecei a vê que, que tinha algo diferente, aí eu animei. Aí eles me convidaram pra ir num culto, aí eu fui duas, algumas vezes e gostei, aí despertou pra esse lado do crente, de ser crente, de ser cristão. Aí despertou, mas aí eu *tava* com muito problema, envolvido com crime, eu fiquei lá preso, por questão de de assalto, um monte de coisa, tinha uns cara lá que eu tinha problema assim e queria matar os cara, os cara também queria me matar, e dívida de de crime aí, problema eles comigo, de crime mesmo não de financeiro entendeu? Aí eu, não consegui firmar, porque eu *tava* com muito ódio, eu tinha muito ódio dentro de mim aí eu não consegui firmar, aí, eu parei, eu não consegui dar prosse, prosseguir nesse tratamento espiritual sem ter que internar, aí eu vi que ser crente era uma solução, descobri que essa clínica era de crente, aí por isso que eu tomei iniciativa de ir pra lá.

E5: Indicação do pastor da preparatória.

E6: Indicação de amigo.

E7: Indicação do meu primo.

E8: Indicação da amiga da mãe

E9: Foi assim, eu quis me internar e comecei a procurar no catálogo casa de recuperação. 6. Fez uso de medicação durante o período em que esteve na comunidade terapêutica? Qual? Por quê? E1: Diazepan (1 semana), amitril. Foi o que eu mais usei foi a amitripitilina, mais pra ansiedade. E2: Nunca. Graças a Deus, não. E3: Não. E4: Não, não eu não quis. Eu tomei trauma de remédio quando eu passei esses oito meses nesse hospital, eu eu quase pirei, eu quase fiquei louco de verdade por causa desses remedios. E5: Rivotril e Pamelor E6: Carmazepina, clonazepam E7: Fluoxetina, porque meu pai havia morrido e então eu chorava muito. E8: Fluoxetina E9: Não
7. Como foi, para você, o tratamento? E1: Excelente. Foi algo pra mim que eu... Que em tudo, tudo, tudo eu aprendi... Eu aprendi tudo. Algo, desde a área disciplinar, eu até me emociono de falar isso, porque foi algo que eu aprendi muito lá dentro, questão de convivência, de disciplina, entendeu e eu amo aquele lugar e não é atoa que eu vou lá, uma vez por semana eu vou lá. Até pouco tempo atrás eu <i>tava</i> como voluntário. E2: Foi tranquilo, normal. E3: Ah foi uma maravilha. Não vou te dizer, que no primeiro dia foi complicado, porque a falta, eu senti mais falta do cigarro do que a falta da droga, é dale bala. Impressionante, a droga não, porque o cigarro eu fumei desde os 13 até os 39. Eles falam que até do sangue pra sair é (estalou o dedo). E eu nunca tentei parar o cigarro mas eu fui na cacetada mesmo, é na cacetada e dali bala, dava quinta feira eles mandavam bala e biscoito, hoje não porque graças ao bom Deus a clinica, o governo, mas na época não, agora não pode mandar mais inheiro, eles tem café da manhã, almoço, café da tarde. Então na nossa época não, na nossa época tinha que ter um biscoitinho e bala, minha irmã mandava um pacotão de bala. Ia fazer terapia enchia os bolsos de bala. Bala e água. Dava vontade de fumar, chupava uma bala. Eu chupei muita bala. E eles sempre falavam, quer parar de fumar, chupa bala, e eu dizia isso é historinha pra boi dormir. Isso não acontece não, mas olha eu chupei muita bala, chegou a ferir até o céu da boca. Agora chegava na quinta, aí já sabiam, o quarto 3 da primeira etapa, aí já chegava na quinta feira a turma da segunda etapa subia "balinha Wanderley, balinha". Aí eu distribuía na janela, chupava muita bala, mas também dividia muita bala. Tinha muita família que não tinha condição de ficar mandando, né? A minha irmã quem me ajudou muito, ela me mandava biscoito mandava bala. Aí, eu chupei muita bala, mas o cigarro foi complicado. E quando aí me passaram, depois 3 meses e pouco me passaram a obreiro, aí tinha que vir trazer aluno na cidade, vinha o cheiro de cigarro, e quando vinha na sexta feira ou no domingo e passava em Santa Cruz na hora que dava no quebra mola e subia aquele maresia e Jesus, o corpo até arrepiava de vontade de fumar, mas repreendia em nome de Jesus e ia embora. Hoje graças a Deus hoje pode fumar a vontade. Não tenho problema nenhum, mas o cigarro foi complicado, não imaginava que o cigarro seria tão difícil do que a droga. E4: Lá? Ah foi excelente, foi, foi, tanto assim, porque, era um tratamento pessoal diferente, entendeu? Porque eu era muito louco, eu não gostava que ninguém chegava perto de mim, aquela pessoa ignorante, não não me encosta não, fala comigo daí, sabe? Assim, entranhado no crime, nessa vida louca, aí eu não gostava e lá eu não tinha como fugir, pela proximidade das pessoas, pessoas que me trataram bem, carinhosamente, como pessoa mesmo, entendeu? E eu, eu aceitei receber aquilo e foi maneiro, foi benção.

E5: Foi ótimo, pra mim eu aprendi muita coisa, de mais. Foi uma base pra mim começar minha vida aqui do lado de fora.

E6: Oh, foi a melhor coisa, mas é muito complicado tá. Oh, eu sou ignorante, graças a Deus não sou mais não eu era ignorante, eu era brigão, então tipo assim, lá eu bati de frente com cara que era traficante forte e eu não era nem um dedo dele, mas nem por isso ele tirava onda com minha cara, ele me tratava como irmão dele, aí tinha uns que chegava lá revoltado, queria achar que era mais que eu, e eu era marrento, então eles tentavam me encarnar e eu queria partir pra cima também, só que eu não podia, pra você vê no meu segundo dia eu magrinho. Quando eu fui me envolvendo com todo mundo, no final das contas todo mundo ficou meu amigo, no dia que eu saí todo mundo sabe, meus amigos que estava apegados chorou, eu chorei também porque como diz, eu fiquei meus 6 meses todinho lá. Pra você ter uma idéia eu ligava pra eles quando eu fiquei em casa. Quando eu não tinha nada pra fazer eu ia pra lá.

E7: Fundamental, fundamental (chorou).

E8: Difícil, pela solidão.

E9: Então, pra mim quando eu cheguei aqui, poxa eu vim, eu vim de uma família, é que tinha uma outra religião, minha mãe, minha família muito católica e eu escutava muito rock in rol, esses rocks muito pesado, quando eu cheguei aqui e começaram a falar que eu não podia fazer isso, que eu não podia fazer aquilo, foi um choque muito grande, eu tomei mesmo um choque. Porque eu tinha aprendido desde pequeno um outro tipo de, de, de, sabe, vamos dizer assim, de religiosidade. E quando eu vim pra cá e me apresentaram esse Deus aí que falaram "ah esse Deus transforma, esse Deus que cura, que liberta" eu vou ficar aqui e é Deus que vai me libertar da dependência química? Então no começo eu não acreditei muito não, mas com o passar do tempo eu fui mudando meu conceito, fui mudando meu conceito e hoje eu tenho convicção eu tenho certeza de que se não fosse Deus na minha vida eu não estaria de pé não. Eu tenho certeza absoluta. Isso é claro, e o mais interessante não é só a questão de você, sabe, aceitar Jesus e tal, mas hoje eu vivo Jesus 24 horas por dia. Eu faço hoje muito mais daquilo que eu achava que teria condições de fazer. Tenho certeza absoluta, sabe, eu não sou tenho Jesus e tenho Deus na minha vida pra me deixar fora da dependência química não, eu tenho como estilo de vida. Meu estilo de vida hoje é Jesus. Eu tenho certeza de que se eu não tivesse vindo pra esse lugar, conhecido Jesus aqui e conhecido as coisas de Deus eu não taria de pé não. De forma alguma, de forma alguma. Isso a gente vê muito aqui. As pessoas passaram, conhecerem Jesus e não se envolverem. Então, se não se envolver...

8. Quais foram os maiores desafios? Como enfrentou?

E1: A disciplina. A disciplina pra mim foi o que foi, foi, foi algo que eu, foi o maior desafio, porque eu era indisciplinado, então eu tinha que ver aquilo, entendeu. Foi o maior desafio mesmo. E a terapia, a terapia pra mim foi algo bem difícil algumas. Alguns vão varrer, o outro vai pra cozinha. Laborterapia. Foi dedicação, foi dedicação e... Superação, porque na verdade, foi mais dedicação mesmo e seguir tudo aquilo e respeitar todas as regras, porque a gente assina um compromisso de regras e nem todos aceitam. Tive conflitos, tive conflitos com pessoas lá dentro. Primeira semana eu queria desistir porque eu não *tava* aguentando, as vezes as pessoas, me me, por exemplo, me zuarem, ah porque você tá aí, você mora no grambery, eu falei pra eles qualquer pessoa pode *tá* aqui. Playboyzinho, coisa que eu nem sou. Entendeu?

E2: Porque, na verdade, eu fiquei foi nove meses sem visita, sem telefonema, sem nada. Assim, foi... Foi pesado. E só Deus mesmo, o primeiro amor com Deus foi o que me preencheu, buscar a palavra.

E3: Lá é bem rígido. Tem certas coisas, vamos supor. Aqui fora, você anda sem camisa, lá não você saía do corredor pra fora e "ah camisa, não pode", várias vezes me pegava desprevinido, mas com certo tempo os outros alunos que estavam a mais tempo iam

explicando pra gente "oh, isso aqui pode, isso não pode". Então a pessoa vai se adaptando à norma da casa, mas itando isso daí pra mim foi tranquilo, eu não queria sair de lá não. Pra você ter uma idéia, eu fiquei lá, o tratamento é 6 meses, eu fiquei 8, por que eu não tinha onde ficar. Tinha que arrumar uma casa, porque trabalho era o de menos, porque graças a Deus problema porque sou muito conhecido na cidade. Mas eu tinha que arrumar uma casa pra mim poder morar. Aí deu os 6 meses eu falei com o Joaquim e ele falou "não, você fica o tempo que você precisar. Tanto é que fiquei 8 meses e não levei nenhuma disciplina lá dentro enquanto tem gente que leva 3, 4 numa semana. (risos) Não, graças a Deus o tratamento pra mim foi tranquilo. Graças a Deus.

E4: NÃO PERGUNTEI!

E5: O maior desafio pra mim é ter ficado afastado... que eu nunca assim gostei de ficar afastado num lugar assim parágrafo, sabe? Eu sempre fui muito agitado, até hoje, eu durmo pouco eu durmo 4, 5 horas por noite e lá tinha que cumprir horário eu pegar ficava na cama, tinha que esperar os outro acordar. Isso aí foi o maior desafio pra mim foi isso. Como enfrentou? Foi através da oração, do jejum, da oração, da paciência, usar muito de paciência e ouvir também as pessoa, os monitor, os pastor entendeu? Essas foi as minhas ferramenta e hoje eu lido com elas aqui fora. Com essa bagagem que Deus me deu.

E6: A disciplina também é muito complicado, por que aqui na rua você não tem hora pra você comer, não tem hora pra você dormir, *cê* não tem hora pra tomar banho, você não tem hora pra você conversar. Lá você tem hora pra tudo e você tem que respeitar, porque você não é obrigado a ficar, se você quiser você vai embora, mas você tem que respeitar. Então é muito difícil. *cê* imagina igual no meu caso, *tava* acostumado a virar noite, aí você chega lá dentro e 10 horas da noite você tem que dormir, horário de comer é certinho. Tudo tipo assim, tudo apita a sirene, igual de manhã *cê* tipo assim pô vou dormir só mais um pouquinho, aí apita a sirene você tem que levantar. E como eu *tava* muito fraco o remédio fazia muito efeito, eu acordava todo grog assim. Era complicado. A irmã Ana poxa a orelha da gente demais (risos), ela é eu adoro ela, se não fosse ela às vezes eu não tinha mudado meu caráter não. Tipo assim eu encarei, vou falar com você no começo foi difícil, mas depois eu me adaptei, então já era normal assim pra mim, já sabia o horário de tudo. Tudo que falava pra mim *tava* bom, a gente vai se acostumando, convivendo com as coisas, aí você vai vendo, tipo assim, poxa eu *tô* aqui porque eu quero, eu acho bom estar aqui, eu quero ficar aqui. Aí você vai fazendo por onde. Mas é melhor ser assim, porque senão quando você chega aqui fora você não terá hora pra nada.

E7: Me dominar. Porque o vício é, a abstinência ela é muito grande, então quando você chega, você já chega pensando em sair, você já chega já não querendo ficar. Com muita determinação, com muita vontade de querer viver, não querer morrer, isso foi fundamental. E também as palavras do meu pai.

E8: Solidão, enfrentei com a vontade de lugar.

E9: Foi aceitar, porque a gente assim acha que conhece de Deus, acha que conhece Jesus, mas a gente ouviu falar. Mas a maior dificuldade, não só minha mas de muita gente, é o confronto. Porque a gente chega aqui com uma criação e quando a gente vem aqui a gente é confrontado, aquilo ali é complicado. Então você tem que tá aberto, eu no começo do tratamento eu não *tava* aberto, olha eu vim aqui, eu não vou mudar de religião, eu nasci assim, eu vou crescer assim e eu vou morrer assim, só não vou virar Gabriela (em referência à música - risos). Então eu tinha essa consciência, ninguém me muda. Então o confronto pra mim aqui, "oh filho você faz dessa forma mas isso aí não é certo não", mas porque não é certo, "porque a bíblia diz que não é certo", sabe? Graças a Deus, Deus colocou pessoas aqui capacitadas pra me confrontar, pra falar assim olha isso tá errado, mas aqui o caminho certo é esse aqui. Não adianta só a pessoa chegar perto de mim e falar que eu *tô* errado, mas não me mostrar o caminho que eu devo seguir correto. Sabe, me confrontaram, me confrontaram sim

e eu questioneei muitas vezes, mas me mostraram o caminho que eu deveria seguir. Assim eu questioneei bastante, como praticamente todo mundo que vem de outra religião, e eu sempre fui um cara muito curioso, então o que eu aprendia eu buscava, lia muito.

9. Qual ferramenta a Comunidade Terapêutica ofereceu para o tratamento do seu uso de álcool e outras drogas? (contribuiu/ajudou/atrapalhou/como)

E1: A disciplina. A disciplina pra mim foi o que foi, foi, foi algo que eu, foi o maior desafio, porque eu era indisciplinado, então eu tinha que ver aquilo, entendeu. Foi o maior desafio mesmo. E a terapia, a terapia pra mim foi algo bem difícil algumas. Alguns vão varrer, o outro vai pra cozinha. Laborterapia. Foi dedicação, foi dedicação e... Superação, porque na verdade, foi mais dedicação mesmo e seguir tudo aquilo e respeitar todas as regras, porque a gente assina um compromisso de regras e nem todos aceitam. Tive conflitos, tive conflitos com pessoas lá dentro. Primeira semana eu queria desistir porque eu não *tava* aguentando, as vezes as pessoas, me me, por exemplo, me zuarem, ah porque você tá aí, você mora no grambery, eu falei pra eles qualquer pessoa pode *tá* aqui. Playboyzinho, coisa que eu nem sou. Entendeu?

E2: Porque, na verdade, eu fiquei foi nove meses sem visita, sem telefonema, sem nada. Assim, foi... Foi pesado. E só Deus mesmo, o primeiro amor com Deus foi o que me preencheu, buscar a palavra.

E3: Lá é bem rígido. Tem certas coisas, vamos supor. Aqui fora, você anda sem camisa, lá não você saía do corredor pra fora e "ah camisa, não pode", várias vezes me pegava desprevinido, mas com certo tempo os outros alunos que estavam a mais tempo iam explicando pra gente "oh, isso aqui pode, isso não pode". Então a pessoa vai se adaptando à norma da casa, mas itrando isso daí pra mim foi tranquilo, eu não queria sair de lá não. Pra você ter uma idéia, eu fiquei lá, o tratamento é 6 meses, eu fiquei 8, por que eu não tinha onde ficar. Tinha que arrumar uma casa, porque trabalho era o de menos, porque graças a Deus problema porque sou muito conhecido na cidade. Mas eu tinha que arrumar uma casa pra mim poder morar. Aí deu os 6 meses eu falei com o Joaquim e ele falou "não, você fica o tempo que você precisar. Tanto é que fiquei 8 meses e não levei nenhuma disciplina lá dentro enquanto tem gente que leva 3, 4 numa semana. (risos) Não, graças a Deus o tratamento pra mim foi tranquilo. Graças a Deus.

E4: NÃO PERGUNTEI!

E5: O maior desafio pra mim é ter ficado afastado... que eu nunca assim gostei de ficar afastado num lugar assim parádão, sabe? Eu sempre fui muito agitado, até hoje, eu durmo pouco eu durmo 4, 5 horas por noite e lá tinha que cumprir horário eu pegar ficava na cama, tinha que esperar os outro acordar. Isso aí foi o maior desafio pra mim foi isso. Como enfrentou? Foi através da oração, do jejum, da oração, da paciência, usar muito de paciência e ouvir também as pessoa, os monitor, os pastor entendeu? Essas foi as minhas ferramenta e hoje eu lido com elas aqui fora. Com essa bagagem que Deus me deu.

E6: A disciplina também é muito complicado, por que aqui na rua você não tem hora pra você comer, não tem hora pra você dormir, *cê* não tem hora pra tomar banho, você não tem hora pra você conversar. Lá você tem hora pra tudo e você tem que respeitar, porque você não é obrigado a ficar, se você quiser você vai embora, mas você tem que respeitar. Então é muito difícil. *cê* imagina igual no meu caso, *tava* acostumado a virar noite, aí você chega lá dentro e 10 horas da noite você tem que dormir, horário de comer é certinho. Tudo tipo assim, tudo apita a sirene, igual de manhã *cê* tipo assim pô vou dormir só mais um pouquinho, aí apita a sirene você tem que levantar. E como eu *tava* muito fraco o remédio fazia muito efeito, eu acordava todo grog assim. Era complicado. A irmã Ana poxa a orelha da gente demais (risos), ela é eu adoro ela, se não fosse ela às vezes eu não tinha mudado meu caráter não. Tipo assim eu encarei, vou falar com você no começo foi difícil, mas depois eu me adaptei, então já era normal assim pra mim, já sabia o horário de tudo. Tudo que

falava pra mim *tava* bom, a gente vai se acostumando, convivendo com as coisas, aí você vai vendo, tipo assim, poxa eu *tô* aqui porque eu quero, eu acho bom estar aqui, eu quero ficar aqui. Aí você vai fazendo por onde. Mas é melhor ser assim, porque senão quando você chega aqui fora você não terá hora pra nada.

E7: Me dominar. Porque o vício é, a abstinência ela é muito grande, então quando você chega, você já chega pensando em sair, você já chega já não querendo ficar. Com muita determinação, com muita vontade de querer viver, não querer morrer, isso foi fundamental. E também as palavras do meu pai.

E8: Solidão, enfrentei com a vontade de lugar.

E9: Foi aceitar, porque a gente assim acha que conhece de Deus, acha que conhece Jesus, mas a gente ouviu falar. Mas a maior dificuldade, não só minha mas de muita gente, é o confronto. Porque a gente chega aqui com uma criação e quando a gente vem aqui a gente é confrontado, aquilo ali é complicado. Então você tem que tá aberto, eu no começo do tratamento eu não *tava* aberto, olha eu vim aqui, eu não vou mudar de religião, eu nasci assim, eu vou crescer assim e eu vou morrer assim, só não vou virar Gabriela (em referência à música - risos). Então eu tinha essa consciência, ninguém me muda. Então o confronto pra mim aqui, "oh filho você faz dessa forma mas isso aí não é certo não", mas porque não é certo, "porque a bíblia diz que não é certo", sabe? Graças a Deus, Deus colocou pessoas aqui capacitadas pra me confrontar, pra falar assim olha isso tá errado, mas aqui o caminho certo é esse aqui. Não adianta só a pessoa chegar perto de mim e falar que eu *tô* errado, mas não me mostrar o caminho que eu devo seguir correto. Sabe, me confrontaram, me confrontaram sim e eu questionei muitas vezes, mas me mostraram o caminho que eu deveria seguir. Assim eu questionei bastante, como praticamente todo mundo que vem de outra religião, e eu sempre fui um cara muito curioso, então o que eu aprendia eu buscava, lia muito.

10. Como você conceituaria Comunidade Terapêutica?

E1: A disciplina. A disciplina pra mim foi o que foi, foi, foi algo que eu, foi o maior desafio, porque eu era indisciplinado, então eu tinha que ver aquilo, entendeu. Foi o maior desafio mesmo. E a terapia, a terapia pra mim foi algo bem difícil algumas. Alguns vão varrer, o outro vai pra cozinha. Laborterapia. Foi dedicação, foi dedicação e... Superação, porque na verdade, foi mais dedicação mesmo e seguir tudo aquilo e respeitar todas as regras, porque a gente assina um compromisso de regras e nem todos aceitam. Tive conflitos, tive conflitos com pessoas lá dentro. Primeira semana eu queria desistir porque eu não *tava* aguentando, as vezes as pessoas, me me, por exemplo, me zuarem, ah porque você tá aí, você mora no grambery, eu falei pra eles qualquer pessoa pode *tá* aqui. Playboyzinho, coisa que eu nem sou. Entendeu?

E2: Porque, na verdade, eu fiquei foi nove meses sem visita, sem telefonema, sem nada. Assim, foi... Foi pesado. E só Deus mesmo, o primeiro amor com Deus foi o que me preencheu, buscar a palavra.

E3: Lá é bem rígido. Tem certas coisas, vamos supor. Aqui fora, você anda sem camisa, lá não você saía do corredor pra fora e "ah camisa, não pode", várias vezes me pegava desprevinido, mas com certo tempo os outros alunos que estavam a mais tempo iam explicando pra gente "oh, isso aqui pode, isso não pode". Então a pessoa vai se adaptando à norma da casa, mas itrando isso daí pra mim foi tranquilo, eu não queria sair de lá não. Pra você ter uma idéia, eu fiquei lá, o tratamento é 6 meses, eu fiquei 8, por que eu não tinha onde ficar. Tinha que arrumar uma casa, porque trabalho era o de menos, porque graças a Deus problema porque sou muito conhecido na cidade. Mas eu tinha que arrumar uma casa pra mim poder morar. Aí deu os 6 meses eu falei com o Joaquim e ele falou "não, você fica o tempo que você precisar. Tanto é que fiquei 8 meses e não levei nenhuma disciplina lá dentro enquanto tem gente que leva 3, 4 numa semana. (risos) Não, graças a Deus o tratamento pra mim foi tranquilo. Graças a Deus.

E4: NÃO PERGUNTEI!

E5: O maior desafio pra mim é ter ficado afastado... que eu nunca assim gostei de ficar afastado num lugar assim parado, sabe? Eu sempre fui muito agitado, até hoje, eu durmo pouco eu durmo 4, 5 horas por noite e lá tinha que cumprir horário eu pegar ficava na cama, tinha que esperar os outro acordar. Isso aí foi o maior desafio pra mim foi isso. Como enfrentou? Foi através da oração, do jejum, da oração, da paciência, usar muito de paciência e ouvir também as pessoa, os monitor, os pastor entendeu? Essas foi as minhas ferramenta e hoje eu lido com elas aqui fora. Com essa bagagem que Deus me deu.

E6: A disciplina também é muito complicado, por que aqui na rua você não tem hora pra você comer, não tem hora pra você dormir, *cê* não tem hora pra tomar banho, você não tem hora pra você conversar. Lá você tem hora pra tudo e você tem que respeitar, porque você não é obrigado a ficar, se você quiser você vai embora, mas você tem que respeitar. Então é muito difícil. *cê* imagina igual no meu caso, *tava* acostumado a virar noite, aí você chega lá dentro e 10 horas da noite você tem que dormir, horário de comer é certinho. Tudo tipo assim, tudo apita a sirene, igual de manhã *cê* tipo assim pô vou dormir só mais um pouquinho, aí apita a sirene você tem que levantar. E como eu *tava* muito fraco o remédio fazia muito efeito, eu acordava todo grog assim. Era complicado. A irmã Ana poxa a orelha da gente demais (risos), ela é eu adoro ela, se não fosse ela às vezes eu não tinha mudado meu caráter não. Tipo assim eu encarei, vou falar com você no começo foi difícil, mas depois eu me adaptei, então já era normal assim pra mim, já sabia o horário de tudo. Tudo que falava pra mim *tava* bom, a gente vai se acostumando, convivendo com as coisas, aí você vai vendo, tipo assim, poxa eu *tô* aqui porque eu quero, eu acho bom estar aqui, eu quero ficar aqui. Aí você vai fazendo por onde. Mas é melhor ser assim, porque senão quando você chega aqui fora você não terá hora pra nada.

E7: Me dominar. Porque o vício é, a abstinência ela é muito grande, então quando você chega, você já chega pensando em sair, você já chega já não querendo ficar. Com muita determinação, com muita vontade de querer viver, não querer morrer, isso foi fundamental. E também as palavras do meu pai.

E8: Solidão, enfrentei com a vontade de lugar.

E9: Foi aceitar, porque a gente assim acha que conhece de Deus, acha que conhece Jesus, mas a gente ouviu falar. Mas a maior dificuldade, não só minha mas de muita gente, é o confronto. Porque a gente chega aqui com uma criação e quando a gente vem aqui a gente é confrontado, aquilo ali é complicado. Então você tem que tá aberto, eu no começo do tratamento eu não *tava* aberto, olha eu vim aqui, eu não vou mudar de religião, eu nasci assim, eu vou crescer assim e eu vou morrer assim, só não vou virar Gabriela (em referência à música - risos). Então eu tinha essa consciência, ninguém me muda. Então o confronto pra mim aqui, "oh filho você faz dessa forma mas isso aí não é certo não", mas porque não é certo, "porque a bíblia diz que não é certo", sabe? Graças a Deus, Deus colocou pessoas aqui capacitadas pra me confrontar, pra falar assim olha isso tá errado, mas aqui o caminho certo é esse aqui. Não adianta só a pessoa chegar perto de mim e falar que eu *tô* errado, mas não me mostrar o caminho que eu devo seguir correto. Sabe, me confrontaram, me confrontaram sim e eu questionei muitas vezes, mas me mostraram o caminho que eu deveria seguir. Assim eu questionei bastante, como praticamente todo mundo que vem de outra religião, e eu sempre fui um cara muito curioso, então o que eu aprendia eu buscava, lia muito.

Informações adicionais

11. Qual foi o período da sua internação? (Início e Fim)

E1: 31/08/11 à 28/02/2012 - 6 meses

E2: 28 de outubro de 2011 a 28 de fevereiro de 2012.

E3: Jan a Set 2010

E4: 28/12/2009 - 28/06/2010

E5: 2009-2010

E6: 21/07/2011 a 21/12/2011

E7: 22/06/2011 - 18/01/2012

E8: 08/2009-02/2010

E9: Em 2010

12. Você recebeu alta ou saiu por querer próprio, pois considerava-se recuperado?

E1: Recebi alta. Sai quando tive recaída, estava dentro da clínica como obreiro e teve 3 dias de recaída. Deram oportunidade pra voltar como aluno, mas ele não quis. "fiquei caído, final de agosto, setembro, outubro, aí voltei e fiquei na sara nossa terra, fiquei na sara nossa terra novembro e dezembro, aí tive recaída de novo, tive recaída em janeiro, fiquei 10 dias caídos, aí voltei para o resgatando vidas (igreja) e tem 40 dias que eu estou bem.

E2: Recebi alta.

E3: Já tinha cumprido os 6 meses e fiquei mais 2 amais igual eu te expliquei por que eu tinha que arrumar uma casa pra ficar. Eu não queria morar com parente... Aí eu falei vou ter que arrumar um trabalho. Aí arrumei um trabalho e arrumei a casa aí eu conversei com o sô Joaquim. Aí ele falou assim, se você tem um lugar pra você ficar você vai, se você não tiver, se não tiver condições de sair agora no momento, você fica o resto de 2010, você fica o tempo que você quiser. Porque eles lá querem que a pessoa sair com a convicção de estar certo daquilo. Se você não estiver com certeza de sair. Hoje não, porque hoje mudou, mas na minha época se a pessoa não tivesse legal. Olha não tô me sentindo bem pra sair. Porque a intenção lá é sair bem, se não for pra não sair bem que fique lá dentro. Eu acredito que hoje continua assim, se a pessoa não sentir bem dentro dos quatro meses que ela ficar lá eu creio que se ele conversar é melhor ele ficar do que sair e ter uma recaída.

E4: Quando concretiza os 6 meses você recebe alta automático.

E5: Tive alta

E6: Recebi alta

E7: Alta

E8: Recebi alta

E9: Recebi alta.

Pós-tratamento

13. Desde que saiu do tratamento, você já fez uso de álcool e ou outras drogas?

E1: Depois que eu saí do tratamento, usei.

E2: Não

E3: Não

E4: Não, não, graças a Deus!

E5: Entre os tratamentos, sim. Depois do último tratamento não.

E6: De álcool.

E7: Não

E8: Não

E9: Desde 2010, não. Teve 1 recaída entre 2006 e 2010.

14. Está fazendo algum tratamento médico atualmente, para auxiliar na recuperação?

E1: Não.

E2: Não, nem tomo remédio não.

E3: Não.

E4: Não.

E5: Não

E6: Não, tomei um tempo quando eu sai, eu tomei, mais um mês ou dois meses, eu tomei remédio para me acalmar.

E7: Sim, tratamento psiquiátrico na Vila Verde, um tratamento de depressão, porque como te contei foram perdas significativas que mexeram muito com meu emocional.

E8: Não

E9: Não.

15. Está fazendo outro tratamento/acompanhamento, para auxiliar na recuperação?

E1: Não.

E2: Psicólogo

E3: Não.

E4: Não.

E5: Não

E6: Não, por enquanto não, mas só sigo o que eu aprendi.

E7: Acompanhamento psicológico, particular, com a psicóloga do centro de recuperação.

E8: Não

E9: Não.

16. Como está sua relação com a droga utilizada anteriormente?

E1: 10%, ainda tenho, ainda de vez em quando igual te falo, não tenho aquela intimidade que eu tinha. De zero a dez vontade de estar usando é 5, tá no meio.

E2: Eu aí, graças a Deus, tá tranquilo. Mas a palavra de Deus diz: fugi da aparência do mal.. a aparência é pior do que o próprio mal, né?

E3: Tranquilo

E4: É tranquilo, não, eu não sofro tentações nenhuma nessa área, nenhuma, nenhuma, nenhuma vontade. Assim, já aconteceu em situações assim esporádicas, rara, eu vejo uma galera, tinha uma galera no maior solão bebendo uma cerveja deu vontade, deu vontade de beber uma cerveja, deu ali, mas ah, não é pra mim mais não, acabou. É assim automático, mas não tive mais problema nenhum com questões de drogas.

E5: Pra mim é um lixo, hoje eu sei que é um lixo, não interfere em nada.

E6: Detesto, nem chego perto. Não gosto, tomei nojo, nojo mesmo. Eu tenho raiva, porque eu vejo tudo que ele fez comigo.

E7: Eu sei que eu não quero, mas eu não posso te dizer que não vem aquele pensamento de querer usar e tal.

E8: Não sinto falta

E9: Graças a Deus eu não, se tem uma área que eu já tô assim cauterizado mesmo, que já está tranquilo, cicatrizado é a droga. Tanto que eu te falei que eu moro num foco de droga. E, nessa questão é bem tranquilo.

17. Quais tem sido os maiores desafios?

E1: Buscar igreja, buscar ficar realmente focado de novo num ministério, enquanto eu não focar... Pra mim poder realmente estar realmente estar zero num grau eu tenho que estar focado na igreja. Mas isso o problema está sendo eu. Porque em qualquer igreja que eu vou eu tenho oportunidade.

E2: Mudança de caráter. Tipo assim, este lugar aqui é muita provação, você tem que... tem que aprender muita coisa... porque, tipo assim, muitas coisas que eu não aceitava, tem que... tá debaixo de obediência, entendeu? Disciplina, isso aí... ah que se fosse “lá fora” isso não acontecia, “lá” a gente resolvia de outra forma. Aí não, tem que engolir, entendeu? Deixar Deus trabalhar.

E3: O desafio aqui fora, ah tem várias questões, né, porque a pessoa saindo da clínica tem que se cuidar muito na parte de mulher, porque vai fácil. A mulher falar que levar ali vai embora mesmo, então é nessa parte que tem que se cuidar na parte de drogas é na parte de mulher. Tem que se cuidar muito mesmo, porque se pegar uma menina que usa pra você usar é um tapinha. É rápido, então a questão é essa você tem que vigiar muito na parte de ter relação com mulher. Tomar muito cuidado, e outra é poder evitar aquelas áreas que você não deve tá,

igual aqui embaixo, tem uma esquina aqui embaixo perto da igreja católica que só Jesus. Então quer dizer, tem que fugir da aparência do mal que ela foge de você.

E4: Não, não tenho. Porque Jesus me limpou. Não ficou vestígio nenhum.

E5: O maior desafio foi reconstruir minha vida, minhas coisas, conquistar. Coisas que eu queria e não vinha. Deus me provou muito. E o preconceito das pessoas, que acham que eu uso até hoje e por eu ter várias recaídas as pessoas não acreditam em mim. O maior desafio pra mim é o meu próximo, as pessoas, que eu vejo assim que não tem caráter. Pra mim o maior desafio é lidar com pessoa que não tem caráter.

E6: Recuperar minha família. Eu tô querendo voltar pra casa (da ex), mas a mãe dela não me topa, então não me engole. Porque ela acha que eu ainda não mudei, que eu deveria estar na igreja, todo bonitinho e que eu tivesse só com ela, que eu provasse pra eles que eu mudei, só que na minha cabeça, não é que eu tô sendo ignorante, eu não tenho que provar pra ninguém que eu mudei, eu tenho que provar pra mim mesmo e pra Deus, porque eu provando pra mim e pra Deus eles vão ver que eu mudei, só que ela acha que eu tinha que tá na igreja ou do lado dela, pra ela vê o que eu tô fazendo, entendeu. Então, tipo assim, a gente tá se vendo escondido.

E7: Me manter longe, das amizades, porque tem que se manter fora, tem que se manter longe daquelas amizades mesmo. Porque você quer que eles saiam, que eles venham fazer parte do seu mundo, mas isso é com o tempo.

E8: Não há

E9: Em relação a drogas não.

18. Que estratégias utiliza para enfrentar os problemas de saúde e as adversidades da sua vida? Se estiver infeliz, ou passando por um problema difícil, o que faz?

E1: É o trabalho, vendendo os perfumes, continuando indo na igreja. Não falo nem que é estratégia, é o principal, ir na igreja, pra mim. É ir na igreja, estar frequente na igreja, inclusive todos os dias. Hoje, pra você não estar usando crack ou outras drogas, o que de estratégia você tem usado? A minha estratégia é, primeiramente, focar igreja. Segundo, procurar ocupar o meu tempo, com trabalho, com, vendo filmes, lendo a palavra, orando. Estando em família. Mecanismos (1:22:40): A bíblia, oração e ir na igreja.

E2: Força em Deus, mesmo. Aí eu vou prum canto, fico sozinho e começo a desabafar comigo mesmo, chorar, entendeu? E também não guardar nada pra mim, entendeu? Sempre ter uma pessoa. Antes não tinha... quer dizer, eu não confia nos outros.

E3: A principal estratégia é fugir das mesmas (drogas), ficar bem longe, ficar bem longe, quando mais longe ficar melhor é. Orar a Deus, pedir muito a Deus para dar sabedoria, porque vem muito pensamento negativo né? Mas é vim dum lado e repreende do outro. É Deus na frente mesmo pra poder ajudar a gente a vencer, porque sem Deus é difícil, é muito difícil

E4: Me reconhecer em Cristo. Reconhecer quem eu sou em Cristo.

E5: Então eu, eu tenho minha fé, eu creio muito em Deus. Igual enfermidade, enfermidade... teve um dia que eu levantei da minha cama e eu tava com dor de cabeça, e tava me dando uma banbeza pra mim não ir trabalhar, aí eu ajoelhei na minha sala e daí Deus me deu uma experiência. Tive uma experiência com Deus. Ajoelhei e clamei ao Senhor, clamei pelo sangue de Jesus, falei Senhor eu não aceito essa enfermidade na minha vida, repreende, isso daqui já não me pertence mais, o senhor já levou na cruz. Eu levantei, quando eu desci na garagem que eu tirei o carro eu já tava bomzinho. Entendeu? Eu faço assim.

E6: Escuto louvores. Fico só escutando e vou lembrando de tudo que aconteceu de ruim, e de tudo que tá acontecendo de bom.

E7: Procuro suporte com a psicóloga e com os líderes da igreja.

E8:

E9: É, é ajuda da esposa, né? Igreja e orar sempre. Graças a Deus a nossa igreja é uma igreja

que trabalha, pelo fato de ser uma igreja que nasceu do centro de recuperação, é uma igreja que ajuda muito. A gente tem um suporte muito legal lá embaixo (na igreja). É lógico que minha família é um ponto mesmo de auxílio, de proteção, de refúgio, mas a igreja também tem um auxílio gigantesco nisso daí, a igreja realmente abraça e assim é Deus. Oração em cima. A gente não consegue nada sem oração, sem buscar a Deus. É um relacionamento diário com Deus.

6. Religião

Envolvimento Religioso

1. Você acredita em Deus (espírito, força superior, etc.)? Se sim, há quanto tempo?

E1: Sim. Desde criança. Agora, desde que sou gente.

E2: Sim, desde os 15 anos

E3: Sim. Desde o primeiro dia que eu passei pelas águas, eu fui pra lá quer dizer, nos primeiros como você é católico, não que eu era praticante, ia de vez em quando nas igrejas evangélicas, mas não tinha aquela convicção, é igual o pastor zé carlos fala a gente tem dois ouvido né? Pra gente ouvir, tem que ouvir primeiro para depois aproveitar o que é falado. Aí depois fui pra clínica aí pensei uma clínica evangélica vai ser complicado. Mas nada, aí teve os cultos, aí você vai acostumando, vai abrindo o coração, Deus bate na portinha, tem que abrir pra ele poder entrar se não abrir não adianta porque a força ele não vai entrar mesmo. Aí com o tempo eu passei pelas águas, praticamente de 2010 pra cá mesmo.

E4: Sim. Não, não é que, eu sempre soube que tinha um Deus, mas eu nunca consegui acreditar no Deus que as pessoas me passavam, que elas não tinha nada haver com esse Deus. Eu sempre acreditei que existia um Deus, mas eu preferi o capeta mesmo, porque o pessoal que vinha falar de Deus pra mim, eu olhava pra vida deles, e via que não tinha nada haver com Deus. Como que eu ia aceitar minha mãe e meu pai, que era um traficante, isso tudo vir falar de Deus pra mim se eles matavam pessoas. Como que eu ia aceitar meu tio, que era um pai de santo, que quando assim, os contatos que eu tinha a respeito de Deus, ele ia lá falar de Deus pra mim... e fumava, bebia, me soprava fumaça, jogava as coisas ni mim, eu falava isso aqui não tem nada haver com Deus não, mandava eu ir em cemitério, em mata, eu falava rapaz isso não tem nada haver com Deus. Eu não consegui ver Deus, eu não consegui entender esse Deus tão bom que eles falavam. Aí quando eu entrei na clínica eu me abri pra poder acreditar, tem 3 anos.

E5: Em todo o tempo, em todo o momento. Desde pequeno. Meu pai e minha mãe sempre me ensinou a acreditar em Deus.

E6: Muito, nossa é minha vida, Deus é tudo pra mim. Sempre, eu sempre fui temente a Deus, mas eu nunca, tipo assim, depoisitei toda minha fé. Hoje eu falo pra você que minha força vem de Deus. Porque se eu tô aqui agora é porque Deus quer.

E7: Sim, sempre acreditei. Eu usava drogas trancado dentro do quarto escutando louvor e pedindo a Deus pra sair dessa.

E8: Sim, sempre

E9: Muito. Então, eu assim, acreditar em Deus eu sempre acreditei. Acreditar em Deus eu sempre acreditei. Mas eu ter um relacionamento com Deus eu tive quando eu pasei por aqui em 2006. Que foi quando eu vi que Deus existia mesmo. Uma coisa é eu ouvir falar de alguém, mas quando eu me internei aqui em 2006 eu conheci esse Deus. Ah Eduardo mas você então se afastou, sim eu me afastei, tive um período ruim da minha vida e tal e me afastei, tive uma recaída, mas eu não deixei de acreditar, né? E hoje em dia eu creio mais nele ainda, eu creio mais ainda, porque eu sei que se por algum motivo eu me afastar dele eu recaio.

2. O que é, para você, a religião?

E1: A religião é algo que pode ser... A religião na verdade é algo que prioriza o teu lado espiritual. Entendeu? todo mundo tem uma religião, todo mundo tem esse lado, acredita em um lado espiritual. Mesmo quem é ateu, acredita em algo, acredita nesse, ah, o ateu a religião dele é ateu. Não deixa de ser. Agora, se acredita em Deus, eu não sei, mas ele acredita em outro Deus.

E2: Uma crença, crer em algo

E3: Religião é só um nome, uma denominação. Eu creio mesmo é em Jesus Cristo

E4: Religião é religar a Deus, mas não, religiosidade mata, atrapalha, tem que tomar cuidado. Religiosidade não é bom. Religião é religamento do homem a Deus.

E5: Religião pra mim é quando as pessoas se reune né, através da reza, sabe? E buscando, buscando uma coisa que, como é que eu vou te explicar. Religião pra mim é as pessoas que ajuda as pessoas próximo através de caridade, de doação.

E6: Tudo. Tudo, sempre. Já vivi um pouquinho de cada coisa e hoje quero viver só Deus, quero viver mais nada não.

E7: é uma coisa metódica, é isso.

E8: Algo importante para o ser humano, não importando qual

E9: Vou te falar uma coisa, é, é, é um... Se você me perguntar que religião que eu sou eu não vou falar que sou evangélico não, vou te falar que eu sou cristão. Pra mim religião é sinônimo de discórdia. Religião pra mim sabe, eu creio que Deus, Jesus, eles devem ficar tão triste por haver tantas religiões e tal. É muita discórdia. Se o povo parasse de ser religioso, largasse a religiosidade de lado, sabe e começasse a viver Jesus realmente. Infelizmente, é, é... a gente vê tanto isso né?

3. E espiritualidade?

E1: A espiritualidade é algo que... Pra mim que... (longa pausa) que move na, além da alma. Porque tem, eu aprendo o seguinte, corpo, alma e espírito. A espiritualidade vem a ser o seguinte pra mim, algo que... Poderosa que ajuda.... O ser.... A combater as suas dificuldades.

E2: Paz interior

E3: Um agora você me pegou, porque tem certas coisas dentro da igreja que eu tô iniciando então eu não sei responder.

E4: Viver a palavra de Deus, viver o que está escrito na Bíblia.

E5: É a pessoa que ela busca o poder do Espírito Santo, o poder de Deus, ela faz a vontade de Deus, ela adora a Deus. Totalmente diferente, sabe, é uma pessoa aliançada com Deus.

E6: É uma intimidade com Deus. É uma forma de Deus falar mesmo com a gente.

E7: é uma crença, é crer que Jesus nasceu, morreu e ressuscitou por mim, pelos meus pecados e hoje eu vivo por ele.

E8: É algo que só a gente vê

E9: Ah, ser espiritual pra mim, sabe? É eu reconhecer que, que assim, como é que eu posso te dizer, é eu reconhecer que eu não sou autossuficiente. Cê entende? A espiritualidade pra mim é eu buscar Jesus todo dia e tal e eu reconhecer que sem Jesus, sem buscar esse relacionamento todos os dias, sabe? eu não consigo, sabe... Dependência! Eu deixei de ser um dependente químico para ser um dependente de Jesus. Eu parei de viver em função da droga, pra viver em função de Jesus.

4. Você se considera religioso? Sempre foi?

E1: Eu me considero religioso sim, um cristão. Sempre fui, desde quando eu fui católico.

E2: Creio mas não com fanatismo, entendeu?

E3: Desde que saí da clínica.

E4: Sim. A partir do dia que eu, a partir da minha permanência na clínica.

E5: Ele se considera espiritual, foi depois da última internação. (Não se considera religioso por entender a religiosidade no sentido pejorativo)

E6: Sim. Não, porque tive um momento de ser ateu, quando eu *tava* no crack.

E7: Sim. Do Resgatando Vidas pra cá eu tive muitas experiências com Deus, muitas. E8: Sim, desde o tratamento E9: Sim. Não, eu não tinha contato nenhum, começou aqui.
5. Com relação à sua religião/doutrina/seita/crença, você se considera... E1: Evangélico E2: Evangélico E3: Evangélico E4: Evangélico E5: Evangélico E6: Evangélico E7: Evangélico E8: Evangélico E9: Cristão (Evangélico)
6. Com relação à religião/doutrina/seita/crença, você considera sua família... E1: Católica E2: Católicos E3: Católica E4: Evangélico (esposa e filho). E5: Evangélico (esposa e filho), uma irmã é espírita, e os demais não tem religião. E6: Irmãos: Evangélicos; mãe: é e não é (evangélica) E7: Evangélicos E8: Católica E9: Mãe e um irmão e esposa: evangélicos; Outro irmão: espírita.
7. Você, alguma vez na vida, já mudou de religião/crença/doutrina? Se sim, mudou por quê? Quando? De qual para qual? E1: Sim. Da católica para a evangélica. Aos 20 anos de idade (2004). Porque eu vi que realmente a igreja evangélica é a que mais prega a palavra de Deus. Eu recebi convites várias vezes pra <i>tá</i> conhecendo, mas eu nunca fui. A sara (nossa terra) era aqui na batista de oliveira. Teve um dia que eu <i>tava</i> voltando da praça Antônio Carlos de uma festa, meio ruim, <i>tá</i>, pum, passei em frente (em frente a igreja) Deus, aí, por isso que eu acredito na espiritualidade, algo me tocou, que eu creio que foi o espírito santo de Deus pra poder entrar e de lá pra lá, dos meus 20 aos 27 anos firme. E2: Sim. Bom, vou falar pra você a verdade, eu cria em tudo, sei lá, não sei se eu era católico, não. 2011, batizou-se. E3: Não considera uma mudança, apesar de ser de família católica, não frequentava. Então passou a frequentar a igreja evangélica a partir das células com o irmão Joaquim e sempre achou muito bom. Se tornou evangélico, assumiu, por achar "muito bom!". E4: Não, porque eu fui batizado porque eles me batizaram mas não foi uma escolha própria. Eu fui uma vez ou outra na missa. E5: Sim. Quando morei no Rio, fui morar na casa de uma tia minha, segui de aventura o umbandismo, eles tinham altar, essas coisas dentro da casa deles. Mas só frequentei lá mesmo. E6: Católico, Macumbeiro. Porque Deus foi tudo na minha vida. As outras só me arrumou mais dor de cabeça, só problema. E7: Não E8: Sim, porque acredito que é a que está mais próximo da bíblia. E9: Sim. Em 2006. Ah pelo fato de eu conhecer a verdade. Foi como se uma escama tivesse caído dos meus olhos, tudo que eu aprendi desde pequeno e tal, quando eu comecei a ler a bíblia e interpretar. A bíblia diz que o povo perece por falta de conhecimento.
8. Você teve educação religiosa na infância?

E1: Sim. Fui crismado. E2: Sim, fiz primeira comunhão. E3: Não E4: Não E5: Tive, da minha mãe, todo domingo ia na Escola Dominical E6: Sim, eu ia na Escola Dominical da Maranata, que a vizinha levava. E catecismo. Mas abandonei tudo. E7: Sim. Escola Bíblica Dominical. E8: Sim, fiz catecismo E9: Não tive, eu ia porque minha mãe ia muito em missa e tal.
9. Você frequenta a igreja? Como e quando começou a frequentar? E1: Sim. E2: Sim, evangélica. A primeira que eu fui, foi até, o Alexandre, irmão da Claudia que me chamou a primeira vez. Isso aí eu acho que foi no finalzinho de 1999, igreja batista, mas só que eu não continuei indo, não. Entendeu? E3: Sim, começou a frequentar em 2010. E4: Sim, há 3 anos E5: Eu moro aqui dentro da igreja, desde que eu saí do centro de recuperação. E6: Sim E7: Sim. Depois do Resgatando Vidas. E8: Sim, desde o tratamento. E9: Sim, desde 2006.
10. Com que frequência você vai à igreja? E1: Hoje, então, eu estava indo todos os dias antes do carnaval. Todos os cultos, inclusive escola de líder, célula. No período de carnaval tive uma recaída. (ou seja, não está há 40 dias limpo) E2: Ah agora eu vou... Terça e quinta e vou lá embaixo, segunda, escola de líderes, quarta é célula, sexta eu vou aqui, sábado eu vou lá embaixo e domingo eu vou aqui em cima. Todos os dias. E3: Todo domingo, durante a semana ele trabalha até tarde. E4: Quase todos os dias. E5: Todo dia eu tô aqui, menos no sábado, que eu viajo pra trabalhar. E6: Depois que eu fui pro sítio. Ao menos duas vezes na semana. Tem que ir porque não dá pra ficar longe. E7: Hoje, todas as reuniões. E8: 1 vez por semana, pois trabalho a noite E9: No mínimo quatro dias por semana.
11. Independentemente de você frequentar ou não encontros de natureza religiosa, quão importante é a religião para você hoje? E1: Muito importante E2: Importante E3: Muito importante E4: Muito importante E5: Muito importante E6: Muito importante E7: Muito importante E8: Muito importante E9: Muito importante
12. O que é bem-estar para você? E1: Bem-estar? boa pergunta.... Bem estar é você estar bem com a sua vida. Saúde,

financeiramente, nem financeiramente. Bem estar pra mim é você não estar preocupado em nada. Dormir bem e acordar bem. Bem estar pra mim é isso, você acordar sabendo que você tem os seus compromissos a fazer e chegar do seu compromisso dormir de cabeça erguida. É você saber que você não tem algo que você vai se preocupar, que possa te preocupar.

Entendeu? por exemplo, bem estar pra mim, saúde, espiritualidade.

E2: Sentir bem comigo mesmo, entendeu?

E3: Bem estar é do jeito que eu estou hoje, livre sem drogas, sem álcool, sem nada. Ah é muito bom.

E4: A paz de Cristo é meu bem estar.

E5: Bem estar pra mim é você tá andando, sabe como é que é, com o Espírito Santo. Você *tando* com o Espírito Santo é um bem estar, que aí nada de aborrece, entendeu? você não fica preocupado com nada. Bem estar pra mim é o Espírito Santo de Deus dentro da pessoa.

E6: Deus, minha felicidade, porque não adianta. Se eu tiver sem Deus eu não tenho nada.

E7: Bem estar a palavra diz é estar bem né? Estar feliz, mesmo que com dificuldades, não há nada fácil. Hoje a gente tem que lutar, Jesus nos prometeu a vitória, mas ele não prometeu que não teremos luta.

E8: É estar realizado

E9: Ah pra mim, vou ser muito sincero pra você, bem estar pra mim é poder acordar, saber que eu tenho um emprego, sabe? Saber que hoje eu tenho responsabilidade. É eu fico imaginando, sabe? Muitas vezes eu até falo com os meninos aqui, quantas vezes eu não tinha paz pra dormir porque devia um, devia outro. Hoje eu coloco a minha cabeça no travesseiro pra dormir tranquilo. Sabe aquele negócio que você anda com sua cabeça erguida, porque você sabe que ninguém pode te apontar nada. Sabe o dependente químico tem muito daquilo de sabe? As pessoas estarem olhando pra ele, tá fazendo comentário dele e tal. Hoje eu ando com minha cabeça erguida. Não devo nada a ninguém. Eu pago as minhas contas, eu tenho minha casa, eu tenho minha esposa, tenho meu emprego, tenho meu ministério, eu sou reconhecido, tenho Jesus na minha vida, minha família toda do meu lado. Isso é bem estar.

13. A religião te proporciona bem-estar? Como?

E1: Sim. A religião contribui pro meu bem estar porque eu vejo verdadeiros amigos. A amizade é algo que contribui pro bem estar também. Por isso que eu vi algo na igreja evangélica, que te proporciona bem estar porque ali tem pessoas que... Aparentemente são verdadeiras, porque buscam o mesmo objetivo que você que está andando com Deus... É andar, seguir a Deus... Você ser irmãos, família, não é atoa que igreja a gente fala família. Às vezes dentro da religião você procura algo que dentro da tua casa você não procura, você comenta algo dentro da igreja que na, na família você não, não, você... E você conversando com Deus é maravilhoso. Quando você se abre com Deus é algo que, faz você se emocionar. E quem é realmente sensível, às vezes quando eu estou bem com Deus eu escuto, eu sinto esse bem estar.

E2: Muitas das vezes, o ambiente, as pessoas em volta, certas amizades verdadeiras.

E3: Com certeza. Ajuda porque o seguinte. Eu não vou entristecer o coração do meu Deus né e fazer coisa errada, então é fazer só coisa certa. Não vou dizer que eu sou perfeito, porque tenho minhas falhas é lógico. Mas entristecer o coração do meu Deus é o que me preocupa a cada ar que eu respiro, não deixar ele aborrecido comigo, triste comigo.

E4: Aham. Como eu percebo? As atitudes, as novas atitudes né?

E5: Sim.

E6: Proporciona muito, nossa! Porque se eu tivesse sem religião agora eu *tava* enrolado, porque se não fosse o conhecimento que eu tive lá dentro eu não tinha aprendido agora. Porque ensina a gente a gostar do próximo, então se eu não tivesse aprendido isso, hoje eu *taria* sendo a mesma pessoa, não ia resolver.

E7: Sim. Pela fé. Pela fé eu posso clamar e saber que Jesus ele me ouve, pela fé eu posso, é,

acreditar no impossível, lutar contra a esperança, porque foi o que eu fiz, quando eu me vi, sem o meu pai, sem minha mãe, eu já não tinha mais esperança, mas eu lutei contra ela e eu tenho vencido a cada dia, Cada dia é um passo.

E8: Sim, ajudando a esperar o momento certo das coisas.

E9: Com certeza. Com certeza. Ah, a bíblia fala o seguinte, Jesus falou em certa ocasião o seguinte "e deixo-vos a paz, a minha paz eu vos dou e não vos dou como o mundo a dá", eu citei sobre religião quando você me perguntou e eu falei ah religião é discórdia e tal, porque pra mim não deveria existir tantas religiões, mas a religião pra mim hoje, sabe, foi o que me trouxe uma autoestima, reconhecimento dentro do trabalho desenvolvido.

14. Numa escala de 0 a 10, quanto bem-estar você retira da sua religiosidade? Por que não escolheu o número imediatamente abaixo/acima?

E1: Quanto bem estar? 8. Porque que eu não escolhi 9? o oito é um, é um número muito bom, é um numero de aprovação muito importante. Eu aprendi que em tudo na vida a aprovação tem que ser assim, a média é ser sempre 8, pra mim, na escola...o sete seria bom, mas não seria importante e o nove é muito, muito bom e nem tudo é excelente. Entendeu? porque tem problemas dentro da igreja, não tem como colocar 10. Deus é 10. Religião não.

E2: 8.5. Porque se for olhar, dentro da igreja mesmo, esse negócio de religião, tem uns pastor que dão mal testemunho, tem umas pessoas que falam mal de outras, se for olhar isso pode abaixar pra oito

E3: 10. Porque a palavra certa que me veio é 10.

E4: 10. Por que que não é 9? Porque Jesus me completa por inteiro.

E5: 10. Porque é 10, Deus é o primeiro lugar, não pode ser 9.

E6: 10. Ah, porque é tudo!

E7: Eu não sei te dizer, mas eu colocaria 10, porque (pausa) a religião, igreja, é anda juntos, então é 10, mas todo lugar que a gente vai tem problemas e inclusive a igreja é tido assim como hospital, né? Porque Jesus mesmo ele não veio pros que eram são, ele veio pros doentes. Então se hoje eu não tivesse uma religião, se eu não tivesse uma igreja, um povo pra conversar e tá junto, andando, caminhando juntos, eu acredito que eu não *taria* aqui. Eu poderia ter voltado praquela vida, mas a religiosidade que tem sustentado a minha vida.

E8: 9, porque é.

E9: Ah vou te falar que 10. Ah (risos) porque Jesus ele é perfeito (gargalhada). Sabe, a bíblia diz que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, se eu amo a Deus tudo coopera para o meu bem. E a bíblia diz que aquilo que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, aquilo que não subiu ao coração do homem é o que Deus tem preparado para aqueles que o amam, então o que Deus já tem feito na minha vida e o que ele vai fazer, tudo na minha vida é dependência de Deus. Eu não vivo mais sem Jesus não. Se eu casei é porque Deus enviou uma mulher pra mim casar, porque eu não tinha perspectiva nenhuma disso. Se hoje eu *tô* aqui trabalhando é porque Deus abriu essa porta, tudo na minha vida gira em torno de Deus, não tem como dar nota menor não.

15. Pensa muitas vezes em Deus ao longo do dia? Quando? Como se sente?

E1: Sempre. Eu acordo com Deus, uso se bobear até drogas, várias vezes já usie drogas me arrependendo com Deus, inclusive vários momentos da minha vida o espirito santo me, me orientou a não fazer aquilo. Como eu me sinto? eu me sinto praticamente livre, leve, me sinto livre, livre porque eu me sinto bem, quando eu *tô* pensando em Deus, cara, eu me sinto bem. (...) É por isso que eu falo, minha vida tem que ser Deus, minha vida tem que ser realmente Deus, focar Deus. E, e isso, nem tudo, por isso quando eu *tava* na clínica, na clínica me proporcionava porque, era só Deus, acordava orando, almoçava orando, estudo orando, era é... É... No caso... É... Cultos de manhã, cultos a noite, devocionais, sabe? os próprios terapeutas, os próprios psicólogos, tudo era Deus. Mas mesmo estando lá dentro da clínica você recaiu, o que você acha que contribuiu para ter essa recaída? Boa pergunta, o fato que

eu cai, foi o fato, pra mim horrível, o que me contribuiu foi o seguinte (pausa) como eu posso explicar, tá. Foi um domingo depois da minha visita, eu estava tendo um dia maravilhoso, bem, lógico que o que me fez cair foi a sobrecarga, foi a sobrecarga das vezes, do meu compromisso lá dentro. O que fez eu cair foi realmente uma pessoa, vamos por no lado espiritual, foi que satanás colocou uma pessoa num momento inadequado ali, eu saindo da clínica, o Joaquim me deixou aqui no Granbery eu subindo aqui no Santos Dumont eu encontrei com uma pessoa que eu não via há anos atrás comecei a conversar, conversar, conversar, e eu com dinheiro no bolso. O que me fez cair realmente foi a oportunidade e essa pessoa. Foi o momento de encontrar essa pessoa foi o que me fez recair. Aí foi o pior dia, eu te falo foi o pior momento de toda a minha vida. Porque, eu te falo que foi até mesmo pior do que no primeiro dia que eu usei droga. Até antes de internar, porque foi algo pra mim decepcionante, foi meu compromisso pela, pelo status que eu tinha dentro da igreja, pela namorada que eu tinha, mesmo sendo pouco tempo mas era uma pessoa que eu *tava* gostando e ela gostando de mim, só que ela já tinha falado comigo que ela não suportaria o peso de vir uma queda. Ela poderia suportar até o peso de uma traição, mas de, de uma queda, de uma recaída não.

E2: Penso, se não fosse ele eu não *tava* aqui não. Tem que ser do amanhecer até o anoitecer. Vou falar a verdade, se deixasse... porque tem muita das vezes assim, que a gente é muito ingrato com Deus, né?

E3: Com certeza, desde a hora que a gente levanta até a hora de a gente deixar.

E4: Ah é muito bom, porque tem hora que a gente tá um pouco angustiado né, aí a gente vai orar, vai conversar com Deus, aí volta tudo normal, as águas que estava agitadas se acalma, ah é uma beleza, muito bom.

E5: Toda hora, em todo o tempo sabe, tem hora que, mesmo eu *tando* alegre, eu sei que é ele. Eu olho para o céu e começo a chorar, porque eu sei que é Ele. Eu me sinto *maravilhosíssimamente* bem. Bem mesmo, de coração.

E6: Sim, todos os momentos, pra não desviar os pensamentos. Me sinto bem.

E7: Sim, toda hora. Pedrita, sinceridade, eu... Jesus é meu foco é minha visão, eu tenho que tá focado nele, se eu desviar pra lá, pode ter certeza que eu caio. A psicóloga fala que não tem como eu andar pra frente olhando pra trás, então se o meu foco é lá, é lá que eu tenho que olhar.

E8: Sim, bem.

E9: Penso. Deus foi tão generoso comigo que o meu serviço é pregar a palavra de Deus. Aqui eu falo do amor de Deus o dia inteiro. Eu me sinto muito bem, me sinto muito bem.

16. A sua crença em Deus é mais forte nos bons momentos, nos maus momentos ou ela nunca se altera? A sua crença em Deus é mais forte nos bons momentos, ou nos momentos de dificuldade.

E1: Isso é pra todas, eu creio que isso são pra todas as pessoas. A, o momento, tem, tem vezes que a pessoa tem um problema em si, isso *tô* falando por mim, ela vem a ser ondulatória, sendo que a ondulação não é importante na nossa vida, mas isso vale para todas as pessoas, muitas pessoas que eu conheço tá dentro de uma igreja quando vem um problema em si elas enfraquecem, em vez de elas se aumentar e buscar realmente algo mais em Deus, elas automaticamente se deixa se levar. A minha crença em Deus é mais forte nos bons momentos, mas sempre crendo em Deus. Sempre crendo que Deus vai me colocar, num *num* na fé inabalável.

E2: Independente do momento que eu tiver passando, não vou deixar de crer, não. Se isto tá acontecendo é porque ele tá permitindo, né?

E3: Ah tem hora que agente questiona, né? Pela minha esposa não voltar eu pergunto a Deus porque? A sua crença em Deus é mais forte nos bons momentos, ou nos momentos de dificuldade? Quando está passando por dificuldade.

E4: Constante.

E5: Não, até que passando por um problema interfere um pouco sabe, vem uma *voizinha* no cantinho do meu ouvido pra tentar me enfraquecer, mas eu sempre supero isso tudo sabe. Depois de um longo tempo que eu passo pela aquela situação, entendeu? E as coisas começam a funcionar, dar certo de novo, aí aquilo cresce de novo em mim. Nos bons momentos é evidente que você não sente aquela falta de Deus, mas quando você tá passando por uma situação mais difícil, você as vezes se apegas mais. Mais não enfraquece na crença de crer.

E6: Não, nos momentos mais difíceis eu fico mais apegado a Deus, porque quando a gente tá sofrendo, a gente se humilha sabe. A gente fala poxa meu Deus, como é que eu vou fazer pra mim consegui. Quando você tá apertado você jejua todo o dia. Se você tá precisando você jejua a semana inteira, se tá tudo bem, você jejua na segunda e olhe lá.

E7: Ela é forte independente da situação, mas nos maus momentos, é aquele ditado que Paulo diz, que quando sou fraco então é que sou forte, porque a gente se aproxima mais de Deus.

E8: A gente busca mais nos mais momentos, né?

E9: Então, o ser humano ele tem a tendência de quando tá tudo bem, tá tudo bem. Sabe? O ser humano ele é assim. Tem dias sabe que a gente não tá tão bem, tem dias que eu não busco tanto, que eu não leio tanto quanto nos outros. Isso é normal. E... Mas eu tento conciliar, eu tenho assim, é... buscar a Deus a gente sabe que num, num, nada na nossa vida vai ser um mar de rosa não. Vai ter momento, como eu já tive, pode ser que eu não caia na droga, mas eu tenho áreas na vida a trabalhar como qualquer ser humano. É muito fácil eu crer em Deus quando tá tudo caminhando... Quando as tempestades começam a vim, aí que você mostra em quem você crê mesmo. Se você tem uma fé oscilante, ou se você tem uma fé inabalável.

17. Quando você está passando por algum problema/dificuldade, com que frequência procura conforto religioso (rezar, ir a igreja, procurar alguém da comunidade religiosa)?

E1: Sempre. Sempre. O jejuar não. Naquela parte de espiritualidade forte, jejum, você se consagrar mesmo, sabe? Você deixar, o jejum não. Oração sim. Não, né não, como quando eu estou forte, quando eu estou forte realmente, eu forte espiritualmente, quando eu estou bem mesmo, eu jejuo, vou em monte, faço tudo, mas quando eu estou neste período meu de enfraquecimento, nesse período de crescimento novamente, eu não, sendo que é muito importante você estar fazendo isso.

E2: Aí já é a busca maior, né? Quando você tá tranquilo, assim, parece que relaxa um pouquinho. Na hora que você vê que tá apertado aí que... Mas tem que ser constante...

E3: Sempre, sempre! É que agente tem um hábito, não são todas as pessoas, eu tiro por mim, que é só na hora da angústia, na hora que está passando por tribulação é que *cê* vai socorrer o colinho do papai. Se tiver tudo bem tem que agradecer também, mas quando tá tudo bem a pessoa esquece. Mas ah começa a vir um vendaval de lá pra cá e começa aquele desespero.

E4: Em todo o tempo. Com problema ou sem problema é todo o tempo. Isso é o que me mantém de pé!

E5: Sempre.

E6: Todo o momento. Ponho minha cabeça em Deus porque se eu não colocar eu fico doido. Eu fico muito nervoso.

E7: Eu ligo pra psicóloga.

E8: Sempre

E9: O primeiro ponto de apoio meu é a oração, mas a gente precisa de alguém também pra conversar e eu tenho pessoas, pastores e líderes meus que Deus preparou pra eu me abrir, pra buscar orientação. Graças a Deus eu tenho esse suporte.

18. Numa escala de 0 a 10, quão importante é rezar ou ir à igreja quando você está passando por algum problema/dificuldade?

E1: Aí eu te falo que é 10. Porque é muito importante estar indo na igreja. Rezar ou orar: 10!

Porque Deus é perfeito. tô dando 10 porque ele é perfeito.

E2: Igreja: 10. Estar sempre buscando, para não dar brecha, estar na casa de Deus buscando é melhor do que estar em outro caminho correndo risco de ser alvo. Rezar: Nossa aí é 10.

Muita oração, muito poder.

E3: Orar: 10. Ir a igreja: 10 também

E4: Orar: 10 / Ir a igreja: 10

E5: Rezar: Em todo o tempo, sempre, 10. Estar na igreja, 10. Porque quando eu entro portão pra dentro da igreja, tudo que tá lá fora eu deixo lá fora, aqui dentro já é diferente. Eu *tando* aqui dentro Deus me renova e quando eu chego lá fora eu supero tudo que *tá* me atrasando.

E6: 10; Ah porque se não você fica fraco e aí já era, você cai.

E7: A, numa escala de 0 a 10, você tem que ir. É 10.

E8: 10

E9: A pra mim a oração é 10. Não tem, a oração é a chave. Ir a igreja eu creio que é 10 também. Eu sei que o espírito santo habita em mim, que eu sou templo, mas na igreja você tem o suporte. As pessoas que te conhecem sabe que você não tá bem. Graças a Deus eu tenho um grupo de amigos mesmo que se preocupam, só de olhar pra gente eles sabem se a gente tá bem ou não.

19. Em que a religião o ajuda?

E1: Ah, em que que a religião me ajuda, a religião me ajuda, ela me ajuda na motivação em tudo, na motivação no trabalho, a religião me ajuda a conviver com pessoas diferentes, a religião me ajuda... A ser um... A ser realmente verdadeiro. A religião me ajuda a cada vez mais prosseguir... No meu objetivo que é estar com Deus... A religião me ajuda a sonhar... E a religião me ajuda que realmente um dia eu vou realmente conseguir meu algo, dentro do meu ministério, ser realmente o que eu quero ser que é um evangelista. De missão.

E2: Me faz sentir capaz. É porque antes eu tinha complexo de inferioridade, entendeu? Isso aí, graças a Deus, acabou.

E3: Me ajuda em tudo. Em tudo que a pessoa precisar, ela ajuda. É muito importante. Eu fico com um pouco de pena da pessoa *discrê*, não crer assim num Deus que é vivo e que você pode contar com ele pra tudo. Nas horas boas, nas horas ruins. E tem gente que ainda não crê em nada.

E4: Em tudo, no meu trabalho, na minha convivência com minha família, com meus amigos, em tudo.

E5: Em tudo. Aconselhamento é, é bem estar sabe? A igreja pra mim, igual eu te falei, igual aos irmãos ali, a gente *tava* reunido fazendo um lanche antes.

E6: Em tudo, porque se você não tem religião você não tem uma vida, se você não tem uma vida, você não tem nada. Entendeu, porque no momento que eu não tinha religião, como é que eu viviam. Hoje eu tenho uma e olha como é que eu tô. Então é tudo.

E7: Jesus, aquele que é o autor e consumidor da minha fé. Ela me ajuda a resolver.

E8:

E9: Ela é a coluna que tem me mantido de pé. As pessoas falam que Jesus é a rocha, pra mim ele é a rocha, ele é a coluna, ele é sustento, minha casa, minha cobertura, ele é meu mantimento. Jesus pra mim é a coluna, é a base da minha vida.

Apoio social

20. Acha que Deus ouve as suas preces? Tem alguma situação de vida em que sentiu isso muito fortemente?

E1: Com certeza. Sim eu sempre creio que Deus escutou, mas nem sempre Deus vai fazer o que você quer, mas ele sempre te escuta. Teve, teve momentos que Deus me respondeu várias vezes, te falo que, te falo que, que teve vezes que eu chegando de orar, orar e orar e no mesmo dia as situações ou teve situações que aconteceu.

E2: Ah muitas das vezes. Uma resposta imediata aí foi pedir a ele, e ninguém sabia, eu queria voltar pra aqui, só que eu tinha uma coisa comigo mesmo de... Ah não tu não volta pra lá mais que não sei o que. Porque na verdade e achei que não podia voltar mais não. Aí eu *tava* orando a Deus se tivesse como voltar pra lá, que era pra mim voltar, aí sem eu saber de nada, o Alexandre falou quer voltar pra Juiz de Fora, que eu *tô* indo embora amanhã. E também esse emprego que eu pedi a ele, entendeu. Que na verdade o pastor tinha arrumado um serviço pra mim lá fora, e eu orei contra a vontade do pastor pra me arrumar um serviço lá dentro e graças a Deus eu arrumei um serviço lá dentro.

E3: Eu penso que sim. Ah na última, tem um mês. Meu filho foi preso. O que eu orei em frente aquele Santa Terezinha. De lá pra cá eu fiquei orando uns 40 minutos, vai e volta orando, aí eu senti a presença de Deus muito importante na minha vida. Portanto ele foi, mas foi na sexta de manhã e na segunda-feira ele já estava em casa já. Na hora que eu cheguei eu falei é, é muito importante ter Deus na vida da gente, orar e pedir ele com fé mesmo. Acho que eu não tinha sentido a presença de Deus tanto igual eu senti naquele dia não. Mas na hora do aperto, né?

E4: Tenho certeza. Vou falar, vou contar um casinho. Uma vez na escola de líderes o pastor falou assim pra gente poder por 6 pessoas em oração durante 30 dias pra que e depois convidar essas pessoas para vir a igreja, que... a gente ia ter resultado da conversão dessas pessoas, e, e eu pensei no meu pai na hora, só que ele não *tava* aqui, *tava* em São Paulo. Aí que que acontece, eu, aí fui e falei não dá porque ele tá em São Paulo porque tinha que orar por aquela pessoa e depois ir convidar pra vir na igreja, aí na hora que eu *tava* pensando nisso o pastor falou assim mas se ela não mora aqui você pode orar que Deus vai enviar alguém lá próximo e essa pessoa vai ser convidado pra ir a igreja aí eu fui e fiz isso, 30 dias de oração toda madrugada, assim, eu não senti Deus próximo, mas eu senti a oração respondida, sabe, com *com* muita eficácia. Aí eu fui e orei esses 30 dias, e passou poucos dias depois desse tempo de oração, nesse período, não depois desse tempo, nesse período de oração começou a aparecer um monte de gente na casa do meu pai chamando ele pra igreja, pregando pra ele e tudo aí... aí sei lá o que que aconteceu lá que ele veio aparecer por aqui. Aí Deus foi e moveu pra ele *podê* tá passando pelo centro de recuperação também sabe, foi algo assim muito fantástico. E Deus, pouco tempo antes no Encontro com Deus tinha falado, Deus tinha falado claramente, em voz audível, igual a gente *tá* conversando aqui, que ia tratar com meu pai igual tratou comigo. Aí depois dessas orações, Deus moveu e ele passou pelo centro de recuperação também.

E5: Com certeza. Eu já te citei duas. Com certeza, no dia que eu fiz o encontro com Deus, eu fiz o encontro com Deus e tive face a face com ele. E eu antes de eu ir no encontro, eu fazendo faxina, lavando a igreja, eu vi o Espírito Santo lá dentro. Eu não aguentei, eu comecei, eu não sabia se eu chorava ou se eu ria. E eu olhei ali, *tava* tudo enfumaçado ali na frente. *tava* tudo branco. Eu até falei com o pastor, eu *tava* tirando umas caixas aqui de dentro. Aí, você já viu quando você tá num lugar que *cê* acha que *cê* tá que alguém *tá* te observando? Aconteceu isso comigo, eu *tava* aqui dentro, eu senti que alguém *tava* me observando, eu saí pra fora não vi ninguém, quando eu vi na parte da frente *tava* tudo branco, tudo enfumaçado e era de manhã, umas 10 horas, o tempo *tava* nublado, e a igreja estava clara. Eu olhei, falei tá tudo nublado, eu devo tá ficando maluco, voltei de novo e quando eu peguei outra caixa que eu fui colocar lá fora que eu fui olhando pro altar, eu vi um manto branco, mas quando eu cheguei na altura da cintura, eu não consegui mais, meu pescoço não ia. Muita coisa mudou dentro de mim também, depois desse dia. Muita coisa, ansiedade. Me trouxe mais humildade, mais paciência. Depois desse dia, tudo tem mudado.

E6: Com certeza. Nossa como, eu tenho provas disso. Olha já tive momentos complicados, que eu via que eu podia morrer, que ia acabar com minha vida e Deus não permitiu. E hoje em dia, por eu estar aqui.

E7: Sim. Eu posso te citar várias, mas eu vou te citar uma dentro do sítio, foi minha primeira saída, eu fui disciplinado duas vezes, então eu atrasei minha saída em um mês. Cada disciplina, são 15 dias de atraso. Então fui sair e eu ainda *tava* com medo de sair, porque tinha na minha garagem um carro que *tava* emprestado comigo e eu *tava* usando esse carro e esse carro tinha de tudo lá dentro, maconha, crack, cocaína, tudo. E eu *tava* pensando nisso. Eu pedi pro meu primo ir lá em casa dar uma lavada no carro e entregar. Mas o meu medo era na hora que eu chegasse e entrar dentro daquele carro. E foi o que aconteceu, eu abri, eu entrei dentro do carro eu encontrei tudo. Saí do carro, na hora que eu olhei pra cima eu vi uma lata e do lado da lata um isqueiro. Aí o coração disparou, eu fiquei desesperado, mas no dia que eu saí lá do sítio, que era minha saída, foi numa sexta-feira, Deus falou comigo lá na casinha de oração, lá tem um quarto vazio que a gente utiliza pra tá orando, junto com Deus e Deus falou comigo, é, acho que em Neemias (pausa) vai nessa tua força homem valente. E eu falava, Deus eu tô com medo, e Deus falou vai nessa tua força. E aí, eu encontrei isso tudo, tinha tudo pra que eu caísse, só que eu peguei a lata, pisei em cima dela, liguei pro dono do carro e falei, posso te devolver o carro do jeito que ele tá aqui, pode, eu falei tá muito sujo, tá assim, tá assado, mas posso te devolver ele, porque eu não tenho estrutura pra lavar, pode sim. e assim eu fiz. E a pessoa foi muito conscienciosa de aceitar o carro do jeito que *tava*.

E8: Sim

E9: Ah, com certeza. Com certeza. Então olha só, eu, eu. Isso eu vou falar por questão de ministério, olha só que interessante. A nossa igreja lá do centro tem um ano e dois meses que abriu e no dia que abriu a igreja, no dia da inauguração da igreja eu sentado do lado da minha esposa falei com ela, o Rose, é, vou te falar uma coisa, eu tô chegando agora nessa igreja do centro aqui, mas eu vou tá pregando nesse púlpito aí. Ela olhou pra mim assim "ah, pode deixar que você vai" e foi assim oh, de estalo. Uma semana depois o Cícero (pastor da igreja) me chamou pra pregar. E Deus foi dando um montão de coisa. Um outro ponto, quando eu fui me casar, é assim, eu e minha esposa a gente não tinha nada não. Bem interessante. E precisava casar, consertar nossa vida. A gente não tinha nada, e a gente começou a orar e tal e Deus começou a levantar gente pra dar tudo. Levantou pra dar o fogão, levantou um pra dar sofá, levantou pra dar geladeira, levantou pra ajudar no casamento. E é assim que Deus faz. Além de oração pra tio meu que tá lá agora na igreja, a minha esposa, quantas vezes orou pelo irmão e ele se converteu. Sabe? Então a gente vê Deus agindo no negócio.

21. Acredita que Deus faz milagres? Já viveu algum?

E1: Com certeza. Na verdade Deus, o milagre é uma consequência de você também, mas Deus faz milagres. Já vivi, o meu milagre, só o milagre de estar vivo já é um milagre. Eu antes mesmo de conhecer Deus, Deus já me fez um milagre, eu sou um milagre porque eu operei, tive uma operação bem grave em 84, então eu sou um milagre. Só de eu estar vivo numa complicação que eu tive de coração, então eu sou um milagre.

E2: Com certeza. Ah eu aqui. Se soubesse como eu era antes...

E3: Com certeza. Fez na minha vida e fez na vida do meu filho. Eu sou um milagre, né? Por eu estar aqui, eu me considero um milagre.

E4: Sim. Eu sou um milagre.

E5: Com certeza. Eu sou um. E eu ter casado, ninguém acreditava que eu fosse casar, ter meus filhos, até uma vizinha minha falava que meus filhos ia nascer tudo torto porque eu usei muitas drogas, meus filhos são os mais bonitos da vizinhança.

E6: Com certeza, ah eu aqui. Eu sou um milagre vivo.

E7: Oh, toda hora, eu sou um milagre.

E8: Sim, eu estar livres das drogas é um milagre.

E9: Ah, eu sou um milagre de Deus. Eu vou te falar uma coisa, eu olho no espelho todo dia e eu vejo o milagre de Deus. Milagre mesmo. A especialidade de Deus é fazer milagre.

22. Faz ou fez parte de algum grupo ligado à sua igreja ou à sua religião? Se ainda faz, com

que frequência se reúnem/encontram?

E1: Fui líder de célula, fui líder de evangelístico, dava estudo no sítio. Eu estava fazendo parte antes do carnaval, estava no datashow lá na resgatando vidas.

E2: Célula (1x), Escola de Líderes (2x), Ovelhas doida (1x)

E3: Já participou da célula (encontros nas quartas-feiras em casas de membros da igreja), atualmente não.

E4: Célula (reuniões nas quartas), Teologia (2x na semana), Ovelhas doidas (grupo jovem sábados)

E5: Sim, célula (1 vez por semana)

E6: Já fez parte da célula e escola de consolidação.

E7: Célula e fazia treinamento para líder.

E8: Não

E9: Sim. Célula, líder do grupo de Jovens.

23. A sua crença religiosa influencia a sua vida e a forma como trata os outros? Acha que acreditar em Deus o torna uma pessoa diferente? Em que sentido?

E1: Com certeza. Você, igual eu te falei, você *tando* na igreja você tem que ser seguidor como Deus, o que que Deus faria, Deus trataria aquela pessoa mal ou trataria aquela pessoa bem, Deus faria aquilo por bem ou faria aquilo por mal. Minha pergunta é sempre a seguinte o que Deus faria. O que Jesus faria, eu não ponho nem Deus, o que Jesus faria. Será que Jesus faria aquilo que você está pensando? então o Jesus na minha vida é uma pergunta e uma, é uma, é um seguir. Entendeu? então eu faço umas perguntas assim. Por isso que as vezes eu falo assim, será que Jesus usaria crack? eu faço essas perguntas pra mim e com certeza não, então, é um motivo, uma motivação de estar me dando forças pra eu poder sair. Porque Jesus não faria isso. Então te ajuda não só no relacionamento com o outro mas com você mesmo? Minha auto-estima e meu fortalecimento de querer parar. Eu só vou parar enquanto eu realmente eu focar esse objetivo, Jesus, Jesus, Deus. Realmente me envolver, como eu me envolvi dos meus 20 aos 27 anos, nada me influenciava, nada, nada, nada me influenciava, fiquei 3 anos sem ter relacionamento com uma mulher, eu fiquei, só só vivia pra pra a igreja, só vivia, enquanto eu não viver essas 7 anos, viver, voltar a viver o primeiro amor, entendeu? enquanto eu não viver meu primeiro amor novamente com Jesus, acho que isso não vai me, eu não vou, eu não vou largar a dependência química, eu tenho que voltar a viver o meu primeiro amor. A sua crença influencia totalmente a sua vida? A crença, vamos por assim, eu vou por assim Jesus. Vou por meu principal foco, meu principal foco Jesus. Se eu não viver como Jesus viveu, se eu não andar como Jesus andou, se eu não estar como, se eu não ficar na igreja, eu não me torno uma pessoa adequada para a sociedade. E nem pra mim. Se eu *tivé* na igreja me dá animo pra poder estudar, se eu *tivé* na igreja me dá animo pra poder viver, se eu *tivé* na igreja, me dá animo pra eu conversar com minha mãe. Então a igreja me influencia nisso tudo.

E2: Influencia sim, porque aí a gente tem que dar testemunho. Aí tem muita coisa que, que a gente praticava que, tem que procurar fazer diferente.

E3: Com certeza. Ah faz diferença, no linguajar da pessoa, não tem aquela giria que tinha mais. Você, vê uma, não tirando por mim, você vê uma pessoa que é evangélica até o modo de andar, o modo de se vestir é bem mais prazeroso, é bem mais lindo.

E4: Muito. Melhorei, Deus me tornou uma pessoa muito melhor né? Porque se você corresponder a palavra de Deus à altura que ela é, não tem como viver na prática que você vivia antes, você melhora, sempre melhor. Roubava, não roubo mais, traficava, não trafico mais, matava, não mato mais.

E5: Não, eu de tratamento sou a mesma coisa, sempre fui dócil assim sabe. Mas mudou muito né? Porque eu era muito de briga, hoje eu não brigo mais, né?. Já tive muitos grandes desafios, frente a frente, e eu num, por temor a Deus eu não pratiquei nada de ruim, eu

lembrei de Deus na hora.

E6: Tudo é com certeza. Muda porque eu penso, igual aqui, eu vou te tratar mal, mas como eu vou te tratar mal se Deus manda eu amar ao próximo como a mim mesmo.

E7: Uhum. Em que sentido? A bíblia ela é um manual e lá, lá tem as obras do espírito, que é bondade, que é mansidão, que é o domínio próprio, né? Então eu tento viver aquilo ali, principalmente o domínio próprio, que é tão difícil a gente conseguir dominar a gente mesmo (risos).

E8: No caráter. Hoje se eu acho algo na rua eu devolvo.

E9: Ah, com certeza. Com certeza. Muito diferente, nossa, em todos os sentidos, cara, em todos os sentidos. A gente começa, quando você fala Deus tem misericórdia da minha vida a gente tá falando, Deus olha pra minha miséria com o olhar do seu coração. E quando você tem Deus na sua vida você começa a olhar as outras pessoas com esse olhar de Deus. Você começa a olhar para as pessoas de uma forma diferente, você vê as coisas de uma forma diferente. Tudo muda na vida da gente. O apóstolo Paulo falou certa vez sobre uma mudança, e vos despojeis do novo homem e vos revistais do novo homem. E quando ele fala que você deve se despojar do velho homem ele fala larga tudo aquilo que você fazia, e quando você começa a tirar o velho homem de você, você muda tudo cara, você muda seu vocabulário, muda a forma de pensar, até a forma de andar muda. Você muda tudo, mudou tudo na minha vida.

24. Porque vai à igreja? De que forma a ida à igreja ajuda quando passa por alguma dificuldade/problema?

E1: É isso que eu te falei.

E2: É refúgio. Porque se eu afastar da igreja eu me afasto da presença de Deus. Aqui fora é mais difícil.

E3: Pra buscar a Deus. Como instituição, por causa dos irmãos. Você chega lá você conversa com um conversa com outro. Ah tá acontecendo isso. Igual quando eu fui na clínica. Aí conversei com o sr. Joaquim sobre o que estava acontecendo com meu filho. É porque os irmãos em cristo, ele colhe o seu problema, ele colhe o meu, todo mundo se une pra tentar se ajudar. Não deixa a pessoa desamparada. Tem hora que você está precisando, oh irmão tá acontecendo isso, oh irmão vamos orar por você, vamos fazer um jejum vamos no monte, então quer dizer é uma família muito unida né? Então eu creio que é por aí porque na hora que você mais precisa de um irmão, ele não te abandona.

E4: Porque? Porque aqui eu posso mostrar, trazer outras pessoas com problemas semelhantes ao meu ou até piores e, e vivenciar uma mudança de vida nas outras pessoas também. De que forma a ida à igreja ajuda quando passa por alguma dificuldade/problema? Aqui tem pessoas que eu confio.

E5: A igreja me ajuda quando passo por dificuldade, porque tenho aconselhamento, amigos. Eu me abro muito com eles, eu não me escondo não. Eu sou uma pessoa que eu uso de confiar nos irmãos. As vezes situação que eu passo assim, difícil, eu comunico com eles, então, ali muitos me dão conselho, conversam comigo, termina a reunião eles me abraçam. Eu só tenho tamanho, menina, mas eu sou um neném. É um refúgio pra mim, é um abrigo.

E6: Fortalecendo minha fé mesmo.

E7: É bom estar na igreja, é bom porque ali a gente tem comunhão com os outros, né? Com os irmãos. Ah, estar na igreja é muito bom.

E8: Porque ali há conforto, palavras boas.

E9: É um lugar onde eu vou pra cultuar a Deus, é um lugar onde tem várias pessoas cultuando ao mesmo Deus. Meus amigos, a comunhão também é muito importante. A gente é, quando a gente tá vivendo no meio da drogadição e tal a gente tem um outro tipo de relacionamento, a gente vive no meio de pessoas que, assim, tão ali pra qualquer parada. Você não sabe quem é seu amigo, *cê* não sabe quem vai te roubar, *cê* não sabe quem vai te

matar, *cê* não sabe quem tá contigo por causa da droga, sabe? E na igreja, além da gente ir lá pra cultuar, adorar a Deus, louvar o Senhor, a gente se diverte. Isso traz pra mim um sentimento muito legal. E tem, eu por exemplo hoje, das minhas amizades que eu tinha lá no passado, são pouquíssimas que eu ainda tenho contato. Meu círculo de amizade todo gira em torno da igreja. Mudou completamente. A minha vida mudou totalmente. E ali, dentro da nossa igreja é assim, é, a gente pode ver realmente o mover de Deus, porque a maioria dos meus amigos ali da igreja são ex-dependentes químicos também. Isso é que é legal. A gente vê o milagre de Deus todo dia.

25. Vai a todas as cerimônias religiosas mesmo que esteja com problemas de saúde? Por que?

E1: Sim. Porque é algo que te dá força, porque é algo que te faz esquecer um pouco desse mundo, te faz um pouco esquecer um pouco desse, essas, porque quando você vai pra igreja (...) Uma das minhas falhas foi não ter ido no retiro de carnaval por condições financeiras, mas condições financeiras, dinheiro pra drogas você tinha. Na hora, a 150 reais vai ser pesado. Não importa, vá. Eu tenho, eu o meu objetivo, por isso que eu falo, eu sempre fui e e sempre que todas as vezes que eu deixo de ir em algo, acontece algo na minha vida, de, de não positivo.

E2: Depende, só se eu vê que não der pra ir mesmo.

E3: Vou com certeza. Se pra poder fazer coisa errada você podia estar doente que ia. Porque pra poder adorar e buscar a Deus você não pode ir mesmo passando mal.

E4: Sim, aqui tá a cura. Jesus é a cura.

E5: Então, dependendo da enfermidade, se for uma coisa que eu vejo que eu tenho que ir num médico eu vou num médico. Se for uma coisa que eu vejo que através de uma oração ou deu pisar dentro da igreja também eu venho na igreja.

E6: Não, porque não bate muito os horários com o trabalho. (Trabalha de dia como pintor e algumas noites como segurança em festa)

E7: Assim, eu tenho ficado todas as noites com meu tio, então não tenho ido. Mas costumo ir sim.

E8: Depende do problema de saúde.

E9: Sim. Ah vou sim, aí que tem que ir mesmo.

26. Costuma recorrer a religião quando se sente doente? Quais cuidados são oferecidos?

E1: Eu não costumo ficar doente. Graças a Deus eu não costumo ficar doente. Mas eu sempre procuro a igreja. Todas as pessoas da igreja dão liberdade para poder estar conversando com eles, e o conversar, porque nem sempre você vai estar diante de um psicólogo, ou diante de um psiquiatra ou diante de uma terapia, então a igreja é uma terapia, a igreja é, o discipulado é uma psicologia, o discipulado é uma terapia é uma psiquiatria. Então a igreja te fornece psicologia, psiquiatria, terapias.

E2: Pra falar a verdade, vou falar a verdade pra você, eu não gosto de tomar remédio não e nem gosto de ir no médico. A fé sem obras ela é morta né, então, tem que crer que Deus salva.

E3: Também. Todos.

E4: Sim. Primeiro, primeiro, é o primeiro ponto. Eu acredito na bíblia, na bíblia Jesus cura, eu acredito nisso.

E5: Isso. Na busca de cura. Oração. Todos, sabe, porque se for enfermidade que eu não for curado aqui dentro, se eu tiver que tá num hospital eles vão lá, vão cuidar de mim, vão ser meu ombro amigo, vão cuidar de mim, entendeu?

E6: Vou, mas geralmente eu oro comigo mesmo. Sim, também. Se a gente tá aqui e está bem é porque Deus quer.

E7: (Acenou positivamente com a cabeça). A religião não, mas o que está por trás da religião, o nome que está acima de todo o nome, ele pode curar. A religião não.

E8: Depende. Orações.

E9: É eu até *tava* falando hoje a respeito disso, existe algumas coisas que Deus nunca viu, sabia? Deus nunca viu uma doença que ele não possa curar. É no livro de Êxodo, no capítulo 15, acho que verso 26 fala que Deus é o Deus que te sara. Eu tenho que tomar essa promessa na minha vida. Se eu crer em Deus mas não viver aquilo ali... Deus nunca viu uma doença que ele não possa curar. Se eu *tô* passando por uma enfermidade, por uma necessidade ele pode curar, eu tenho certeza.

27. Sente que as pessoas da sua igreja o aceitam melhor que as outras pessoas em geral?

E1: Não vejo, porque se começar a ver isso aí tá começando a fazer acepção de pessoas. Se começarem a fazer isso já começou a fazer panelinha e eu não gosto disso.

E2: Porque amizade no mundo é uma coisa, na igreja é outra né? Porque no mundo você tá conversando sobre coisas do mundo, na igreja é de outras. No mundo as pessoas também gostam de mim, só que de uma forma diferente, e aqui é de outro.

E3: Uhum, eu percebo. Com certeza.

E4: Não, eu acho que é igual. É igual até certo ponto, porque na igreja eu tive dificuldade, eu fiquei um ano dentro da igreja sem amigos, sem nenhum colega. Depois de um ano e pouco que eu comecei a fazer amizade, na igreja, isso na igreja. E lá fora quando eu vou conhecer novas pessoas eu não falo de imediato como eu era antes, porque senão causa impacto, impacto negativo lógico, eles ficam com medo, será que ele vai ter recaída, será que ele não tá mentindo, ele ainda tá daquele jeito, entendeu? Aí eu espero até a pessoa me conhecer, depois de um tempo eu conto, tem gente que nem acredita.

E5: Com certeza.

E6: Com certeza.

E7: Não.

E8: Não vejo diferença

E9: Então, na igreja, deixa eu te falar uma coisa, na igreja hoje, o pessoal da igreja, eles me respeitam muito. Eles me respeitam muito, até porque alguns que tão lá e nem sabem o que eu fui. Deve olhar esse gordim doido pregando ali, então as vezes a pessoa que não me conhece, né? Tem uma outra visão. Mas assim, graças a Deus na igreja muitos me respeitam, e muitos me respeitam muito mais porque sabem o que eu fui e sabem o que eu me tornei. E fora de igreja tem muitas pessoas que ainda não acreditam, porque convivem menos comigo. Então assim, eu vejo que dentro ali a minha comunidade, do meu círculo de amizade, a visão que as pessoas tem de mim é uma e muitas vezes de fora, até mesmo dentro da minha parentela, sabe? É outra.

28. Acha que a religião o ajudou a criar novas amizades?

E1: Com certeza e amizades mesmo, porque amizade aqui do mundo não é...

E2: Sim.

E3: Amizades boas ,né? Lindas, saudáveis, maravilhosas

E4: Sim.

E5: Me ajudou, muito

E6: Bastante, hoje eu tenho amigos mesmo e não colegas

E7: Aham

E8: Sim, amizades verdadeiras.

E9: Ah, eu tenho nem dúvidas disso.

29. O que ganha/ganhou com as amizades que recebe lá?

E1: saber que o seguinte, que mesmo as pessoas não fazendo parte da sua família, as pessoas se tornam como pai, as pessoas se tornam como irmãos, as pessoas se tornam realmente especiais para você. Te falo porque quando eu era da sara nossa terra, eu sinto muita falta de um líder meu, que me ensinou tudo, que me orientou muito em todas as áreas da minha vida, sabe, na área da ansiedade, na área de, de, de, de ser nervoso, hoje sou uma pessoa mais calma graças a essa pessoa. Então me ensinou muito, me ensinou a ser gente, me ensinou a

lidar com pessoas, a conversar com pessoas, a ser mais humilde, então? a igreja me proporcionou e essas pessoas me proporcionaram isso, meu líder pra mim é um pai. Entendeu? Como eu perdi meu pai há 18 anos atrás esse líder espiritual pra mim foi tudo. Ele foi pra mim, foi pra mim, como, vamos dizer o seguinte, a principal pessoa dentro de uma religião pra mim foi o, foi o ele, dos meus 20 anos aos meus 27, até os meus 26 e 27 anos ele que me ensinou tudo. Lógico que ele me ensinou tudo que eu tô falando assim dentro da igreja, ele que me ensinou como evangelizar, ele me ensinou como, sabe, pregar. Lógico que quem te ensina é o espírito santo mas ele me orientou como fazer.

E2: Tipo assim, eu era uma pessoa presa, entendeu? Tipo assim, eu gostava de ficar mais isolado. Comecei tipo assim, a amizades verdadeiras entendeu, aí eu comecei tipo assim a me soltar mais, a tipo assim a me entrosar mais. Pra ter um diálogo.

E3: Ah ganhei tudo, né? Porque as amizades da igreja você pode, só amizade boa. ninguém vai te falar coisa que não deve. Ah faz isso, ah faz aquilo. Então, amizades que você pode guardar no coração pra sempre. São amizades boas mesmo. Tiro experiência pelo irmão Joaquim, aquele lá é um pescador de alma, oh menino que eu tenho um amor grande, e oro muito pela vida dele. Nossa, aquele menino foi de uma paciência comigo. Paciência de jó. Se eu te falar que dava quarta-feira e "ah vão passear, ah vão pra igreja", ele me levava pro sítio lá atrás da Rodoviária pra poder pescar. Ele sempre, ele deixou de viver a vida dele pra viver a minha. Nossa então eu agradeço muito a Deus eu oro muito pela vida dele, porque é amizade, amizade mesmo. Você poder, qualquer hora que você precisar pode ligar pra ele que ele atende a gente.

E4: Sinceridade. Nem todos, nem sempre. Sinceridade.

E5: Pra mim o que eu ganhei, tô ganhando, né, é um presente sabe, cada dia é uma experiência diferente. É tudo né? Eu posso falar pra você que é tudo.

E6: Tudo, minha vida de novo. Ajudou a convencer minha família que eu tinha jeito, que não tinha acabado, ainda tinha jeito pra mim.

E7: Eu tenho ganhado ainda né? Tenho muito a ganhar, porque agora é só o começo, eu tô recomeçando a viver. E as minhas amizades agora, poxa, praticamente são todas da igreja, do meu convívio são todas da igreja.

E8: Novos hábitos.

E9: Ah, o que eu ganhei, além de muito presente (gargalhada), o povo é abençoado, glória a Deus por isso, o povo eles abençoa mesmo legal, é... Poxa, cara o que eu ganho, pra mim o que me deixa mais satisfeito, é você vê que você realmente é considerado pelo aquilo que você é e não pelo aquilo que você tem, pelo aquilo que você é hoje. Até mesmo porque seu eu for considerado pelo que eu tenho eu tô enrolado (risos). Eu vejo hoje que dentro da igreja, desse círculo meu lá da igreja, eu tenho algo que eu não tive a vida inteira, eu tenho o respeito. O respeito, a admiração. Sabe, você vê que até uns anos atrás você não era nada, era o verme do cocô do cavalo do bandido (risos) e você vê que hoje as pessoas chegam e se espelham em você, isso é muito legal. A honra e a glória é dada a Deus, mas isso é muito legal.

30. A sua igreja é um local de convívio entre as pessoas que partilham aquele local e aquela fé?

E1: Com certeza. Se quem tiver oportunidade de estar dentro da igreja todos os dias, nem que seja uma hora por dia, vá.

E2: As vezes.

E3: Sim

E4: Proporciona.

E5: Proporciona.

E6: Sim, claro. Quando eu tô lá eu tô em casa

E7: Aham.

E8: Sim

E9: Aham.

31. Recorre mais à comunidade religiosa ou à família quando tem algum problema?

E1: Eu recorro mais à igreja, mais á igreja.

E2: Eu vou primeiramente em Deus e peço orientação e depois eu vou na Ana ou em alguém que eu confio, não guardo pra mim mais não.

E3: A religiosa, porque a família pode te apoiar, mas não vai fazer o que você precisa, que a igreja faz

E4: Com a minha esposa, mais com minha esposa.

E5: Mais à comunidade religiosa e com minha esposa também.

E6: Com certeza, minha família não sabe nem um terço do que eu já passei.

E7: A minha família hoje se resume à minha irmã e o meu primo, eu converso muito com ele. Eu recorro mais a eles.

E8: Depende, se for conhecimento vou nos dois, se for dinheiro, vou na família.

E9: Então, quando eu recorro a comunidade eu tenho as pessoas a qual eu confio. Até porque eu me agarro muito em uma passagem, quando Jesus transformou a água em vinho, ali Jesus *tava* num casamento ao qual ele foi convidado e naquela ocasião o vinho acabou. Jesus tinha alguma coisa haver? Mas eles foram e contaram o problema pra pessoa certa. Eles contaram o problema do vinho para a pessoa que podia resolver o problema. Eu , eu busco primeiro aquele que pode resolver meu problema. Então eu tenho pessoas sim, que eu vou contar meu problema, vou buscar minha direção, mas pessoas que eu confio.

32. Como utiliza o que aprendeu na sua experiência religiosa na relação com os que não partilham as mesmas crenças? Considera-se tolerante com pessoas de outras crenças e religiões?

E1: Sempre, muitas pessoas não vai e não aceitam Jesus porque muita vezes, muito rancorosas. Se você não fazer isso você vai pro inferno. Você tem que ser muito, você tem que ser muito centrado nas suas conversas. Vamos usar até a palavra, a palavra mesmo fala que a tua boca tem o poder de abençoar e amaldiçoar uma pessoa, entendeu? então, quando você vai falar da tua, da tua crença, ou quando você vai falar da tua religião, você nunca coloca a tua religião acima da outra, você mostra o que a tua religião pode te proporcionar de melhor em si. Por isso que o maior exemplo dentro da igreja foi Jesus, porque ele dava testemunho. Jesus nunca obrigou ninguém a seguir ele, eles seguiram ele pelos fatos que ele fazia. E quem seguia Jesus, ele chamou 12 mas esses 12 não era obrigada a seguir. Jesus chamou 12 pessoas para seguir espontaneamente, as pessoas vão fazer o que você quer se você, eu tenho até um exemplo, hoje eu vendo um perfume. Hoje eu vendo um perfume, que se chama marketing multinível. Hoje eu convido pessoas para estar entrando na minha rede, as pessoas só vão entrar na minha rede enquanto ver resultado, testemunho daquilo que eu *tô* fazendo, será que aquilo vai me proporcionar realmente algo melhor pra mim? é assim com a religião, a religião nunca pode ser obrigada, as pessoas as vezes é muito, aí vira religiosidade não vira espiritualidade. Porque a minha religião é a melhor, a minha religião que vai levar pro céu. Quem é você? então, a pergunta que seria, eu sempre relevo as minhas falas, eu sempre sou muito cautelosos pra estar chegando numa pessoa, pra estar falando o que Deus fez na minha vida, o que a religião fez na minha vida

E2: Eu na verdade, na verdade nem falo muito de religião não, eu dou o testemunho, do que Deus fez entendeu? Porque na verdade a bíblia não fala que é religião que salva, Deus é quem salva.

E3: Pra poder experimentar um pouquinho só. Experimenta um pouquinho que é bom. Lá no serviço tem muita gente que não é. Então 'ah você não era assim e tá querendo que eu mude, eu não *tô* querendo que você mude, *tô* querendo que você vá pra você ver como é que funciona" Ah tem que ser. Eu sempre tinha, antes eu já tinha, certas coisas que o pessoal

falava eu ficava quietinho. Mas aí é cada dia a gente vai dando uma marretadinha no coração de pedra, que nasce um coração de carne.

E4: Primeiro eu mostro na prática, assim com atitudes que eu realmente mudei. Se necessário eu uso palavras. Eu pratico o que eu aprendi com a bíblia, se necessário eu uso palavras.

E5: Então, eu uso de experiência de tentar alcançar, de levar pra eles a palavra de Deus, mas eu não entro em debate. Eu evito, evito.

E6: Não, há um tempo atrás eu ainda *tava* meio nervoso, até que eu não tolerava não. Mas agora eu *tô*, não compensa ficar batendo boca, discutindo. Você pensa, não vai resolver nada.

E7: Sim, tolerante. Mas quanto a testemunhar sobre a nova vida é só olhar pra mim. Sobre o que eu era e o que eu sou agora.

E8: Sim. Tento mostrar pela minha transformação de vida.

E9: Com certeza, com certeza, com certeza. Inclusive eu tenho um irmão, que é um amor de pessoa e que é espírita. Não tenho que ficar debatendo com ele. Eu oro por ele, convido pra ir na igreja. Eu tenho que fazer diferença. A bíblia diz que a gente prega, mas que quem convence é o Espírito Santo.

33. Acredita que Deus tem disponibilidade para o proteger e que está presente em todos os momentos da sua vida?

E1: Deus tem disponibilidade de proteger todas as pessoas, não somente a mim.

E2: Basta crer.

E3: Nosso Deus, não tenho nem dúvida.

E4: Todo o tempo, com certeza, todo o tempo.

E5: Sim

E6: Sim

E7: (Acenou positivamente com a cabeça)

E8: Sim

E9: Com certeza, com certeza. Falei ali hoje sobre isso. Sobre a onipotência, onisciência e onipresença de Deus. Tenho certeza absoluta. Deus de cada coisinha nossa ele cuida. Eu tenho certeza.

34. A igreja é para você uma fonte de vida social? A igreja facilita uma aproximação entre as pessoas? É um espaço em que se sente acompanhado e com apoio?

E1: Com certeza. Com certeza, se a pessoa quiser realmente. Com certeza, tem pessoas que vão pra igreja, mas não tem intimidade com ninguém, elas ficam fechadas naquele, naquele, naquele lugarzinho. A pessoa pra ter influenciar, pra igreja influenciar na vida social a pessoa tem que querer. Não adianta você somente ir na igreja e ficar paralisado. Mas isso em qualquer lugar na sua vida. Se você for na sua escola, se você for no seu trabalho, você que vai buscar a sua vida social. Ou o seu bem estar na sua vida social. Então, tudo na vida te proporciona. Aonde você for. E graças a Deus aonde que eu vou aonde que eu for, eu sou bem articulado.

E2: Acho que facilita sim, porque na verdade muitas pessoas vão na igreja por carência de amizade, entendeu? Acolhido, né?

E3: Aham, facilita. Tem, com certeza, tem apoio sim.

E4: Sim. A igreja facilita uma aproximação entre as pessoas? É um conjunto (igreja + personalidade da pessoa), apesar da igreja RV saber que tem o centro de recuperação, muita gente ainda tem bloqueio. A maioria, 90% tem receio. É um espaço em que se sente acompanhado e com apoio? Sim.

E5: Também. Com certeza. Isso, apoio e segurança.

E6: Com certeza. Facilita de verdade. Com certeza, lá todo mundo tem carinho comigo, se preocupa comigo.

E7: Aham. Sim. Sempre.

E8: Sim

E9: Sim. Sim, com certeza. Sim, ela facilita tanto porque na igreja é um lugar que você encontra todo tipo de pessoa, de todo nível social, de todo seguimento você encontra ali.

35. A relação com Deus ajuda a não se sentir só?

E1: Com certeza. Tem muitas das vezes... Eu me sinto só às vezes, mas é igual você falou, ah, porque eu me sinto só, as vezes eu falo assim: será que realmente pessoas, elas, inclusive a minha mãe, será que minha mãe realmente se preocupa comigo, será que realmente a minha mãe ela... Favorece na minha vida? mas uma pessoa que eu sei que sempre estar comigo é Deus. Então ele sempre está comigo.

E2: Com certeza.

E3: Ah, porque eu vou te falar, morar sozinho. No trabalho você conversa com um conversa com outro, dentro ônibus às vezes tem alguém que você conhece aí você conversa, desce ali, você passou do portão aí é você e Deus. Não tem ninguém pra conversar. Ele supre, preenche o espaço que tem, ele preenche.

E4: Em todo o tempo, sim.

E5: Com certeza.

E6: Bastante, é. Igual assim, nos momentos mais difíceis da minha vida, foi só Deus mesmo. Se não tivesse fé em Deus não *tava* aqui não.

E7: Ajuda.

E8: Com certeza

E9: Com certeza.

36. Você se comunica com Deus? Com que frequência?

E1: Sim. Sempre. Todos os dias. Todos os dias à noite e a manhã. Eu acordo eu agradeço a Deus por meu acordar e durmo e agradeço a Deus pelo meu dia, por estar vivo.

E2: De manhã na hora que acordo... tipo assim diariamente, né?

E3: Sempre

E4: Sim. Em todo o tempo.

E5: Com frequência, todos os dias. É de manhã quando eu acordo, durante o dia, no trabalho eu *tô* vendo que uma coisa não tá querendo dá certo então eu começo a falar com Deus, ou quando eu recebo uma vitória também, eu agradeço. Na hora das minhas refeições também.

E6: Bastante, todos os dias. Sem Deus eu não sou nada.

E7: Toda hora.

E8: Sim, pela manhã, de noite e em ocasiões especiais, como quando vou fazer alguma prova de concurso

E9: Ah, às vezes eu *tô* subindo aí e *tô* conversando com Deus, sabe? Depois que você aprende que você tem livre acesso, sabe...

37. Sente-se mais preenchido quando está em comunicação com Deus?

E1: Com certeza. Deus ele te completa.

E2: Isso aí, com certeza.

E3: Com certeza. É muito bom.

E4: Sim

E5: Com certeza.

E6: Sim, eu sinto.

E7: Aham. A bíblia fala que o que faz separação entre nós e o nosso Deus é o pecado. É assim, o pecado, pecar é muito fácil, mas é, nós somos pra Cristo separados, nós buscamos santificação.

E8: Sim

E9: Ah sim, sim.

Relação terapêutica

38. O que considera mais eficaz quando se sente doente/ou passa por algum problema: ir à

igreja ou ir a um profissional da área?

E1: Eu não acreditava em profissional antes de me internar. Eu nunca acreditei, não acreditava, eu falava ah quem vai me curar é a igreja. E eu ainda friso isso. A igreja em si ou Deus? Deus né? Igreja é Deus. Eu priorizo igreja, lógico que hoje eu acredito nos profissionais, depois que eu tive, eu tive um ano, porque eu nunca procurei psicólogo, eu nunca procurei um psiquiatra, eu nunca procurei nada disso na minha vida, tanto que eu preciso, porque eu sou hiperativo eu necessito e mesmo assim eu não procuro.

E2: A se for dorzinha boba, mas se vê que precisa de ir no médico, vou no médico.

E3: Eu prefiro ir à igreja, eu não gosto muito de médico. É porque de *repentemente* a pessoa vai recorrer a um médico, mas tem o médico dos médicos, né? E ele não deixa, né? Ele não falha, né? Você precisou dele, ele atende a qualquer hora. Não vou dizer, que eu *tô* desmerecendo os médicos. Eu prefiro procurar a igreja, do que procurar os médicos.

E4: Graças a Deus eu já tenho uma maturidade em Cristo e eu tenho um respaldo dentro da bíblia, dentro da palavra, que eu posso chegar ali e falar não, eu sou curado nessa área, eu sou desse jeito nessa área, eu sei onde buscar e sei quem eu sou em Cristo. Eu sei o que a palavra me proporciona e acredito.

E5: Então, primeiro eu procuro orientação com o pastor. Determinado momento que ele orar e eu for pra casa e ver que tá a mesma coisa eu procuro um profissional.

E6: Ir na igreja, porque lá eu encontro tudo. Tipo assim, na igreja a gente também encontra profissionais pra tudo. Então ali entende tudo.

E7: Busca profissional, psicóloga

E8: Depende do problema

E9: Então, eu penso da seguinte forma. É tem coisas sim que sabe, eu estalo o dedo e se Deus quiser tá curado. Mas tem coisa que você tem que procurar um especialista. Se eu *tô* com uma dor muito forte eu tenho que ter consciência. Eu creio que a medicina foi criada por Deus, assim como a psicologia, criada por Deus. E eu procuro sim, quando eu tenho algum problema que eu vejo que tá se agravando, né? As vezes eu *tô* com uma dor de cabeça muito forte, eu vou orar, vou pedir a Deus, mas eu vou procurar saber o que é.

39. Quando recorre a um profissional de saúde considera importante que este tenha em conta as suas crenças religiosas?

E1: Com certeza. Sempre eu uso a minha crença, todas as *minhas conversas formal*, todas as conversas com qualquer pessoa. O profissional, qualquer que seja tem que respeitar o que for o paciente.

E2: Eu acho importante sim.

E3: Se perguntar eu respondo com o maior prazer, mas nem sempre perguntar. É importante.

E4: Sim.

E5: Eu acho que sim, pra gente depositar mais confiança, sentir mais solto.

E6: Sim. Porque quando eles não perguntam você fica mais fechado.

E7: Não

E8: Sim

E9: Eu não sei, eu acho isso irrelevante.

Expectativas para o futuro

40. Se lhe fossem concedidos 3 desejos para o futuro, o que pediria?

E1: Vamos lá. Isso já é uma coisa que já coloquei em sonho. Vamos lá, primeiramente, eu chegar a diamante até dezembro no meu emprego. Isso aí eu vou focar muito esse ano. Lógico que casar, casar, ter uma pessoa realmente que, que me levante. Não que me põe pra baixo. E ter meu curso superior, cara. Eu posso, eu quero ter meu curso superior. Gestão ambiental. Ou concurso público que eu vou fazer também. Que toda a minha família venha reconhecer a Jesus como senhor e salvador. O meu desejo também é sair das drogas, por

completo.

E2: Paz, prosperidade e amor.

E3: Pra mim tá até ótimo do jeito que tá. Eu pediria era pro meu filho. Encaminhar ele pra ele poder voltar a estudar, tô batalhando muito pra ver se consigo arrumar um trabalho pra ele. O meu desejo é ver meu filho bem, eu graças a Deus me sinto bem. Então eu peço é pelo meu filho.

E4: Que eu nunca saia da presença dEle. Que eu sempre esteja ligado a Cristo, ligado a palavra. Que eu mantenha uma vida espiritual em crescimento. Ah, e, ter paz na família.

E5: Primeiro é morar no céu, segundo é força pra eu cuidar da minha família, educação dos meus filhos e o terceiro é ser bem aventurado, próspero, né?

E6: Minha família de volta (esposa e filhos) e minha casa. Meu objetivo é esse. Minha família perto de mim.

E7: Uma realização na área profissional; A constituição da família (também com a filha, já tentei muita reconciliação, mas todas foram frustradas pelo padrasto e pela mãe dela); Uma vida plena com Deus;

E8: Saúde familiar, realização profissional e mais solidariedade nas pessoas

E9: Primeiro eu queria minha família toda salva, toda comigo lá, toda na presença de Deus.

Uma coisa que eu queria também, eu pediria pra Deus, pra Deus não permitir nunca que eu voltasse a viver da forma que eu vivia, se ele percebesse que eu poderia correr o risco de voltar a viver, que ele me levasse antes, porque eu não suportaria viver da forma como eu viver. E, a terceira que, ah, Deus abolisse de uma vez essa droga. Sumisse com essa cocaína, com esse crack, com essa bebida. Mas a gente sabe que isso não vai acontecer. Mas que Deus pudesse, é, colocar na mente na cabeça das autoridades que dependência química não é doença não. Não é. Se fosse doença eu tomava remédio e ficava bom. A dependência química é a falta de Jesus na vida das pessoas. Quem vive Jesus não volta a fazer coisa errada não. Pra suprir a falta de Jesus as pessoas buscam um preenchimento em algo, nas drogas, no álcool.

41. O que o/a faz dar valor ao seu presente?

E1: As oportunidades, todas as oportunidades que passam na minha vida. Porque são as oportunidades que definem meu passado e meu futuro. As minhas decisões hoje é que vai definir meu passado e meu futuro.

E2: Tipo assim, muitas coisas boas que aconteceu na minha vida.

E3: Ah, eu já valorizo desde a hora que acordo. Acordei e opa, estou vivo. A vida é muito boa.

E4: A nova vida

E5: Minha libertação e minha família.

E6: O que eu passei atrás no meu passado. Porque igual eu vejo, muita gente não dá valor a um prato de arroz e feijão, eu sei o que é passar noites sem nada pra comer. Pra mim eu vejo isso de uma forma boa.

E7: A vida

E8: A vida nova

E9: O meu passado (risos). O meu passado faz eu valorizar o meu presente.

42. O que lhe dá esperança num futuro bom?

E1: O que me dá esperança no meu futuro? A minha, as minhas decisões hoje. As minhas decisões de hoje, essa frase é muito, essa frase é uma frase que eu guardei há, vamos por aí, tem uns 6 anos que uma pessoa falou pra mim, as tuas decisões hoje, as tuas decisões no presente é que vai definir o seu passado e o seu futuro e realmente é o que tá definindo.

E2: Deus presente na minha vida, pois posso todas as coisas naquele que me fortalece.

E3: Deus. Que ele acabasse com as drogas. Isso traz muita coisa errada pro mundo

E4: Jesus

E5: As bênçãos que Deus tem me concedido, sabe?

E6: Deus. Porque de vez em quando eu pensei que nada mais ia dar certo, mas Deus me mostrou que tem solução, que tem jeito. Ele diz, calma filho. É só ele.
 E7: Permanecer nesse pensamento
 E8: O que já vi e vivi de mudanças
 E9: O que me dá esperança pro meu futuro (longa pausa), é... O que me dá esperança (pausa, suspiro) é saber que aquele que começou a boa obra é fiel pra cumprir. Sabe? É isso que, que me deixa mais tranquilo.

Religiosidade – Influência CTs

43. Você observou alguma relação entre o tratamento na Comunidade Terapêutica e religiosidade? Em que sentido?
 E1: É o principal foco dentro da resgatando é sim, é mais religiosidade. Dentro da resgatando vidas.
 E2: Sim, cada um vê de uma forma, porque uns que fala que não veio aqui pra ser crente e tem outros que já vem aqui e tem um encontro com Deus, entendeu? Basta crer que Deus realmente existe nesse lugar aqui.
 E3: Sim, lá dentro você tá, você se sente bem mais protegido lá dentro do que aqui fora. porque lá dentro você não vê droga não vê bebida, então quando você sai se a pessoa não tiver a cabeça legal de se ligar e continuar o tratamento do lado de fora, indo nas igrejas.
 E4: Sim. Busquei o tratamento porque sabia da influência religiosa.
 E5: Sim. Elas eram evangélicas. Tinham cultos.
 E6: Sim, lá é tudo a mesma coisa. Lá a palavra de Deus é em primeiro lugar. Na verdade o seu tratamento é a sua religião.
 E7: Existe em todos os momentos. Ali você entrou você começa um tratamento, até o último dia você é tratado. Você pode tá fazendo terapia, na cozinha, lavando o banheiro, capinando, cuidando do gado, fazendo o que for, mas é tratamento (espiritual). Na mudança de caráter das pessoas.
 E8: Sim, tem os cultos o ensino da palavra.
 E9: Sim, com certeza. Eu conheci aqui dentro. Aqui é a todo o momento, você entra ali você vê um versículo bíblico na porta, você começa o dia com oração, você vai fazer uma refeição, você faz uma oração. Você cria esse hábito. Esse estilo de vida.

44. O tratamento na CT trouxe alguma mudança em sua vida religiosa? Como?
 E1: Eu já era evangélico, mas influencia muita gente. Não é que influencia, mas muitas pessoas aceitam a Jesus Cristo lá. Eu aprendi muito na área de libertação. Aprendi muito a lidar com isso, a acreditar mais nisso.
 E2: Mudou, porque antes eu fazia muita coisa assim e achava que Deus estava no meio e na verdade Deus não estava. Porque antes eu ia procurar Deus nos bailes, nas drogas, na prostituição, bagunça. A gente tem que procurar as coisas de Deus.
 E3: Trouxe com certeza. Me fez conhecer, muitos hábitos que o velho homem tinha, teve que deixar de lado pra fazer o que a clínica exigiam pra você fazer.
 E4: Sim. Antes eu não tinha religião nenhuma e agora eu me considero crente. Cristão.
 E5: Completamente. De orar mais, de buscar mais. Ter contato com Deus.
 E6: Eu passei a acreditar mesmo em Deus depois que eu fui pra lá. Tipo assim, eu pensava que Ele não ligava pra mim não.
 E7: Trouxe. Uma reaproximação com Deus e uma (pausa) uma, uma relação, uma relação assim, mais como eu posso te dizer, um relacionamento mais firme com o pai, de experiências, de afeto, de fé, de mudança, de hábito de tudo.
 E8: Sim, lá a gente busca a Deus o tempo todo.
 E9: Aham, nessa mudança de hábito.

Apoio externo

45. Você acha que o Governo tem oferecido apoio para a recuperação do dependente de álcool e outras drogas? Que tipo de apoio/suporte?

E1: Graças a Deus hoje o governo, hoje ele está dando oportunidades para clínicas, clínicas sérias, o governo tá ajudando sim. Os benefícios que eu vejo é de manter as clínicas abertas. O governo tá tentando combater, tá tentando, mas o foco principal em ajuda hoje é manter as clínicas, é valorizar mais os profissionais, sabe, na área de psicólogo, na psiquiatria, na terapia. Hoje o resgatando vidas diminuiu o tempo de 6 meses pra 4 meses, eu não sem nem dizer profissionalmente, por mim, se 6 meses ou 4 meses, 6 meses pra mim era um tempo muito bom. 4 meses eu não vejo em si um período bom. Eu acho que poderia dar mais tempo.

E2: Sim. Tem, eles estão investindo alto aí. Tipo assim, no ensinamento, na saúde, tudo.

E3: Ajuda, ajuda, mas pra você ter uma idéia, o dinheiro que estão gastando pra fazer essa copa do mundo aí, é muito dinheiro, não poderia investir em outra coisa não? Será que o nosso país tá em condição de fazer uma copa do mundo, injetando tanto dinheiro, injetando tanto dinheiro, não poderia cuidar, não poderia fazer mais clinica, pra poder injetar dinheiro mais na clínica, pra fazer mais tratamento? Pode estar até ajudando, só que desvia olhares pra outro lado que não tinha necessidade, podia estar investindo mais nessa área, porque tem muitas clínicas aí que passa um perrengue doido pra se manter. Ajudar, eu estaria até sendo um pouco desonesto, só que não dá 100%. Porque aparece tanta coisa errada com o dinheiro, porque não usar o dinheiro pra ajudar.

E4: Não o necessário, pouco. Não o necessário. Agora que tem, são 30 vagas lá na clínica lá, que o governo manda recursos, banca lá, mas é só isso que eu sei. É pouquíssimo investimento nisso.

E5: Não.

E6: Acho que sim, mas acho que podia melhorar mais. É muito apertado, tipo assim o governo recupera um e nasce 10. Se ele for eliminando eliminando eliminando uma hora vai acabar. Ah essas propagandas que eles faz, eles ajudam a bancar o projeto bancando as despesas da gente, porque muita gente não ia internar porque não tinha condições. E tinha que abrir mais clínica igual lá, não umas iguais eu vi, igual lá. Lá eles te ensinam a viver de verdade.

E7: Tem, mas podia ser maior. Igual agora começou esse apoio do dependente não pagar o tratamento. Mas teria que ter mais vagas e principalmente a conscientização, ela teria que ser muito mais. Na prevenção, mostrar pro jovem através de filmes, vídeos, depoimentos, que ela é destruidora. É morte mesmo.

E8: Não. Nem concordo com a internação involuntária.

E9: Então, eu vivi aqui o Resgatando Vidas há algum tempo atrás e tal e vi como era. Eu paguei meu tratamento, meu tratamento foi pago, sabe, e hoje a gente vê que aqui por exemplo, 80% dos alunos que tão aí o governo banca. Por um lado eu acho legal, porque tem oportunidade aquelas famílias mais carente, que não tem como tirar um salário para pagar o tratamento. Por outro lado, é, é, é... as pessoas podem achar que é fácil demais. Porque eu dei valor ao tratamento porque *tava* saindo do meu bolso, nem do meu bolso, do bolso da minha mãe. E além do tratamento, tem o auxílio doença. Muitos usam esse dinheiro como benção, para ajudar a família, para pagar algumas coisas. Mas infelizmente, muito usam o dinheiro pra usar de drogas lá fora. Em questão de estrutura foi benção. A estrutura do sítio da mudando sabe, tá bem legal. Teve oportunidade de contratar mais funcionários. Então hoje em dia, essa questão tá beleza, show de bola. Mas apenas isso. Pra te falar sério, não vejo nada além.

46. Você acha que a sociedade tem oferecido apoio para a recuperação do dependente de álcool e outras drogas? Que tipo de apoio/suporte?

E1: Nem todo mundo, nem todas as pessoas que são dependentes químicos, nem todas essas

pessoas que a sociedade fala que é uma pessoa verme, que a pessoa, que a pessoa não vale nada na vida, que a pessoa não é nada na vida, é tudo falso, isso é tudo algo que quando a pessoa vê que realmente, começa em vez dessas pessoas pararem de falar isso comecem a dar apoio, priorizar o apoio, dar oportunidade para essas pessoas aí eles vão ter, vão parar um pouco, vão tirar um pouco esses pensamentos de, ah que dependente de crack é ladrão, que dependente de crack é assassino, que dependente de crack, pode até ser, alguns, mas nem todos. Isso eu falo por mim porque eu sempre usei, sempre fui dependente químico de tudo de qualquer tipo de droga, na época que a cocaína era o auge, a maconha já foi auge, sabe? O cigarro já foi auge, o álcool já foi o auge, entende, então eu peguei, tem 15 anos que eu sou dependente, tem 16 anos que eu sou dependente químico, tirando o período de 7 anos que eu fiquei firme na igreja, mas vou por em tudo. Sempre a oportunidade, sempre há... A vontade de pessoas falar mal dessas, disso. Sempre pessoas, sempre criticam, criticam, criticam, criticam. E eu por mim, como eu *tava* dizendo eu vejo isso por mim que há solução. Sabe? Há solução tanto pra quem está vivendo, tanto pra quem está de fora, mas pra, para que a solução pra quem está vivendo seja concretizada é necessário muito que quem está de fora ajude essas pessoas que estão vivendo o, o, o mesmo, no caso a dependência química. Porque? Só há ajuda e só há solução se tiver oportunidade. E uma das oportunidades que eu tive foi estar dentro dessa clínica de recuperação. Sabe? Foi a oportunidade que eu tive e abracei e vivi. Amo estar lá. Só que, mesmo assim, estando lá dentro, pessoas não acreditaram, pessoas não acreditam que a clínica vai te recuperar, que há recuperação, que há solução. Te falo que há solução. Mesmo sem Deus. Mesmo se você não for pra igreja, a clínica, a clínica ajuda a recuperação de uma pessoa. Mas, eu vou dizer ainda mais, para a pessoa se recuperar 100% é somente vivendo pra Deus, é largar tudo mesmo e ir para a igreja. Você acha que a sociedade contribuiu pra "criação" dos nossos DQ? A sociedade ela só critica. A sociedade, nem tanto, põe assim de 0 a 10, 2% tem pessoas que querem te ajudar e mesmo assim, a maioria é família. Externo da família, tem quase ninguém. Amigos começa a te criticar, pessoas começa a te criticar, conhecidos começam a te criticar, entendeu? Patrões começa a te criticar em vez de dar força. Então a sociedade ela é muito importante como eu disse. Se a comunidade terapêutica entrasse em consenso com a prefeitura ou com um órgão social em si, é poderia ajudar muito essa área da dependência química.

E2: Não.

E3: Não. As pessoas negam a ajudar. Ajuda pra outras coisas, mas não ajudam pra uma coisa que precisa, é urgente, que não é pra hoje é pra três dias atrás.

E4: Não. Ela, ela, é o preconceito e a própria pessoa também não se deixa chegar. A sociedade não oferece apoio nenhum.

E5: Também não (risos), de forma alguma.

E6: Muito pouco, porque é muito discriminado ainda. Você é usuário de droga nego te olha como bicho, como ladrão. Eles não pensam que a gente precisa de uma ajuda. Eles pensam que tá ali porque é vagabundo. A sociedade é muito mais complicado. Falta e muito apoio.

E7: Não. Não, a sociedade ela só recrimina. Além disso a sociedade não enxerga que Deus pode, ela só enxerga o que o homem pode, mas ela não acredita que Deus pode transformar. Hoje eu peso 88kg, pra quem *tava* com 58, barbudo, cabeludo, aparentando 60 anos, todo sujo, um trapo e hoje a pessoa me vê, é Jesus. Quem fez isso é Jesus.

E8: Não, a sociedade só discrimina.

E9: Ah, mas assim, não não dá não. O dependente químico ele é muito marginalizado ainda, sabe? Se você acaba o tratamento aqui e fala que *tava* num centro de recuperação você é visto com outros olhos. Eu, eu vou ser sincero, nunca tive problema com isso não, a minha mãe é que ficava falando. As pessoas tem preconceito, tem menos abertura. E eu não tenho vergonha nenhuma de falar que eu fui tantos anos dependentes químicos, que eu passei por um centro de recuperação. Eu não tenho que ter vergonha disso não, eu passei por isso tudo e

é mais uma prova que tem jeito de uma pessoa mudar. mas assim a sociedade em si, tem um dependente químico mesmo como um marginal, como um vagabundo, né? Fala que não tem vergonha na cara, ainda mais esse crack, o negocio é muito feio, é muito feio mesmo, é muito complicado.

6.4 Anexo A – Teste para triagem do envolvimento com fumo, álcool e outras drogas (ASSIST)

(Henrique, Micheli, Lacerda, Lacerda, & Formigoni, 2004)

Nome: _____ Registro _____

Entrevistador: _____ DATA: ____/____/____

ASSIST - OMS

1. Na sua vida qual(is) dessa(s) substâncias você já usou? (somente uso não prescrito pelo médico)	NÃO	SIM
a. derivados do tabaco	0	3
b. bebidas alcoólicas	0	3
c. maconha	0	3
d. cocaína, crack	0	3
e. anfetaminas ou êxtase	0	3
f. inalantes	0	3
g. hipnóticos/sedativos	0	3
h. alucinógenos	0	3
i. opióides	0	3
j. outras, especificar	0	3

- SE "NÃO" em todos os itens investigue: Nem mesmo quando estava na escola?
- Se "NÃO" em todos os itens, pare a entrevista
- Se "SIM" para alguma droga, continue com as demais questões

3. Durante os três últimos meses, com que frequência você teve um forte desejo ou urgência em consumir? (primeira droga, segunda droga, etc)	NUNCA	1 OU 2 VEZES	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	3	4	5
b. bebidas alcoólicas	0	3	4	5
c. maconha	0	3	4	5
d. cocaína, crack	0	3	4	5
e. anfetaminas ou êxtase	0	3	4	5
f. inalantes	0	3	4	5
g. hipnóticos/sedativos	0	3	4	5
h. alucinógenos	0	3	4	5
i. opióides	0	3	4	5
j. outras, especificar	0	3	4	5

QUESTIONÁRIO PARA TRIAGEM DO USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS SUBSTÂNCIAS.

2. Durante os três últimos meses, com que frequência você utilizou essa(s) substância(s) que mencionou? (primeira droga, depois a segunda droga, etc)	NUNCA	1 OU 2 VEZES	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	2	3	4
b. bebidas alcoólicas	0	2	3	4
c. maconha	0	2	3	4
d. cocaína, crack	0	2	3	4
e. anfetaminas ou êxtase	0	2	3	4
f. inalantes	0	2	3	4
g. hipnóticos/sedativos	0	2	3	4
h. alucinógenos	0	2	3	4
i. opióides	0	2	3	4
j. outras, especificar	0	2	3	4

- Se "NUNCA" em todos os itens da questão 2 pule para a questão 6, com outras respostas continue com as demais questões

4. Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de (primeira droga, depois a segunda droga, etc) resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?	NUNCA	1 OU 2 VEZES	SEMANALMENTE	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS
a. derivados do tabaco	0	4	5	6
b. bebidas alcoólicas	0	4	5	6
c. maconha	0	4	5	6
d. cocaína, crack	0	4	5	6
e. anfetaminas ou êxtase	0	4	5	6
f. inalantes	0	4	5	6
g. hipnóticos/sedativos	0	4	5	6
h. alucinógenos	0	4	5	6
i. opióides	0	4	5	6
j. outras, especificar	0	4	5	6

NOMES POPULARES OU COMERCIAIS DAS DROGAS

- a. produtos do tabaco (cigarro, charuto, cachimbo, fumo de corda)
- b. bebidas alcóolicas (cerveja, vinho, champagne, licor, pinga uísque, vodca, vermouths, caninha, rum tequila, gin)
- c. maconha (baseado, erva, liamba, diamba, birra, fuminho, fumo, mato, bagulho, pango, manga-rosa, massa, haxixe, skank, etc)
- d. cocaína, crack (coca, pó, branquinha, nuvem, farinha, neve, pedra, caximbo, brilho)
- e. estimulantes como anfetaminas (bolinhas, rebites, bifetamina, moderine, MDMA)
- f. inalantes (solventes, cola de sapateiro, tinta, esmalte, corretivo, verniz, tinner, clorofórmio, tolueno, gasolina, éter, lança perfume, cheirinho da loló)
- g. hipnóticos, sedativos (ansiolíticos, tranquilizantes, barbitúricos, fenobarbital, pentobarbital, benzodiazepínicos, diazepam)
- h. alucinógenos (LSD, chá-de-lírio, ácido, passaporte, mescalina, peiote, cacto)
- i. opiáceos (morfina, codeína, ópio, heroína elixir, metadona)
- j. outras – especificar:

5. Durante os três últimos meses, com que frequência, por causa do seu uso de <i>(primeira droga, depois a segunda droga, etc)</i> , você deixou de fazer coisas que eram normalmente esperadas de você?	NUNCA	1 OU 2 VEZES	3 OU 4 VEZES	5 OU 6 VEZES	7 OU 8 VEZES
a. derivados do tabaco	0	5	6	7	8
b. bebidas alcoólicas	0	5	6	7	8
c. maconha	0	5	6	7	8
d. cocaína, crack	0	5	6	7	8
e. anfetaminas ou êxtase	0	5	6	7	8
f. inalantes	0	5	6	7	8
g. hipnóticos/sedativos	0	5	6	7	8
h. alucinógenos	0	5	6	7	8
i. opióides	0	5	6	7	8
j. outras, especificar	0	5	6	7	8

7. Alguma vez você já tentou controlar, diminuir ou parar o uso de <i>((primeira droga, depois a segunda droga, etc...))</i> e não conseguiu?	NÃO, Nunca	SIM, nos últimos 3 meses	SIM, mas não nos últimos 3 meses
a. derivados do tabaco	0	6	3
b. bebidas alcoólicas	0	6	3
c. maconha	0	6	3
d. cocaína, crack	0	6	3
e. anfetaminas ou êxtase	0	6	3
f. inalantes	0	6	3
g. hipnóticos/sedativos	0	6	3
h. alucinógenos	0	6	3
i. opióides	0	6	3
j. outras, especificar	0	6	3

- FAÇA as questões 6 e 7 para todas as substâncias mencionadas na questão 1

6. Há amigos, parentes ou outra pessoa que tenha demonstrado preocupação com seu uso de <i>(primeira droga, depois a segunda droga, etc...)</i> ?	NÃO, Nunca	SIM, nos últimos 3 meses	SIM, mas não nos últimos 3 meses
a. derivados do tabaco	0	6	3
b. bebidas alcoólicas	0	6	3
c. maconha	0	6	3
d. cocaína, crack	0	6	3
e. anfetaminas ou êxtase	0	6	3
f. inalantes	0	6	3
g. hipnóticos/sedativos	0	6	3
h. alucinógenos	0	6	3
i. opióides	0	6	3
j. outras, especificar	0	6	3

Nota Importante: Pacientes que tenham usado drogas injetáveis nos últimos 3 meses devem ser perguntados sobre seu padrão de uso injetável durante este período, para determinar seus níveis de risco e a melhor forma de intervenção.

8- Alguma vez você já usou drogas por injeção? (Apenas uso não médico)

NÃO, nunca	SIM, nos últimos 3 meses	SIM, mas não nos últimos 3 meses

Guia de Intervenção para Padrão de uso injetável

Uma vez por semana ou menos
Ou menos de três dias seguidos

Intervenção Breve incluindo cartão de "riscos associados com o uso injetável"

Mais do que uma vez por semana
Ou mais do que três dias seguidos

Intervenção mais aprofundada e tratamento intensivo*

PONTUAÇÃO PARA CADA DROGA

	Anote a pontuação para cada droga. SOME SOMENTE das Questões 2, 3, 4, 5, 6 e 7	Nenhuma intervenção	Receber Intervenção Breve	Encaminhar para tratamento mais intensivo
Tabaco		0-3	4-26	27 ou mais
Alcool		0-10	11-26	27 ou mais
Maconha		0-3	4-26	27 ou mais
Cocaína		0-3	4-26	27 ou mais
Anfetaminas		0-3	4-26	27 ou mais
Inalantes		0-3	4-26	27 ou mais
Hipnóticos/sedativos		0-3	4-26	27 ou mais
Alucinógenos		0-3	4-26	27 ou mais
Opióides		0-3	4-26	27 ou mais

Cálculo do escore de envolvimento com uma substância específica.

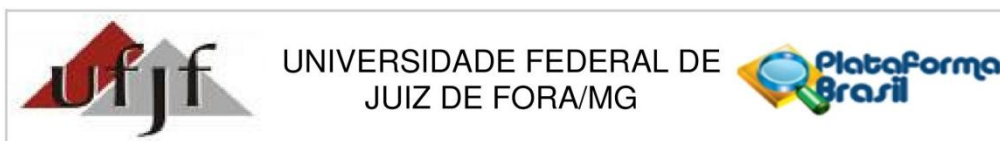
Para cada substância (de 'a' a 'j') some os escores obtidos nas questões 2 a 7 (inclusive).

Não inclua os resultados das questões 1 e 8 aqui.

Por exemplo, um escore para maconha deverá ser calculado do seguinte modo: Q2c + Q3c + Q4c + Q5c + Q6c + Q7c.

Note que Q5 para tabaco não é codificada, sendo a pontuação para tabaco = Q2a + Q3a + Q4a + Q6a + Q7a

6.5 Anexo B – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mecanismos de enfrentamento e o papel da religião na prevenção de recaída no uso de álcool e outras drogas: opiniões de egressos de uma Comunidade Terapêutica na cidade de Juiz de Fora/MG.

Pesquisador: PEDRITA REIS VARGAS PAULINO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01966112.4.0000.5147

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 385.075

Data da Relatoria: 05/09/2013

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto esta clara e detalhada de forma objetiva. Descreve as bases científicas que justificam o estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta clareza e compatibilidade com a proposta de estudo.

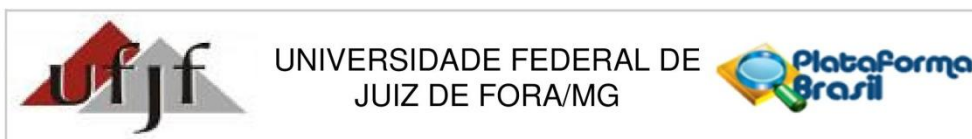
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo, considerando que os indivíduos não sofrerão qualquer dano ou sofrerão prejuízo pela participação ou pela negação de participação na pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 385.075

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto está em configuração adequada e há apresentação de declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável da instituição onde será realizada a pesquisa. Apresentou de forma adequada o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, a emenda ao projeto está aprovada, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: 28/02/2014

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela APROVAÇÃO a emenda ao protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

JUIZ DE FORA, 05 de Setembro de 2013

Assinador por:
Paulo Cortes Gago
(Coordenador)

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N	CEP: 36.036-900
Bairro: SAO PEDRO	
UF: MG	Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788	Fax: (32)1102-3788
	E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

6.6 Anexo C – Submissão artigo

Subject: Revista Ciência & Saúde Coletiva - Confirmação de recebimento de artigo
 Date: Sat, 27 Jul 2013 17:39:29 -0300 (BRT)
 From: Revista Ciência & Saúde Coletiva<cienciasaudecoletiva@fiocruz.br>
 To: claudia.marmora@ufjf.edu.br

Revista Ci?ncia charset=iso-8859-1">

Prezado(a) CLÁUDIA HELENA CERQUEIRA MÁRMORA

Informamos que o ARTIGO DE REVISÃO abaixo foi submetido à Ciência & Saúde Coletiva, constando sua participação como autor.

Artigo: _1269/2013_ - SÓ SEI QUE NADA SEI: UMA REVISÃO DE LITERATURA E MÍDIAS BRASILEIRAS SOBRE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

Caso não concorde com a sua participação nesse artigo favor entrar em contato para que possamos tomar as ações necessárias.

Atenciosamente,
 Maria Cecília de Souza Minayo e Romeu Gomes, Editores Chefes

Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Av. Brasil, 4036, sala 700 - Manguinhos - 21040-361 - Rio de Janeiro - RJ
 (21) 388-29153 e (21) 2290-4893 - Todos os direitos reservados para ABRASCO.

Desenvolvido por ZANDA Multimeios da Informa??o. [1]

Links:

[1] <http://www.zanda.com.br>